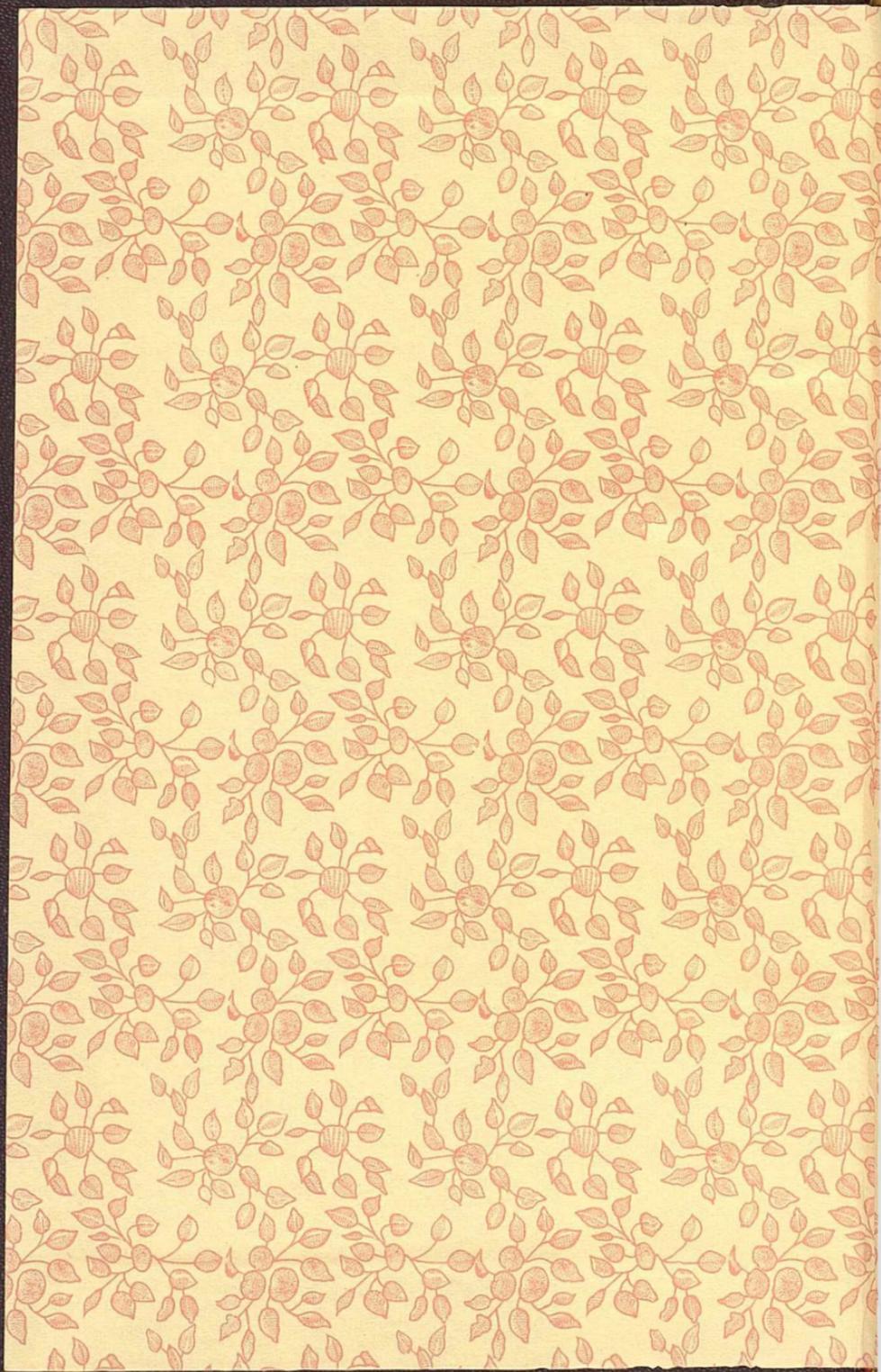


TO
TA
TO
D
EZ

7
176









CANCIONEIRO
PORTUGUEZ

POR

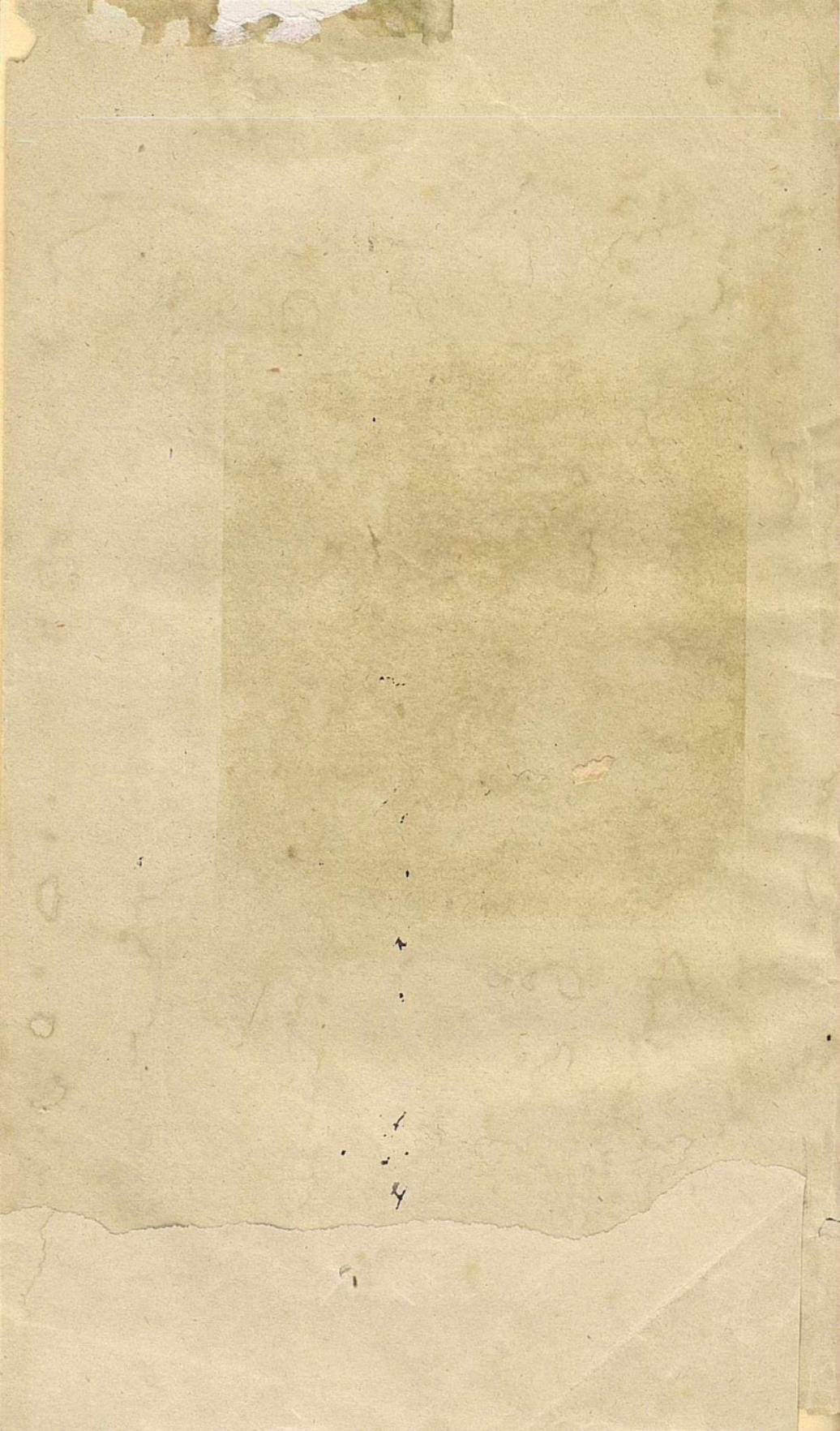
ANTONIO FRANCISCO BARATA

SEGUNDA EDIÇÃO MELHORADA E ACCRESCENTADA



COIMBRA
IMPRESA LITTERARIA
1878





CANCIONEIRO PORTUGUEZ ^B 132.576

Filipe Santos

POR

ANTONIO FRANCISCO BARATA



SEGUNDA EDIÇÃO MELHORADA E ACCRESCENTADA



-5 MAR 1973

OFERTA

COIMBRA
IMPRESA LITTERARIA
1878

«Sejam as memórias da patria que tivemos, o anjo de Deus
que nos revoque á energia social e aos sanctos affectos da nacio-
nalidade.»

A. Herculano, *Bobo*, no Panorama, v. 7.º, pag. 12.

COLMERA
IMPRIMTA LITTELANIA
1878

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

CONSELHEIRO

AUGUSTO CESAR BARJONA DE FREITAS

ANTIGO LENTE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA,
MINISTRO DE ESTADO, PAR DO REINO
E CONSELHEIRO DO TRIBUNAL DE CONTAS,
ETC., ETC.

como publico testemunho de gratidão

Ó.

O Auctor.

ANNUAL REPORT OF THE

COMMISSIONER OF

AGRICULTURE

FOR THE YEAR ENDING 1900
AND THE PROGRESS OF THE
INDUSTRIES OF THE STATE

1901

PRINTED BY THE STATE PRINTING OFFICE



1901

1901

Excellentissimo Senhor.

São já volvidos largos annos depois que vossa excellencia começára a honrar-me em Coimbra com sua amizade.

Mais tarde foi vossa excellencia chamado por seu talento aos conselhos da coroa, e eu attrahido a Evora pela purissima amizade de outro amigo.

D'aqui, d'esta capital transtagana, onde fiquei sem aquelle nobre character, é-me agradabilissimo escrever o nome de vossa excellencia á frente de um livro meu.

Não é o meu trabalho digno de tão elevado Mecenas, bem o conheço; mas, que muito que mal sazoados sejam os fructos da arvore silvestre frondente de ramos, que nenhum agricultor desbastára para que o sol da sciencia os amadurecesse?!

Quero que depois de mim conheça um filho, que tenho, que foi amigo de seu pae o talento mais vigoroso e brilhante de nossos dias, que deixará seu nome vinculado em Portugal ao Codigo Civil Portuguez, á Peni-

tenciaria e a muitos sabios decretos e leis do reino, e que ha de legar a seus filhos não o nome de Sejano ou de Tijelino, mas o de um Ministro de Estado, que duas vezes deixou o poder mais pobre do que fôra antes!

'Nestas palavras não ha lisonja, que essa melhor frisa em labios de aulicos; ha, pelo contrario, a expressão da verdade e a do

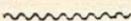
De vossa excellencia

gratissimo creado, amigo e o maior admirador

Evora, Março de 1878

Antonio Francisco Barata.

PROLOGO D'ESTA SEGUNDA EDIÇÃO



Custodio Jesam Baratta, em sua *Recreação proveitosa*, vol. 1.^o Prologo, escreveu o seguinte:—
«Entre as demais tentações que ha nesta vida, he hũa e não pequena a que nos leva e insita á composição de livros. Sabem uns resistir-lhe, outros afugentalla, outros livrão-se como podem; e emfim já hoje os que mais sabem se exhimem de tal sorte, como se fora commetter hum peccado, compor hum livro: por isso os que menos forças tem para resistirem sam os que mais depressa cahem.»

Mais de um seculo ha decorrido depois que isto se escreveu, e por grandes verdades são tidas ainda estas ideias. Sem poder absolutamente resistir á tentação de escrever, tenho a fraqueza de dar á estampa minhas composições. E não é por que eu não saiba que o auctor de um livro passa, aos olhos de muitos, como por um monomaniaco, endemoninhado, e mais que tudo, por inepto para outro mister, por simples que for.

Vê-se, portanto, que conheço os parceis do mar da publicidade.

Então para que escrevo e tento eu publicar meus escriptos?

Darei a razão aos homens sensatos que me lerem.

Escrevo para me não serem longas as horas de ocio, e dou publicidade a meus escriptos, por que não tenho forças para debellar a fraqueza de que falla João Baptista de Castro, escondido no anagramma de Custodio Jesam Baratta.

Uma razão me força tambem a reimprimir estas composições: é ter eu, egual ás publicadas, algumas canções, que desejo ver reunidas ás já impressas, visto que para mais cuidar de versos nem socego nem vontade tenho.

Bem conheço por outro lado que má vae a presente epocha para leitura de livros de versos; mas, tenho para mim, que, quando estes tratam assumptos de reconhecida utilidade, como os meus, qual é a de proporcionarem ao espirito e á memoria agradavelmente a historia patria, alguns ledores acharão ainda.

Arido e pouco attrahente é o estudo da historia: ministrado em pequeninos, com o encanto da harmonia e do rythmo, é de um patriotico pensamento realisação melhor.

Flores e amores, cabellos e dentes, pés delicados, collos de neve, dentes de jaspe, cinturas de aneis e formas aereas, bem é que se cantem, bem é que inspirem a pintores e a poetas. No labutar continuo da vida não ha homem algum, por menos culto que seja, que não devaneie amoroso, e não sinta entrar em sua alma como um balsamo consolador a poesia erotica, a idylica, a de pura abstracção. Mas tambem não ha portuguez que haja um tal ou qual conhecimento de sua nacionalidade, que não estremeça jubiloso, que se não eleve enthusiasta, que se não sinta capaz de commettimentos grandes com a leitura dos prodigiosos feitos de seus antepassados pelo orbe universo. Em toda a escala das virtudes humanas nos offerece a historia patria exemplares perfectissimos.

Se á poesia compete o preparar um futuro me-

lhor, não menos cabe a missão de cantar o passado e de exemplificar com elle.

Serão talvez no pensar de alguns ideias velhas estas; mas, se o são, muitos novos as professam commigo, de camaradagem com o fallecido Alexandre Herculano, que para este livro me deu a epigraphe, e não foi, por certo, dos peiores filhos d'esta boa terra de Portugal.

Termine este pequeno prologo escripto ha annos e a que nada accrescento agora, com uma das *Tre-zientas* de Mena:

«Si coplas ó partes ó largas dictiones
 No bien sonarem de aquello que hablo,
 Miremos al seso y no al vocablo
 Si sobran los dichos segun las razones:
 Las quales inclino só las correcciones
 De los entendidos a quien solo teman,
 Mas no de grosseros que siempre blasfeman
 Segun la rudeza de sus opiniones».

PROLOGO DA 1.^a EDIÇÃO DE 1866



Occupando na esteira social, em que vivo, o mesmo logar que tão nobilitado foi por Domingos dos Reis Quita (na *Arcadia Lusitana*, Alcino Micenio), Antonio Joaquim Carvalho e Francisco Antonio Gomes, e nascendo com alguma propensão para as lettras, bem era que eu addicionasse mais um nome ao pequeno mas notavel escholio d'artistas que ennobreceram sua classe, grangeando para si as attenções dos vindouros.

Inferior sem duvida ao menos talentoso dos tres, com os limitados recursos de minha intelligencia e de meus conhecimentos ahi vou lançar ao mar da publica leitura a minha sexta e provavelmente ultima publicação ¹.

Sem haver recebido educação litteraria, não sei se alguma cousa fiz nas cinco que dei á estampa, e se nellas, da primeira á ultima, haverá gradação constante de melhoria. Sei, sim, que em baixa conta as tenho, para só ver na presente, a unica que poderá mostrar meu aproveitamento.

¹ Não succedeu assim: na capa d'este livro se verão os demais trabalhos que me sahiram da penna.

PROLOGO DA 2.ª EDIÇÃO DE 1866

A vir a lume com este pequeno livro duas ideias me incitaram: a de convidar com o exemplo meus irmãos no trabalho a seu nome illustrarem, e a de mostrar as vantagens da poesia historica.

A poesia militar, a epica, aquella em que os rapsodos em primitivos tempos cantavam as glorias dos heroes, e mais tarde os bardos e os trovadores no seu divagar pelas habitações dos grandes, foi em todos os tempos elemento civilizador; pois que, relembrando as acções altas dos que passaram, convidava as novas gerações a saciar a ambição de renome na imitação d'esses quasi indigetes.

Bastos exemplos comprobativos podéra eu citar: fiquem, porém, aqui dous, já que tanto a ponto vêm.

Quando em 1655 os Holandezes, depois de dilatarem seus dominios nas muitas conquistas que fizeram, obstinados assediaram Colombo, cidade nossa na ilha de Ceylão; quando, depois de uma resistencia pertinacissimamente superior a elogios, perdidas já sete mil pessoas que á fome succumbiram, o capitão Antonio de Sousa Coutinho teimava brioso em defender sua praça, os soldados portuguezes, imitando seu

exemplo, cantavam sobre as muralhas, ou nas brechas que defendiam, as patrióticas estancias de Camões, procurando reverdecer com ellas o seu emmurhecido trabalhado valor.

Da historia ingleza é o outro exemplo.

Na batalha d'Hastings, ferida em 1066, em que Guilherme, o *Bastardo*, empunhou o sceptro da Inglaterra, os soldados Normandezes, para se animarem, cantavam em verso as proezas de Rolando.

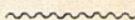
D'aqui resalta a vantagem da poesia historica.

Cumpre solicitar agora, para o merito ou desmerito do livro, a imparcialidade dos espiritos rectos.

Não se olvide o que presta no satyrisar do mau.

Terminando estas linhas, com um pedido será: Professores de instrucção primaria, homens que deveis dirigir, encaminhar bem os espiritos insipientes, que mais tarde darão fructos de poesia, pintura, musica; de estatuaria, mechanica, arte militar, de tudo; fazei-lhes ler e explicae-lhes o meu livro, para que esses fructos por vós bafejados, tenham o agradável sabor da independencia, da abnegação, da lealdade, do valor, e do sacratissimo amor da patria.

PARECER



Desejando eu entrar no mundo litterario á sombra amiga do lauri-c'roado poeta o Sr. Thomaz Ribeiro, sombra que não podia ser para mim a da mancinella, mas a de frondente cedro do Libano, alvo das attenções e visitas do viajor, diriji-lhe a seguinte carta :

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Thomaz Ribeiro

Por V. Ex.^a me haver considerado amigo, desde os bons tempos de Coimbra, tempos de saudosas alegres recordações, e por amentar a fineza que ao pouco ditoso Quita fizera um dia o Conde de S. Lourenço, procurando-o, conversando-o, estendendo-lhe mão amiga, transponho esperançado a porta de V. Ex.^a, para que se digne fazer-me o que áquelle meu collega fez o Conde, apresentando ao publico illustrado um homem que a seus grandissimos esforços deve unicamente os escassos conhecimentos que tem, e emittindo a respeito

PARECER

de meus escriptos o seu ponderoso juizo imparcialis-
simo.

Por tamanho favor eterna viverá em mim a lem-
brança do beneficio.

Benevolo acolheu S. Ex.^a a minha carta, envian-
do-me a resposta que adiante segue.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Thomaz Ribeiro

Por V. Ex.^a me haver considerado amigo, desde
os bons tempos de Coimbra, tempos de saudades ale-
gria recordações, e por amentar a linha que ao pouco
ditoso Quidam fizera um dia o Conde de S. Lourenço,
procurando-o, conversando-o; entendendo-me isto com
es- transpôdo esperando a porta de V. Ex.^a para
que se dige fazer-me o que áquelle meu collega fez
e Conde, esperando ao publico illustrado um homem
que á seus grandissimos esforços deve unicamente os
escassos conhecimentos que tem, e emittindo a respeito

Meu prezado Barata

É amavel o seu convite, e lisongeiro para mim ; mas, sobre ser-me grandemente embaraçoso acceder aos seus desejos, não lhe será por ventura inconveniente? Vão maus os tempos para apresentações litterarias, meu caro amigo ! Olhe bem para mim, que fui apresentado pelo nosso primeiro poeta, e não consegui cobrir-me com a sua grande respeitabilidade. O que elle fez, foi deixar-se metralhar em vez do seu afilhado. A aristocracia litteraria ou critica da nossa terra, não viu brazões no meu escudo, e não se dignou dirigir-me cartel. Se eu podesse dizer aos criticos sanguinarios da nossa terra o *in me convertite ferrum*, e deixal-o a coberto da sua ferocidade, dar-mehia por bem pago do meu empenho, e absolvio-o de seu temerario desejo. Não o creia, porém, e prepare-se; que se houver lucta, hão de procural-o e feril-o sem respeito ao companheiro, que lhe dá o braço, e sem ouvirem a desauthorisada voz, que o apresenta.

Cuidavamos nós, que todo o esforço d'uma grande vontade; que toda a laboração d'um trabalho difficil; que todo o producto d'um talento amadurecido ao sol das proprias fadigas e alumiado pelos clarões vasquejantes d'um estudo aturado e improbo, seria titulo para animações jubilosas, para recepções amoraveis, para admoestações esclarecidas e amigas; e em todo caso para respeito de confrades, quer no elogio, quer na censura. Pois não é.

Sei que ha critica justa e apreciavel. Tenho-a mesmo entrevisto, e entreouvido no meio da tumultuosa gritaria dos atrabilarios, que apupam e asso-biam os neophitos, que veem para elles, com os braços abertos e a anciedade no rosto, e que muitas vezes, se não tem orgulho que reaja e os sustente, sahem corridos e amedrontados para nunca mais voltarem.

Vae sendo isto entre nós! que tristeza e que des-crédito!

Eu nunca vejo as toiradas do campo Sant'Anna. Condoe-me a lucta com as feras; condoe-me ainda mais a alegria delirante dos espectadores. São sempre os circos de Roma com toda a sua embriaguez hedionda; falta a fereza dos leões numidas e a coragem dos luctadores. Não é que os costumes estejam melhores; estão degenerados. Pois fui hontem ao Campo de Sant'Anna! Levou-me lá o amavel convite d'um amigo, e a tentação diabolica d'um cartaz, em que se annunciavam duas *sympathicas toreras*, uma

das quaes, condecorada por S. M. Catholica!!!! Fui, para ver por meus proprios olhos, até onde tinham descido as mulheres, e as condecorações.

Com effeito vi, viram milhares de espectadores, viram os *homens do forçado*, viram os *campinos*, viram os *moços do curro*, viram os homens do *sol* e os da *sombra*, viram SS. MM. e Altezas, duas mulheres de carne e osso, nem bonitas, nem elegantes, nem sympathicas, escarranchadas sobre dois cavallos de osso sem carne, mettidas e acunhadas n'umas singulares sellas de picaria. Esquecia-me dizer-lhe que do peito d'uma d'ellas pendia a sobredicta condecoração.

Contar-lhe como eu tive alli dó do bello sexo por se ver tão amesquinhado 'naquellas suas representantes... Perdoem-me as pobres *toreras* o tom desdenhoso com que fallo d'ellas! Sei eu por ventura que destinos as levaram alli? Se 'naquillo ha degeneração, é menos das pobres mulheres, do que da sociedade, que as applaude, e as condecora depois de as haver perdido!

E, para que hei de eu fazer sempre de moralista, sem ninguem me ter encommendado os sermões? quem sabe mesmo se o grande typo da mulher é aquelle? Será. Isto de teimas em crer que as mulheres foram só feitas para o bem e para a paz, vae-me parecendo insistencia tresloucada. Seja o que for, eu detesto as amazonas e as *toreras*.

Vamos ao meu caso.

Quando eu presenciava a toirada do Campo de Sant'Anna, sabe o meu amigo em que estava pen-

sando? No seu livro, na critica, fallo da critica estre-
pitosa e feroz, em si, e em mim. Ora repare nas boas
semelhanças, que eu alli fui encontrar.

O programma, o prospecto, o cartaz, como qui-
zer, annunciava as *toreras* para o quarto boi. Corrido
o terceiro, houve aquelle silencio precursor da tem-
pestade, que conhecem os nautas, e os heroes, e os
frequentadores da praça de Sant'Anna. Os olhos todos,
voltados para uma porta baixa, fronteira ao camarote
real, e as damas debruçadas dos camarotes, e os ho-
mens anhelantes e curvados, e as respirações compri-
midas, e as bôccas semi-abertas, tudo me dizia, que
um grande acontecimento ia ter logar alli, 'naquelle
recinto, diante dos meus olhos!

Abre-se a porta, apparecem as *toreras*!.. Oh! meu
querido Barata! O que eu vi e ouvi, nem se pinta
nem se escreve. Era uma gritaria selvagem, uma con-
fusão babilonica, um silvar e bradar de injurias ensur-
decedoras, desde o gemido do leão, até o assobiar da
serpente, um concerto hediondo de chufas e de vaias,
e d'uns cumprimentos e protestos mais injuriosos, que
as injurias. As *toreras* vinham acompanhadas e guía-
das por um bandarilheiro hespanhol.

Veja agora este espectaculo transformado no thea-
tro da minha imaginação. Em vez de se esperarem as
toreras, condecoradas por S. M. Catholica! espera-se
o meu amigo *Barata* e o seu *Cancioneiro*. Abre-se a
porta da imprensa, e entrâmos na praça enorme e te-
merosa da publicidade, o meu amigo, o seu livro, e

eu. Eu, esquecia-me dizel-o, sou o hespanhol bandari-
lheiro.

A critica desembaraçada, a critica chocarreira, a critica bonacheirona, que tem dichotes engraçados, que faz estalar as ilhargas com riso, a critica dos *homens do sol* em fim, essa, ainda sem saber se ficará contente; se tem diante de si algum merito individual, ou alguma utilidade social; se vale a pena ver ou ouvir para julgar depois, essa, aguça logo a trilingue, e começa o côro infrene, selvatico, horripilante, dos apodos mais vis, e das mais refinadas injurias!

A critica séria e sincera, conscienciosa e illustre *está á sombra*. Consta, mesmo, que se quer demittir do seu emprego, principalmente por dous motivos. Primeiro, por que já não pôde obter a palavra no meio d'aquelle *charivari* degradante. Segundo, por que os *criticos do sol*, na sua semcerimonia, costumam dispensar-se d'uns certos cuidados de aceio e de limpeza, e teimam sempre em apertar a mão aos seus *collegas da sombra*.

A verdade é, meu amigo, que nos nossos toiros, como na critica litteraria, as unicas vozes que se ouvem, são as *do sol*.

Era 'nisto que eu pensava, e foi esta a primeira similhança, que eu achei na praça do Campo de Santa Anna.

Prosegue a toirada. O prospecto annuncia, que a bandarilha condecorada ha de picar um toiro a pé. O cavallo porém desboca-se, joga uma cabeçada vio-

lenta, e esmaga o nariz da pobre rapariga, que tem de appear-se para ir estancar o sangue, que lhe sae em golfadas. O *sol* impacienta-se e agita-se, pedindo a desafortunada; ella vem, mostra o seu desastre, desculpa-se, e volta para as mãos do seu medico. O *sol* desatina, clama, uiva, blasphema. A *sombra* agita-se, e proclama contra a ferocidade do *sol*; o tumulto cresce; as senhoras desmaiam; os homens ensurdecem; os moços da agua fresca derramam-se pelas trincheiras falsas; os lenços e os chapéus agitam-se. O boi pára attonito! Os homens do forcado encostam-se ao seu bidente; os campinos assentam-se nas portas do tourel; a auctoridade ordena por gestos a sahida do boi; o *sol* sobe ao zenith da sua indignação; mas o boi é recolhido, e o miserando *sol* fica d'esta vez ás escuras.

Voltemos agora ao theatro da minha imaginação. Transfigurou-se o quadro: agora o *sol*, o mau, o injusto, o tyranno, é o meu Barata, e a bandarilheira sou eu!

O prospecto annunciava, que no seu livro appareceria uma carta minha; de balde lhe tenho mostrado os meus *ferimentos* e a impossibilidade em que estou de lh'a escrever! — «A carta!» — clama o meu amigo, «a carta!» — E não haver auctoridade, que me salve da sua tyrannia!

Pois saiba, que me salvo eu! Não posso. O — *non possumus* — é o grande esteio da moderna diplomacia.

E, creia-me, é-me doloroso não acceder ao seu

benevoló convite, e mais por mim, que por si. O moderno *Quita*, o trovador popular, o salvador das nossas glorias tradicionaes, o colleccionario das nossas lendas e balladas, offerece ao seu paiz um tão valioso trabalho e é já tão familiarmente acolhido dos ledores da sua terra, que não precisa da minha voz amiga, por auctorisada que ella fosse, para o apresentar no mundo litterario. O seu grande merecimento está menos no que faz, que é muito, do que na razão por que o faz.

O homem que entra na sociedade, e acha 'nella os meios necessarios para se educar, pôde ser grande, muito grande, mesmo; porém o que nasce e cresce desprotegido de todos e de tudo; quem tem de trabalhar, dia e noite, em mister modestissimo e inglorio, para prover ás mais instantes necessidades da vida material; e que, sem livros nem mestres, e sem tempo, e sem animações, vae ouvindo e colhendo, aqui e além, na palestra familiar, ou na discussão academica, onde o acaso ou o proposito o leva, uma ou outra vez, e a que assiste no mais modesto lugar, entre os espectadores, que ninguem vê, um preceito de doutrina, uma phrase modelo de bom estylo, uma concepção philosophica, uma verdade historica, uma tradição gloriosa, uma preciosidade litteraria, para, com estes sobejos dos opulentos, ir enchendo o seu modesto mealheiro espirital, e preparando e governando a riqueza futura do seu coração, e da sua alma: que trabalha, desde creança, de si para si, no laboratorio

solitario do seu íntimo : que é, a um tempo, seu mestre e seu discipulo, impulso e meta, lapidario e brilhante, obreiro e obra, esmero e assumpto, para, em verdes annos ainda, nos apresentar um livro, como o seu *Cancioneiro*, esse homem é maior que o muito grande ; é portentoso !

Os que souberem apreciar as enormes luctas do seu talento hão de adoral-o. Os outros . . . os outros hão de calar-se, ou injurial-o sem o lerem ou sem o entenderem.

Cada um a seu modo, ha de prestar homenagem ao seu talento. Descance.

Os seus versos, sobre revelarem um aturado e consciencioso estudo dos nossos chronistas, livros velhos e pardos, em que d'antes com tanto amor se passiam os olhos dos estudiosos, e em que hoje se cançam e enfadam as *lunetas* dos elegantes, são, por vezes, ricos de descripção, e de colorido.

Embora lhe esteja escrevendo uma carta singela, só para si, e não a critica ao seu livro, deixe-me indicar-lhe alguns, que, entre todos, escolho e prefiro.

Do *Abbate João*, já eu lhe disse alguma cousa, quando escrevia no *Commercio de Coimbra*, onde esses versos foram publicados. Acho no *Cerco de Celorico*, o vôo da aguia salvadora 'nestes versos cheios de verdade. É a pag. 31 :

.....
«Quando além, d'aquella baixa,

Uma aguia se viu erguer.

Ligeira cortava os ares
 Da praça na direcção ;
 Apertada a garra adunca,
 Nas azas toda a extensão,
 Como quem se chegar tarde
 Póde não dar salvação.»

Encontro na *Padeira de Aljubarrota*, poemeto,
 cuja dedicatória do coração lhe agradeço, o revoltear
 da peleja pintado 'nestas formosas quadras :

«E no immenso torvelinho,
 E das lanças no estalar,
 E no rechino das settas,
 Das espadas no brilhar,

E dos trons e das bombardas
 Nos roucos sons d'atroar,
 E dos ardegos ginetes
 No estridente relinchar ;

E nos remoques e pragas
 Que alli se ouviam rogar,
 E nos gemidos d'angustia
 Dos que estavam a expirar;

Se via a cópia do inferno,»

.....

Aqui ha côres e vozes, luz e harmonia. O pensa-
 mento sahio inteiro e feliz,

Ainda uma descripção, ou antes esboço rapido, onde ha galas e ternuras. É no *Conde dos Arcos*: estamos na ultima toirada de Salvaterra :

«Cavallos e cavalleiros
Nunca se viu cousa assim !
Os brasões de seus maiores,
Na gualdrapa do sellim ;
A espada, em forro de prata,
Pende de rico telim :

Velludos, rendas e cassas,
Seda e ouro em profusão ;
Penachos de finas plumas
Tremem pendidos ao chão ;
Muita alegria nos rostos,
Muita fé no coração :

Muita firmeza nas sellas,
Em muitos peitos valor ;
Nos homens muita loucura,
E nas bellas muito amor :
Tal essa gente aguardava
Um drama de pranto e dôr !»

Não transcrevo mais. Estes excerptos bastam para lhe provar, que li com cuidado as folhas avulsas, que me foi enviando, á proporção que iam sahindo da imprensa.

O seu livro tem defeitos, devo dizer-lh'o tambem, e eu sei, que hade aceitar as admoestações d'um

amigo, que ha tantos annos o conhece, e o estima. A metrificacão parece, uma vez por outra, descurada, e aqui e alé, menos o conceito, que o estylo, descahe em familiaridades, nem sempre poeticas.

Talvez, tambem eu no seu caso me tivesse abstando de escrever o *D. Alvaro Vaz d'Almada*, ou a *Batalha d'Alfarrobeira*. O Sr. Ignacio Pizarro tinha tão recentemente, e com tão boa acolhida, escripto no seu Romanceiro o *Conde de Abranches*!.. Em fim isso não foi senão uma temeridade. A propriedade litteraria não chega nunca á propriedade do assumpto.

A maior parte dos nossos homens grandes são em grande parte o transumpto da educaçã. O meu amigo Barata é só o transumpto da sua grande vontade.

Homens assim, não tem craveira por onde possam medir-se, e são o maximo argumento de que a humanidade é grande.

Sinto não poder escrever-lhe uma critica no seu livro, desculpe-me com os seus leitores, uma vez que a elles me annunciou; e, se tanto quizer, auctorise-se na desculpa com esta carta.

Aperta-lhe a mão e abraça-o cordealmente o

Seu sincero e velho amigo

Lisboa 23 de Abril
de 1866.

Thomaz Ribeiro.

Juízo critico

Pouco depois de publicada a 1.^a edição d'este livro em 1866, appareceu na *Gazeta de Portugal* de 19 de Junho, redigida pelo sr. Teixeira de Vasconcellos, amigo e mestre do auctor d'elle, o magnifico escripto do sr. E. A. Vidal, poeta querido e litterato estimado, que, com a devida venia a sua excellencia, aqui transcrevo por gloria de ambos, diga-se assim : do mimoso auctor das *Mães*, por me haver alentado o espirito com seus conselhos prudentes, minha, por me ver honrado com apreciação tão magistral :

CANCIONEIRO PORTUGUEZ

POR

A. F. BARATA

Acaba de me chegar á mão um livro ultimamente publicado em Coimbra, de que não sei se a nossa critica se occupará tão cedo, mas de que me cumpre a mim dizer duas palavras, por circumstancias diversas.

O livro a que alludo intitula-se *Cancioneiro Portuguez*, e vem firmado por um nome ainda pouco co-

nhecido na republica litteraria da nossa terra, que é, digamol-o de passagem, como todas as republicas, uma especie de oligarchia disfarçada, e nada mais.

O moço poeta que se apresenta, o sr. Antonio Francisco Barata, é um homem que teve a infelicidade de vir a este mundo, com a sina do talento e a má fortuna que quasi sempre acompanha os predestinados. Exercendo na vida o inglorio mister do nosso grande arcade, Domingos dos Reis Quita, tem de coadunar, se é possivel, a deslavada prosa do seu officio com os impetos da sua inspiração nativa. Faz pena, na verdade, o esquecimento atroz, o desprezo vergonhoso a que parecem votados os homens de intelligencia.

Relanceemos a vista pelo paiz inteiro, e nem um exemplo encontraremos de quem quer que seja, que, pelo brillantismo do seu talento, attrahisse o olhar desgarrado dos que deveriam, como Job, arrancar dos dentes da injustiça a presa que ella dilacera. *Conterebam molas iniqui et de dentibus illius auferebam prædam*. Não sei se em toda a parte correm as cousas igual destino; quer-me parecer, porém, que a nossa terra se avanta a todas as demais, em tão singularissimo genero de iniquidade.

Dando de mão a este assumpto, e sem querer que o poeta me condemne injustamente, por eu pôr em soalheiro a sua vida, direi o que julgo a respeito do *Cancioneiro*, tanto em relação á indole como á fórma. Thomaz Ribeiro, 'nalgumas linhas que precedem o livro, sem fazer d'elle uma verdadeira critica, aponta, com-

tudo, alguns dos trechos mais notaveis, e deixa firmado o seu auctorisadissimo voto.

Eu farei o mesmo, pouco mais ou menos; passarei rapidamente as paginas d'este poema, tão nacional e tão sympathico, indicando os lanços que melhor impressão me fizeram.

A critica sã e valida que nós por ahí temos de atalaia, e que se tresnoita e desvella em defender os arraiaes da patria, em quanto os regalões da gloria dormem sobre os seus louros em monte, a critica, digo, ha de algum dia estabelecer o que o livro vale, e aquilatal-o definitivamente. A ella cumpre tal cousa; eu digo apenas o que sinto, com a despretenção do homem que sabe o pouco que é, e o nada a que tem direito.

O *Cancioneiro* do sr. Barata é um repositório de feitos epicos e de lendas extremamente poeticas. Do nosso passado cavalleiroso e heroico, tirou o escriptor substancia para os seus romances populares. O que elle teve em vista, dando a publico este livro, dil-o claramente o rasgo que adoptou para a epigraphe:—
«Sejam as memorias da patria que tivemos, o anjo de Deus que nos revoque á energia social e aos santos affectos da nacionalidade.» O poeta julga ver 'nesta commemoração das bizarras antigas e dos extremos valerosos, um estimulo, um impulso dado ao povo para a independencia, e para o amor sacratissimo da patria. Eu não sei se a poesia deve hoje tomar essa tarefa; as nacionalidades mantem-se agora pela vontade dos

tímoneiros políticos. Não ha levantar os collos nem quebrar os jugos pelo magico poder da estrophe; a servidão estorce-se sob a manopla da tyrannia, e é imponente o canto do poeta contra a garra dos Mourawieffs coroados. Relembrae a todos esses paizes que aneam pela liberdade, relembrae-lhes em cantos enthu-siasticos toda a bravura, toda a gloria do seu passado; inflammae-lhes os brios, ponde-lhes em frente um Koerner, um Petoefi, um poeta e soldado ao mesmo tempo; o que fareis com isso tudo? Uma hecatombe, um vasto mar de sangue onde o tyranno retingirá a purpura desbotada pelo sol das batalhas.

A poesia tem agora uma missão mais ampla; em vez de se restringir ao lar, deve diffundir-se, deve universalisar-se. O poeta é comopolita. Ha uma cousa melhor e mais santa que o passado: é o futuro. Por esse e para esse é que o poeta deve lidar com o afferro, com a pertinacia, com a obstinação do convencimento.

O passado é da historia; os povos devem acatar as gerações que foram, e que apparelharam os caminhos para as modernas conquistas; deve acceitar a herança de avós para a legar mais prestadia a seus filhos. Trabalhemos para o futuro; na frente d'esta cruzada de civilisadores o poeta caminha de lyra em punho. Caminhemos para a aurora; a aurora é a paz, é o progresso, é a fraternidade, é o direito. Regeneremos a humanidade moralisando os oppressores, em vez de concitar os opprimidos.

Isto é o que eu penso a respeito da poesia, a que poderemos chamar *historica*, e de que o sr. Barata é um esperançoso cultor. Sem me parecer que de tal genero possam provir as consequencias salutaes presupostas pelo poeta, não ousou todavia regeital-o; acceito-o como manifestação da arte, e avali-o segundo a fórma.

É d'esta que fallarei agora.

A fórma, como todos sabem, é uma cousa secundaria no poema; é para a inspiração o que a roupagem é para a belleza. Mil versos cadenciados pelo mais rigoroso pendulo, mas onde o sentimento é nullo e o enthusiasmo prohibido, não valerão nunca, por mais que os mestres o affirmem, a singela estrophe, que se ergue expontanea do coração, embora menos cinzelada, e sem eguaes extremos de apuro. D'isto não inferirá ninguem ao certo, que eu proclamo a anarchia metrica, Deus nos livre de similhante cousa; eu sou, pelo contrario, um dos que mais devotamente acatam a fórma, e que mais lamentam o menospreço em que a têm os nossos poetas, digo apenas, que os *tours de force* com que muitas vezes se occulta a impotencia imaginativa, não têm para mim o valor subido com que por ahí vem á praça, na boca cheia dos pregoeiros.

A poesia tem suas regras fundamentaes, seus preceitos inaleanaveis, suas bases indestructiveis; não ha fugir dos eternos principios da harmonia; a versificação deve de ser para ella como o desenho para a pintura. Os Rubens podem, é verdade, distinguir-se

pelo vistoso do colorido, mas não deixam por isso de contornar e tracejar como mestres; La Fontaine pôde primar pela frescura da inspiração, mas não carece, para ser grande, de versificar como Colardeau ou Gresset.

Quem poder conciliar o esmero da fôrma com os altos arrojos ou com as effusões sentidas, esse tal será para a poesia o que foi Rafael para a pintura. Taes factos, porém, são rarissimos. O acabamento irreprehensivel é filho sempre de um lavor pertinaz, de um esmerilhar paciente; quando o fogo divino rebenta, o espirito levanta-se a tal altura que não pôde attentar nas maculas que muitas vezes ensombram as creações mais primorosas.

Lamartine começa um dos seus bellos poemas por uma cacophonia horrorosa; Pitt, no maior entusiasmo da sua eloquencia, espostejava a grammatica; Bossuet era incorrecto na construcção, e Milton, segundo a phrase de Ben-Johnson, escrevia em lingua babilonica. Isto não é provar que os affeitos e os desdoiros sejam inherentes aos escriptores de primeira grandeza, é lembrar só que nas obras mais notaveis não raro falta a ultima demão pachorrenta.

Entre nós, as lavas da inspiração flammante têm chamuscado a muitos a craveira metrica; poucos afinam a lyra pelo diapasão bocagiano.

A fôrma sã e polida, a que sem ter ido oito vezes ao crivo apparece, comtudo, senhoril e elegante, essa é a que entre nós vae cahindo em desuso. Podem as

brunaduras dos mestres significar, como eu creio, a completa ausencia de faculdades creadoras; mas o desleixo insolente na metrificacão, o desconjuntado nas pausas, o desnatural nas rimas provam tambem, pela sua parte, que o poeta ignora os rudimentos, as primeiras noções da arte.

No livro do sr. Barata, felizmente, não temos a censurar estes aleijões medonhos.

Ainda que a espaços se nos depare este ou aquelle verso desprimoroso, sente-se, no correr do livro, que o poeta possui o ouvido metrico, e o segredo da harmonia.

Nas descripções tem elle côr verdadeira, e quadros ha em que as figuras estão tocadas magistralmente. No *Conde dos Arcos*, por exemplo, são lindas estas sextinas:

« Os forcados e os capinhas
Que bem vestidos estão!
Seus fatos á castelhana
Airoso garbo lhes dão;
Cabellos bem penteados,
Capa vermelha na mão.

« Cavallos e cavalleiros
Nunca se viu cousa assim!
Os brasões de seus maiores,
Na gualdrapa do sellim;
A espada, em forro de prata,
Pende de rico telim.»

Em genero differente temos estas quadras que não deixam de respirar um certo perfume dos nossos velhos romances :

« Um dia em que D. Auzenda
No seu jardim passeava,
Eis que ao colher uma rosa
Busina ao longe soava.

« Era então no mez das flores,
Rescendia o jasmineiro,
Por entre moutas de trevo
Do nardo saía o cheiro.

« Á sombra de fresca rama
D. Auzenda se assentou,
E olhando a flor com ternura
Depois no seio a guardou.»

No *Cerco de Celorico* ha tres estrophes que dão a lembrar a energia e vigor que caracterisam os versos do auctor do *Pavilhão negro* :

« Já não havia comidas
Nem agua para beber,
(Tão apertado era o cerco
Para um homem se render !)
Quando além, d'aquella baixa,
Uma aguia se viu erguer.

« Ligeira cortava os ares
Da praça na direcção ;

Apertada a garra adunca,
 Nas azas toda a extensão,
 Como quem se chegar tarde
 Póde não dar salvação.

«Sobre a altura do castello
 Por algum tempo pairou ;
 Depois desceu, foi descendo
 Té que mais perto chegou,
 E das garras formidaveis
 Uma truta ao chão lançou.»

Por estes pedaços que eu ahí transcrevo, ao acaso, vê-se que o sr. Barata é um poeta de relevante merito, e que póde com o tempo e a perseverança do seu character conquistar um logar honroso na nossa litteratura.

Homens do seu engenho e da sua tempera, d'estes para quem os obstaculos são impulso e as difficuldades convite; homens que se não curvam como o vime ao primeiro sopro de desdita que os fustiga, e que se aprumam floridos e isemptos, em quanto as tempestades rugem de involta; homens taes progridem sempre, porque ha n'elles o grande mobil, a grande força, a grande causa dos maiores commettimentos.

Lembre-se elle d'aquelles bellos versos de Tolentino ao seu predecessor Quita :

«Foi este o famoso Quita,
 A quem triste fado ordena,

Que a fome lhe traga o pentem;
E da mão lhe tire a penna.

«Em quanto na suja banca,
Pobre tarefa tecia,
Seu espirito sublime
Sobre o Parnaso se erguia.»

E erga sempre o seu espirito o auctor do *Cancioneiro*; o que escreve estas palavras tem o direito de pronunciar o *surge et ambula* do apostolo, e de prégar a lucta contra a fatalidade. Ha uns certos conegos litterarios, d'estes que refocilam a obesidade patriarchal sobre os macios frouxeis que lhes deu a patria agradecida, que, quando saem d'aquelle manso arrobo dos sentidos em que por habito permanecem, põem no chão os olhos da real benignidade, e resmungam o famoso *caminha, caminha*, para os que começam o labutar no monumento do futuro. Se se lhes pede a mão para auxilio, e o conselho para bussola, cabeceam com um sorriso protector nos labios, e adormecem a repetir *caminha, caminha*, elles, que não quizeram quebrar a grilheta aos ferropedados do destino.

Estes são os Senecas modernos, os que em meio da opulencia e da abastança glorificam a pobreza; os que esparralhados na camara do nosso chaveco litterario, incitam á manobra a marinagem estropeada.

E não ha senão luctar e progredir; topar com um obstaculo é saber que se caminha. A estrada da gloria quer-me parecer que é de todo o ponto semelhante á

da virtude ; para chegar ao paraizo do Dante é preciso atravessar como elle o inferno, e rasgar os pés nas urzes da vida.

Estude o sr. Barata, cultive o seu espirito já tão cheio de galas e de flores, retempere o animo de continuo, procure o trato dos bons modelos ; e se o seu talento pende decididamente, como eu creio, para este genero de poesia, legendar ou historica, deixe-o seguir o seu curso natural, ponha mão na rica seara d'onde Garrett colheu tantos respigos, afira-se por esses padrões nacionaes, e enriqueça com as suas colheitas os celleiros da nossa poesia popular.

Os Burgers e os Scotts se não tem, para mim, uma notavel importancia civilisadora, tem sempre uma eminente significação litteraria.

E. A. Vidal.



CANCIONEIRO PORTUGUEZ

FILIPPE D’AFFONSECA

Frisam bem os verdes annos com os commettimentos grandes, com empresas arriscadas, com façanhas aventurosas. Tudo isto pôde a idade madura; mas, tem ella por si a prudencia, bussola certa de seu procedimento, que a desvia da rota parcelosa da incertezá e do risco.

Famoso é o feito de Philippe d’Affonseca nos livros de nossa historia, e humilhante nos annaes das derrotas persas na Asia.

Nascera, porém, a victoria de uma falta commettida. Em vez da coroa de louros devia o bravo moço cingir a alva ignominiosa do condemnado! Transgredira as leis militares o valente Philippe d’Affonseca; mas, em estorno, trouxera mais uma victoria, louros para si, gloria para Portugal!

Louvor merece o feito do esforçado mancebo, e não menos o proceder do valente capitão Ruy Freire de Andrada, em cujos «*Commentarios*» se lê a proeza.



«A. Manlio Torquato na guerra com os Gallos mandou matar seu filho, por ter contra sua ordem pelejado contra o inimigo,» lê-se em Sallustio, traduzido por Barreto Feio. Não é muito, pois, que Ruy Freire assim procedesse. Mas, não poderia perdoar este ao mancebo vencedor? Podia, porque antigo dizer é: «ao vencedor não se pedem contas.»

A ponto vem o caso que se attribue a Gonçalo Fernandes de Cordova, o «*grande capitão*,» que sendo governador de Napoles e da Sicilia, por D. Fernando de Castella, e mandando este tomar-lhe contas de sua administração e das despezas da guerra, aquelle só apresentára um mólho de chaves das praças por elle entradas, e dissera eram aquellas as suas contas, d'onde talvez nascera o dito — «*contas de grande capitão*.»

Ruy Freire perdoou e galardoou os serviços do moço.

Nas trovas seguintes se canta o feito assignalado:

Ao exm.^o sr. Antonio Feliciano de Castilho, mentor da nova escola de poetas; mestre d'aquelles que já levantaram, como eu levantei, o marco da terceira década na carreira da vida; mimosissimo metaphrasta de Anacreonte e de Ovidio; prosador vigoroso e admiravel de nossas lendas e seus amores; primeira lyra hymnica do nosso paiz; apostolo da civilisação do nosso povo e iniciador do ensino humanitario das creanças, offereço eu esta composição.

Flor de mattos que ninguem desbrava, enfezada é ella e sem aromas. Aceite-a assim o mestre. No ramo de jasmins e rosas fica por vezes bem a flor campestre.



FILIPPE D'AFFONSECA

1622

I

Já decahia nas Indias
O poder de Portugal,
Já Hollanda sobre os mares
Se nos mostrava rival,
E até mesmo Albion potente
Nos fazia grande mal.

Mas se essas duas potencias
Tinham forças juvenis,
E para o chatim gentio
Manhas, trapaças e ardís,
Portugal ainda lá tinha
Muitos braços varonis.

Portugal ainda creava
Mui esforçados varões,
E mandava a todo o mundo
Alterosos galeões,
Que subjugavam no Oriente
Essas extensas nações.

Tremiam d'elles piratas
De Lisboa até Macau ;
O malabar e o malaio,
O cafre avarento e mau,
Nem lhes media a pujança
O mais altivo parão.

E curvado ao jugo hispano
Portugal na escravidão!
Os dias de maior gloria
D'esta esforçada nação,
Tinham passado, qual fumo
Ante o sopro do tufão.

Mas, não sohe a heroicidade
Rapidamente expirar:
Como dos vasos thuricremos
Quando o fogo se apagar,
Já não mais nuvens de incenso,
Mas hão de aromas ficar!

II

Fôra Ruy Freire de Andrada
Por famoso capitão
De uma armada poderosa
Contra crentes do alcorão,
E de imigos que na Arabia
Vexavam esta nação.

Do primeiro dos Filippes
Que a este reino chamou seu,
E que, por desgraça nossa,
Alguns annos nos regeu,
Acertadas providencias,
Bons conselhos recebeu.

Dobrado o Cabo famoso,
Que Camões eternizou,
Passada além Moçambique,
Onde algum tempo quedou,

Soprando os ventos propicios
Em Ormuz alfim pojou.

A tres leguas d'esta praça
Uma ilha fertil jaz,
Mui defensavel na guerra,
Muito abundante na paz,
Onde grande fortaleza
Construir em breve faz.

Queixome tinha por nome,
E a fortaleza o tomou;
Mas, nunca de lusitanos
Uma só queixa soltou,
Antes feitos nunca obrados
De taes heroes exaltou.

Já da Arabia um grande exercito
A praça vem sitiár;
Já com perdas enormissimas,
Debalde a tentam entrar,
E ao Cão do Xirás promettem
Todos elles captivar.

Mas, não cede á maura gente
A nossa de Portugal;
A praça resiste e offende
Fazendo-lhe immenso mal,
Porque sempre os portuguezes
Venceram sem força equal.

Que o digam campos d'Ourique
De Lisboa e Santarem,
Diga-o mais Aljubarrota
Que o ficou sabendo hem,

E attem os mundos
Esta verdade tambem.

III

De dezembro era o mez : em mais de meio
Tardo corria para o fim d'esse anno ;
Nos valles pelos persas occupados
Branca bandeira tremulára um dia.

No baluarte Santiago exalçada
Bandeira de paz foi. Pelas muralhas
Mandou o capitão com bom aviso
Postar a guarnição. Um mouro esbelto
Vestindo sedas, ouro e pratas lúcidos
Do contrario arraial ao baluarte
A direcção tomou. Chegando á falla
Ergueu por esta fôrma a voz troante :
— Do propheta Mahomet sanguineo laço
Me aparenta a honra : filho da fama
Com estas armas provarei no campo
A alguém que me sahir esta verdade :
O premio do vencedor serão as armas,
E a cabeça será de quem vencido.
Do grande Abdulacão licença trago ;
Seguro é o campo persa ; ahi vae a luva. —

O estranho desafio mil guerreiros
Ao combate chamou ; todos no campo
Pretendiam negar ao persa insolito
A cobarde asserção com mão armada.
Perplexo o capitão, ora lembrava
Da lucta para si colher a gloria
Ora dos nossos um qualquar soldado.

Assim, da indecisão em que se achava
Filippe d'Affonseca o descaptiva.

Annos dezoito só contava o moço,
Em Lisboa nascido. Resoluto
Ao forte capitão fallou dest'arte :

*Aos valentes soldados entreprezas
Devem ser dadas de maior renome :
A mim, bisonho ainda, é que compete
Ir contas ajustar com esse pèrro ;
E, a fé de portuguez, que do combate
Inteiras as darei ou morto ou vivo.*

Apoiado não foi tão nobre empenho ;
Mas Rui Freire d'Andrada ao valoroso
Filippe d'Affonseca com bons termos
A firmeza louvou, e assim lhe disse :
— Cair deve a eleição em mais idade ;
Em serviço d'El-Rei não falta o tempo
Para coragem demonstrar um bravo. —

Triste se fôra o despedido moço
De Andrada ao quarto : alli, vestindo a occultas
Uma cota de malha, na cabeça
Põe fino morrião, toma um estoque,
Embraça uma rodella e sae ao campo.

Genio dos fortes dá-me sons altivos
Para a lueta contar condignamente,
Em quanto a guarnição pelas muralhas
Admira extatica a bravura d'ambos !

IV

Bem como os ventos contrarios
Levantam ondas no mar,
Que de muito longe correm
Té uma 'noutra chocar ;

E confundidas um instante
'Num alvacento cachão,
Se abatem, soltam, desfazem
Depois ná salsa extensão ;

E dos ventos impellidas
Do mar tornam a sair,
E a lutar até que possa
Uma á outra submergir ;

Ou como as nuvens no espaço
Se encontram com gran fragor,
Soltando do seio electrico
Vivaz fogo assolador,

Assim os dois combatentes
Destros, fortes, sem tremer,
Vão, ferem, vem, precipitam-se
Sem nenhum poder vencer !

Já largo espaço durava
Essa lucta sem igual,
Sem que dizer se pudesse
Quem venceria afinal ;

Porque os golpes que ambos davam,
O crescer, o recuar,
Os botes bem atirados,
O modo de os evitar ;

E das armas retintinulas
Os sons agudos que vem,
E dos peitos comprimidos
Os ais que saem tambem ;

E o odio de duas raças
 Os dois bravos a animar,
 Era qual vento nas ondas
 Que as fazia encapellar !
 Mas Philippe d'Affonseca,
 Desempenhando a nação,
 Joga-lhe um bote á garganta
 E prostra o mouro no chão !
 Depois tomando-lhe o alfange
 A cabeça lhe cortou,
 E com ella e com as armas
 Vencedor aos seus voltou.

V

Gostosa a gurnição afflue á cáva
 Por ver na praça d'Affonseca entrar,
 Em quanto o forte Andrada o abraçava
 Começa em côro 'neste seu cantar :

Cinjamos de louros
 A fronte ao heroe,
 Que no campo toi
 Vingar-nos tão bem !

Que valem thesouros,
 Sciencia, brazões ?
 Sem grandes acções
 Nobreza não tem.

Celebrem vindouros,
 Com muito louvor,
 Seu grande valor,
 Seu nome immortal.

Guerra, guerra aos mouros!
Viva o nosso horoe,
Que no campo foi
Honrar Portugal!

VI

Preso em seguida, ao meirinho entregue
Em recompensa de tão nobre acção,
Devia o nosso heroe ser enforcado,
Por não obedecer ao capitão!

Não lhe valia o celebrado feito
Que ás armas de Ruy Freire attribuiria;
Passava o vencedor a ser vencido
Pois duras leis na guerra transgredira!

Nó entanto a guarnição mui descontente
Vae para o joven o perdão pedir;
Andrada os estimou; e, satisfeito,
Em breve alli mandára o moço vir.

Filippe d'Affonseca ao chamamento,
Á voz do capitão veloz correu;
Ruy Freire o censurou; mas, em seguida
O divido perdão lhe concedeu.

E armando-o cavalleiro com as armas,
Que ao mouro persa com valor tomou,
As que da lucta vencedoras trouxe
Alfim por um dever lh'as offertou.

Cinjam os de louros
A frente ao heroe,
Que no campo foi
Vingar-nos tão bem !

Que valem thesouros,
Sciencia, brazões ?
Sem grandes acções
Nobreza não tem !





O ABBADE JOÃO

Era pelo mez de Julho de 1863. Preparavam-se em Montemór-o-velho as celebradas festas do *Abbate João*, quando me occorreu a lembrança de tomar conhecimento da origem d'ellas.

Na *Monarchia Lusitana* me dizia a memoria se consagravam algumas regras ao combate sangrento que immortalisára o nome do Abbade e dos monges negros de Lorrvão ; mas, era esta uma ideia imperfeita, gasta, quasi apagada, que, semelhante aos desenhos apagados com borracha ainda se conservava em minha reminiscencia.

Na indole, e mais que tudo na vontade e na propria vocação, tinha eu sobejo incentivo para averiguar essa patriótica lenda : era preciso ler. Consultei, pois, a citada *Monarchia*, e varias chronicas onde se relata o acontecimento.

Fôra, na verdade, uma das mais notaveis batalhas a que se ferira em campos de Montemór, entre as forças mahometanas, commandadas por Çolema, ou Zuleima, e as que lhe oppozeram vencedora resistencia ás ordens do valoroso abbade, a quem D. Ramiro havia confiado a defensão d'aquelle padrao do Islamismo.

Em duvida, comtudo, achei posta à celebrada bata-

lha : auctores ha que a negam. Isto não obstante, resolví cantar em versos os feitos do *Abbate João*, embora elles só existam nas tradições patrias, sem haverem o cunho da historia imparcial.

Ennervára-me tambem a vontade unia carta que mezes antes me escrevêra o Sr. F. A. Rodrigues de Gusmão, onde entre muitas palavras animadoras, o tão conhecido litterato dizia : *é um bom assumpto para romance.*

Já tinha á mão o preciso material para a obra ; só me faltava o molde, o typo, o desenho que devia seguir no construir do meu edificio.

Sem muito cogitar o encontrei na bonita chacara de *N. S. da Nazareth*, do Sr. Castilho.

Assente a primeira pedra, a obra fez-se de um folego.

Como havia já annos que eu lêra aquella chacara, aconteceu que melhormente a podéra ter imitado, se a houvesse relido, e não persistiria tanto em fazer duas rimas obrigadas em cada quadra, podendo, talvez com mais vantagem, jogar uma toante com uma verdadeira rima, cousa que muito caracteriza este genero de composições.

No entanto, como pouca é sempre a harmonia das toantes, eu preferi conservar o escripto assim, embora cada uma das partes d'elle possa parecer monotana.

Se defeito é, á conta fique do mau gosto que tenho.

Mais do que um livro podéra eu citar para o leitor curioso se compenetrar melhor da bonita lenda ; mas, valha por todos a referida *Monarchia Lusitana*, de paginas 439 a 441 do tomo II.

O ABBADE JOÃO

A SEU COMPADRE E AMIGO

LEOVEGILDO ANTONIO DA CUNHA

Historias e lendas, que ouvimos na infancia
Sentados ao lar,
Rescendem aromas, suave fragrancia
De muito encantar.

Não podem os annos, no curso ligeiro,
De nossa memoria tres crencas levar,
Só levam dos olhos brilhar passageiro,
Só podem nas faces as rugas cavar.

No ouro fundido feição arbitraria
Não custa a imprimir;
Depois que arrefece, a fôrma primaria
Tem longo existir.

Na tenra memoria ideia que imprime,
Assim é tambem;
Innata se torna, durando sublime
Pela vida além.

Por isso nas cordas do meu alaúde,
Dos contos que sabe contar tradição,
Canções tecerei ao valor e virtude
Aos bellicos feitos do Abbade João.

I

De Montemór pelos campos
Corre sôlta a mouraria :
— Montemór por Almansor !
Brada a turba em gritaria.

Almansor, capitão forte,
Nos seus guerreiros confia,
No seu encurvado alfange,
Que é joia da mór valia ;

E 'nesse traidor apóstata,
Entre os de Christo, Garcia,
E que nas dibras dos mouros
Zuleima por nome havia ;

Que havendo sido engeitado,
Nem pae nem mãe conhecia,
Mas homem se tinha feito
Do Abbade na companhia ;

E que por nutrir inveja,
Cuja origem se sabia,
Jurára, o tredo, vingar-se
De quem sombra lhe fazia.

E, cumprindo seu desejo,
Abraçára a herégia,
E olvidára crenças, patria,
Até o Abbade esquecia !...

Recostado em molle estofó,
Como a seu uso sohia,
A Zuleima e demais chefes
Almanson assim dizia :

— A estrella d'alva, meus bravos,
Nos céus não será tardia ;
Eia, sus, aprestae armas,
Que ella será vossa guia.

— Não quero logo na lucta
Em ninguem ver cobardia,
Nem que pedrã sobre pedra
Ponha dique á valentia.

— Pelos pannos d'esses muros
Combatereis á porfia ;
— D'esse roqueiro castello,
O logar onde existia !

— Da morte a muda tristeza
Tome o logar d'alegria ;
Velhos, mulheres, e creanças
Desça tudo á terra fria.

— Esse Abbade abominavel,
Com toda sua abbadia,
Mandae-o por esses ares
Á sua Virgem Maria !

«E dictas aquestas vozes
Como a bom chefe cumpria,
Ergueu-se; que já nas trevas
D'essa noute, a luz rompia.

D'alva a estrella mensageira
Após de si a trazia,
E a brilhante, azul abobada
Em rubra faxa envolvia.

Manhã fresca e socegada
Rompe feroz gritaria :
— Alah — já bradava um grupo ;
— Almansor ! — outro dizia.

Nos pendões de Mafamede
O crescente reluzia,
E na adarga d'Almansor
O sol espelhar-se via.

E a turba fervia alegre,
E o anafil retinia,
E as armas assacaladas
A mourisma mais polia.

Um aqui, em pedra propria,
Lanças e adagas afia,
Outro afaga o corcel agil
Que impaciente nitria.

Já mui grande reboliço
Se vê na mourisma impia,
Todos prestes para a lucta
Como para gran folia.

Dos bellicos instrumentos
Brava soada se ouvia,
E a turba dos Musulmanos
Ao som d'ella reunia.

Ai! Christãos de Montemór,
Mostrae vossa galhardia,
Porque na lucta sanguenta
Não seja grande a agonia!

II

Balsões e sinas tremulam
Da brisa ao brando soprar,
Trombetas fino resoam
Dos échos no despertar.

De Montemór nos adarves
Christãos se vêm formigar;
Soldados novos e velhos
Move continuo lidar.

Aureas polidas celadas
Encantam com seu brilhar,
Lorigas de boa malha
Fazem longo ramalhar.

A todos o Dom Abbade,
Providencias anda a dar,
Guarnecer manda setteiras,
Combatentes aprestar.

E descendo das ameias
Ao templo se foi orar,
Pedindo a Nossa Senhora
Por elles queira velar.

Que essa cruz em que seu filho
Morreu para nos libertar,
Possa d'esses Islamistas
Mais uma vez triumphar.

E nas mãos a cruz tomando,
Sem mais palavras soltar,
Sahiu do templo com ella
Para os seus ir animar.

Por todas praças e ruas
'Num teimoso perpassar,
Andam mulheres e creanças
A se carpir e chorar.

Aqui uma receiosa
De sem marido ficar,
Pede, exora ao céu piedoso
Que a não deixe enviuar.

Em lagrimas debulhada
Além outra a soluçar,
Faz votos porque seu filho
Possa vir inda a abraçar.

Donzella de tranças negras,
Olhos pretos d'encantar,
Bôcca breve, cinta estreita,
Pés de muito enfeitçar,

Tambem triste e lacrimosa
Alli se vê suspirar
Pelo amado, que da pugna,
Quiçá não possa voltar.

E o heroico Dom Abbade
Vendo tal desanimar,
Do teso d'um morro baixo
Começou de lhes fallar :

— Proximo á hora da lucta
Perque vos vejo chorar ?
Só se quereis por esse modo
Alegria demonstrar.

— Sohiam vossos passados
Pela cruz a vida dar :
Sois raça de nobres Godos,
Em al não podeis pensar.

— Eia, pois, tornaes-vos dignas
D'essas gentes imitar,
Que eu mando vossas cabeças
Pela cruz na chão rolar.

— Com esses perros descritos
A lucta vae começar :
Eu sei bem que do crescente
A cruz deve triumphar ;

— Mas elles, em grande numero,
Montemór podem tomar,
Nós, em menos, na batalha
Podemos todos ficar.

— E se a chusma d'Agarenos
Montemór podér entrar,
Ao menos que a feroz sanha
Nunca possa em vós cevar.

— Eia, sus, apparelhae-vos
Para espadas encarar,
Que eu mando vossas cabeças
Pela cruz no chão rolar.»

E depois de longa prece,
E após as abençoar,
Mandou totalas mulheres
E meninos degolar.

III

O sol em seu carro lúcido,
Para á batalha assistir,
Já no circulo de bronze
Um quarto dá a medir.

Um — alah ! — por toda a parte
Tremendo se faz ouvir,
Após, ruido soturno,
Qual da tormenta o bramir.

Um brado por — Sanct'Iago !
Dos christãos se ouve sahir,
E mil arcos retezados
Frechas mil fazem partir.

Rija se trava a peleja ;
A mourisma quer subir ;
Mas encontra nos de Christo
O mais tenaz resistir.

Ballistas e catapultas
Tudo mostram derruir,
E os pesados ariêtes
Ferradas portas abrir.

Nos pontos mais arriscados
Vê-se o Abbade a esgrimir ;
Na dextra a espada terrível,
Que onde vae não torna a ir !

E os mouros pela muralhas
Em renitente investir,
E o Abbade dando sobre elles
Sem nenhum o presentir.

Os mouros despercebidos
Quando os Christãos viram vir,
Do seu empenho d'assalto
Tiveram de desistir.

E em grita desordenada
Sobre os nossos a affluir,
Tentavam em laço estreito
Todos elles comprimir.

O chão parecia abrir-se
Para Agarenos cuspir,
E que a turba furiosa
Aos de Christo destruir.

Então os christãos começam
Mil golpes a despedir,
E unidos á voz do Abbade
Fazem os mouros fugir.

Os nossos, que dentro estavam,
Ao Abbade vêm seguir,
E o alfange encontra a espada
Ao som de longo tinir.

E destroçando nos mouros
Com teimoso perseguir,
A bom numero, 'neste dia,
Deram o eterno dormir.

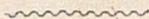
Agora que os mouros captivos, sem vida,
Por essa campina estendidos estão,
A nota final á canção promettida
Darei 'nesta lyra ao Abbade João.

E porque a verdade convém que se diga,
Direi o que ainda nas lendas ficou ;
E rezam que o Abbade da longa fadiga,
Alfim junto a Ceixa seus dias finou.

E mais d'esta historia por dar uma prova,
Direi que seu corpo lá jaz supultado
'Naquella ermida, que fez toda nova,
E onde mandou, que com muito cuidado,

No collo de neve de Nossa Senhora,
Um risco vermelho fizessem pintar,
Lembrando o milagre em que foi Redemptora
Da gente que o Abbade mandou degolar.

Aqui faz seu fim o Rimance do Abbade,
Que em todala Hespanha se ouvia contar,
E agora em meus versos, á posteridade
Quiçá, Deus o sabe! não custe a lembrar.



The first part of the book is devoted to a general
description of the various forms of life which
are found in the sea. It is a very interesting
and useful work.

The second part of the book is devoted to a
description of the various forms of life which
are found in the sea. It is a very interesting
and useful work.

The third part of the book is devoted to a
description of the various forms of life which
are found in the sea. It is a very interesting
and useful work.

The fourth part of the book is devoted to a
description of the various forms of life which
are found in the sea. It is a very interesting
and useful work.

The fifth part of the book is devoted to a
description of the various forms of life which
are found in the sea. It is a very interesting
and useful work.

The sixth part of the book is devoted to a
description of the various forms of life which
are found in the sea. It is a very interesting
and useful work.

The seventh part of the book is devoted to a
description of the various forms of life which
are found in the sea. It is a very interesting
and useful work.

The eighth part of the book is devoted to a
description of the various forms of life which
are found in the sea. It is a very interesting
and useful work.

The ninth part of the book is devoted to a
description of the various forms of life which
are found in the sea. It is a very interesting
and useful work.

The tenth part of the book is devoted to a
description of the various forms of life which
are found in the sea. It is a very interesting
and useful work.

PERO GALLEGO

No primeiro volume do *Anno Historico*, a paginas 382, relata-se miudamente o caso que originou a canção *Pero Gallego*.

Pero Gallego, o destemido mancebo de Vianna, obrára realmente prodigios !

Enthusiasta d'aventuras, embriagado com a recente gloria do reinado de D. Manoel, com a ventura de seus navegantes, e talvez motivo da sêde de bens que poderia obter nas conquistas, Gallego fez-se ao mar ; e, pirata de piratas, o seu nome echoou com estrondo em todos os portos do mediterraneo .

Alguem poderá haver que só veja em Pero Gallego um simples corsario, como qualquer d'esses que nos infestavam o Algarve.

Eu não : vejo no mancebo denodado a coragem e bravura dos vinte annos, estimuladas pela ambição de nome, e quiçá de haveres. Vejo-o offuscado pelo ouro das conquistas, que nos perdeu, como em antigos tempos a Gregos e Romanos, e contra o que já bradava Sá de Miranda :

«Fez no começo a pobreza
 «Vencer os ventos, e o mar,
 «Vencer quasi a natureza,
 «Medò ey de nouo á riqueza,
 «Que nos torne a catiuar.»

Mas, pirata ou aventureiro, fraco ou corajoso, Pero Gallego deu aos Castelhanos, no ancoradouro de Cadiz, tremenda lição!

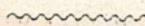
Era o poder das traducções! era a força moral das victorias, que lhe dava brio e valor!

Por pequeno e debil, um povo póde ser grande, alentado pelos feitos dos seus maiores.

Sparta não tinha muralhas: se a accommettiam, um cinto de homens robustos a defendia!

Tal era o valor dos seus!

Leia-se a canção:



PERO GALLEGO

REINADO DE D. JOÃO III

1546

I

Com quatro peças de ferro
Vento em pôpa a toda a vela,
Uma leve caravela,
Em todas as direcções
Corta do mar as correntes,
Com trinta moços valentes,
Com armas e munições.

Um capitão a commanda
Por nome Pero Gallego,
Que tomára o nobre emprego
De mouros importunar,
Para ver em toda a parte
A cruz de seu estandarte
Ao crescente derribar.

Lá no brumoso horizonte
Já vê pirata mourisco,
Que procura a todo o risco
Á sua prôa fugir ;
Mas nas ligeiras manobras
Das velas as grandes dobras
Já o vento as faz abrir.

Não vôa tanto o alcyon,
Que vem de remotas plagas,
Como vôa sobre as vagas
A caravela christã ;
Nem mais leve corta os ares
Do que rompe erguidos mares
Ligeira a barca louçã !

E o navio do corsario
Logo é feito boa preza,
Por dar começo á empreza,
Do esforçado portuguez,
Que desde a patria Vianna
Muito além do Guadiana
Notaveis proezas fez.

Lança ferro e poja em Sagres,
Onde vende a caravela,
Deixando em lugar d'ella
O navio que tomou
E no qual, abastecido,
O capitão destemido
Outra vez ao mar voltou.

II

«Dae á brisa as velas todas !
«Que sopra 'neste momento
 «De feição !
«Dae á brisa as velas todas !
«Que é por nós do salso argento
 «A monção !

«Ao mar alto, destemidos !
«Caça rija á mouraria
 «Com valor !
«Ao mar alto, destemidos !
«Combate á pirataria
 «Sem amor !

«Abatei o collo erguido
«Ás vagas que 'nesse dorso
 «Vem quebrar !
«Abatei o collo erguido
«Ao navio que anda a corso
 «'Neste mar !

«De Vianna até ao Estreito
«Não impere no oceano
 «Mais ninguem !
«De Vianna até ao Estreito ?
«Iremos a todo o panno
 «Mais além !

«Nas ondas mediterraneas
«Vogue o barco assoberbado
 «Sem rival !

«Nas ondas mediterraneas
«Faça grande e respeitado
«Portugal!

III

Sobre a tolda, de pé, entusiasmado,
Essas fallas dizia o capitão,
Em quanto cada qual vae empregado
Nas antennas, escotas e timão ;
Em quanto o leve barco vae levado
Pelo vivo soprar da viração,
E atrás se vão sumindo os patrios montes,
Ficando aguas e céu por horizontes.

As herculeas columns já descobre
Que o Estreito de Gibraltar são agora,
Onde veio findar a empreza nobre
O heroe que as levantou ali outr'ora,
Por que mais não viaje, ou feitos obre,
Quem vier d'onde nasce e vem a aurora :
Ali, pois, toda a terra terminava
'Té que Colombo novo mundo achava.

A prôa ao estreito faz Pero Gallego,
E brevemente em novo mar se entranha ;
Atráz deixa ficar o immenso pégo,
Africa á direita, á esquerda a Hespanha :
E proseguindo assim no seu emprego,
Por desejar concluir empreza estranha,
O mar talhando vae para levante,
D'onde só voltará um dia ovante.

Tres annos em combates ha passado,
Em victorias, exicios, e pillagens,
Tornando o proprio nome respeitãdo
E a fama portugueza em mil paragens.
De tanto triumphar alfim cançado,
E para termo pôr a mais viagens,
Determina vir ás terras portuguezas
Rico de glorias cheio de riquezas.

A Cadiz arribára o nauta ousado,
Com toda sua audaz tripulação :
De hispana esquadra o porto viu pejado,
Que a um tal Navarro tem por capitão :
De ser tambem da Hespanha respeitado
Gallego não maldiz a occasião,
E do tope do mastro o pendão luso
Não desce aos hespanhoes, como era de uso.

Raivosos fervem já os castelhanos
Vendo no portuguez tanta loucura :
E assim chamando vão verdura d'annos
Á pura intrepidez, ao que é bravura !
E já de o ameaçar com grandes damnos,
E de lhe dar o mar por sepultura !
Ai ! mas d'Aljubarrota a maior gloria
Foi pagina dourada em nossa historia !

Na alterosa galera capitana
Contra o fraco baixel Navarro avança ;
Não para combater, ideia insana !
Vae para castigar com tal pujança
O tal aggravo feito á honra hispana,
D'onde espera tirar atroz vingança,
Que bem mostra dos seus esse rompante
Que parecer os faz povo gigante.

No entanto o portuguez tranquillo ordena
Que as peças se carreguem brevemente ;
Que toda a vela penda lá da antenna,
Que se arme de fuzis a mais da gente ;
Porque a tripulação, com ser pequena,
Guardará sua bandeira nobremente,
Mostrando aos hespanhoes 'neste combate,
Que ainda d'esta vez se não abate.

A tiro já navega a nau possante
Do bravo portuguez que se não move,
Até comêço dar á acção brilhante
A que um grande valor muito o demove.
Crendo a approximação ser já bastante,
Gran copia de metralha 'nella chove,
E de quantos mosquetes alli tinha
Tantas ballas tambem lhe manda asinha.

Sobre a tolda baqueiam já sem vida
Não poucos hespanhoes que a tripulavam ;
Outros, sendo feridos na investida,
Navarro 'nessa conta numeravam :
E emquanto a nau assim foi recebida,
Já os nossos ao vento as velas davam,
Deixando os hespanhoes envergonhados,
Ruinosos, abatidos e assombrados !

IV

Do caso memorando, a nobre hespanha
Por fim a Portugal queixumes fez ;
Mas, em vez de punir acção tamanha,
O pio Dom João só deu mercês.

FRANCISCO MANOEL DO NASCIMENTO

O mau gosto de Gongora arrastára os escriptores portuguezes a uma corrupção de phrase abstrusa, de ideias hyperbolicas e de trocadilhos enxabidos e sem graça, a que o mesmo Vieira não podera ser superior, sem embargo de não haver abusado.

Forçoso era restaurar o bom gosto, o classicismo de phrase dos escriptores de quinhentos.

D'essa crusada arvorou Francisco Manoel do Nascimento o pendão regenerador.

Revelando uma vasta erudição e profundo conhecimento dos nossos bons modelos, Filinto Elisio viu logo a seu lado denodados campeões em Garção, Diniz e no mesmo Quita : Bocage, o melifluo, o talento poetico mais esplendente que tem nascido em terras portuguezas, agrupou-se mais tarde.

Genio folgazão, Filinto ouvira bater-lhe um dia á porta a mão inquisitorial. Para escapar ás garras d'aquelle tribunal valera ao poeta um ardil linguistico : disfarçado nas roupas, e fallando castelhano, passára pelos esbirros da Inquisição e entrára em um navio que para sempre o devia levar d'este reino, que elle sempre amára.

Mestre na pureza da dicção, é modelo que devem seguir os noveis escriptores, embora lhe não acceitem a alatinada construcção na prosa, e, por vezes, a escura na poesia.

Se o leitor quizer ver uma curiosa biographia d'este homem importante, procure o «Diccionario Bibliographico» de Innocencio Francisco da Silva, no respectivo artigo.

Admirador de seu merito inquestionavel, dedico á memoria d'elle estas estrophes :

FRANCISCO MANOEL DO NASCIMENTO

Bocage, cuja mente alumeava
Faisca divinal de ethereo brilho,
Chamou-te *gran cantor* ;
Era a voz do futuro, que exalçava
Da patria o nome de um preclaro filho
Na voz do trovador.

Serás, pois, immortal, grande Filinto,
Primoroso escriptor entre os primevos
Que a historia bemdisser ;
Emquanto o patrio amor não for extinto,
Emquanto o bronze resistir aos evos,
Emquanto mundo houver !

Da patria terra cruelmente expulso,
Qual entre os Getas de Sulmona o vate,
Teu viver é cantar ;
E pobre, e velho já, com firme pulso
Manejas destro a penna no combate
Dos erros castigar.

De infame tribunal crueis ministros
Somente os lares teus roubar conseguem,
Os amigos e o pão ;

Mas, tu, zombando de seus fins sinistros,
Versos lhes vibras que aos brutaes perseguem
E á crua instituição !..

Como o velho de Téos na velhice
Cantas as flores, a belleza cantas,
Cantas vinho e amor ;
E, ora agreste nos sons, ora meiguice
Da lyra tua no pulsar encantas,
Vernaculo cantor.

Como em Polycrates tinha Anacreonte
Puros affectos de um leal amigo,
Inteira protecção,
Achaste louros que te poz na fronte
Do prestante Araujo o humano abrigo,
A sincera afeição.

Nem sempre foi d'azul o ceu da vida
Que viveste dos teus mais do que auzente
Desamparado e só :
De vestes, de recursos desprovida
Faceta musa queixas mil consente
Que nos inspiram dó.

Occulto em rosas de Procusto o leito
E' sempre ignobil potro do talento
Que a desdita maldiz :
É sempre equuleo horrendo, cujo effeito
Trucida o genio, mata ao desalento
O que for infeliz.

Aos tarelos boçaes do luso idioma,
Galliciparlas da moderna eschola
De cega corrupção,

Da culta Grecia, da polida Roma
Prodigo déste com mão larga a esmola
De solida instrucção ;

E gasto de soffrer na alheia terra
Desgostos grandes, na propecta edade
De oitenta annos contar
Expiras, sem ouvir bradar á guerra,
Sem ver na Lysia amada a liberdade,
Sem á patria voltar !..

E bem pouco faltava na balança
Que aos bonzos infernaes pezava os crimes
Para mais não conter !..
Porém, não morre o nome teu, descança ;
Na phrase pura, nas canções sublimes,
Immortal has de ser !



The first part of the book is devoted to a general introduction to the subject of the history of the world, and to a description of the various methods which have been employed by historians in the pursuit of their science.

The second part of the book is devoted to a description of the various methods which have been employed by historians in the pursuit of their science. It is divided into three sections, the first of which is devoted to a description of the various methods which have been employed by historians in the pursuit of their science.

The third part of the book is devoted to a description of the various methods which have been employed by historians in the pursuit of their science. It is divided into three sections, the first of which is devoted to a description of the various methods which have been employed by historians in the pursuit of their science.

The fourth part of the book is devoted to a description of the various methods which have been employed by historians in the pursuit of their science. It is divided into three sections, the first of which is devoted to a description of the various methods which have been employed by historians in the pursuit of their science.

The fifth part of the book is devoted to a description of the various methods which have been employed by historians in the pursuit of their science. It is divided into three sections, the first of which is devoted to a description of the various methods which have been employed by historians in the pursuit of their science.

The sixth part of the book is devoted to a description of the various methods which have been employed by historians in the pursuit of their science. It is divided into three sections, the first of which is devoted to a description of the various methods which have been employed by historians in the pursuit of their science.

FERNÃO RODRIGUES PACHECO

Escreptores ha que nos apresentam o cerco de Celorico como facto verdadeiro e inconcusso : outros, porém, que duvidam de sua existencia, por não acharem documentos em que se fundamentem.

São de A. Herculano estas palavras : « Quanto ao cerco de Celorico e ao caso da truta ha 'nisso um tal sabor de novella, que nos falleceu o animo para a mencionar no texto. »

Não me falleceu, comtudo, a mim a necessaria força para desprezar a tradição.

Historia veridica, ou simples lenda, Fernão Rodrigues Pacheco « é o symbolo dos homens, que, na quéda de Sanchinho, souberam respeitar o pundonor de cavalleiro, e a religião do juramento, » como diz o mesmo historiador.

Para o fim que me proponho, até de summo proveito me apparece a lenda, porque incute nos animos da gente moça ideias de lealdade, patriotismo, coragem, e de todos os sentimentos que podem nobilitar o homem.

A canção diz assim :

FERNÃO RODRIGUES PACHECO

OU

O CERCO DE CELORICO

— Real, real por el rei
D. Affonso, o Bolonhez!
Já bradam mil pregoeiros
'Neste solo portuguez;
Já bradam mil pregoeiros
Cada um por sua vez.

No castello de Leiria
D. Affonso já entrou,
E na torre da menagem
O seu balsão tremulou;
E na torre da menagem
Mais do que um o secundou.

Ruem pontes levadiças
Até pousarem no chão,
E quasi por todo o reino
Já homenagens lhe dão:
E quasi por todo o reino,
Já domina seu pendão.

Rendei-vos, fortes castellos,
Que essa Beira atalaias ;
Rendei-vos, que el rei D. Sancho
É morto, não volta mais ;
Rendei-vos que el rei D. Sancho
Já não quer que o defendaes.

Apertado vae o cêrco
De Celorico da Beira ;
Fernão Rodrigues Pacheco,
D'esse solar de Ferreira,
Inda conserva hasteada
D'el rei D. Sancho a bandeira.

Defende suas muralhas
Com estremado valor ;
Defende-as com lealdade,
Como a um sagrado penhor,
Como quem nas patrias Quinas
Vê as chagas do Senhor.

Mais lhe vale honrada fama
Por ser leal portuguez,
Do que o seu forte castello
Entregar ao Bolonhez,
Sem saber se negra morte
Seu juramento desfez.

Os sitiantes combatem
Com mais renhido teimar,
Porque o dominio da fome
Lá se fez manifestar ;

Mas, nem robustos soldados,
Nem a fome o pôde entrar !

Já não havia comidas,
Nem agua para beber,
(Tão apertado era o cêrco
Para um homem se render !)
Quando além, d'aquella baixa,
Uma aguia se viu erguer.

Ligeira cortava os ares
Da praça na direcção ;
Apertada a garra adunca,
Nas azas toda a extensão,
Como quem se chegar tarde
Póde não dar salvação.

Sobre a altura do castello
Por algum tempo pairou ;
Depois desceu, foi descendo,
'Té que mais perto chegou,
E das garras formidaveis
Uma truta ao chão lançou.

Lembrava o grande volatil,
O mais salutar ardil.
Póde mais que o mesmo homem
Ás vezes o ser mais vil :
Ao leão já pôde o rato
Despedaçar o redil.

Em massa de pão de milho
Cozer-se a truta mandou,
E, Pacheco, aos sitiantes
Da muralha a arremeçou :

— Quando assim ha mantimentos
Ninguem jámais se entregou !

E as tropas de D. Affonso,
Que foi conde Bolonhez,
Cahindo no laço, ergueram
O cêrco d'aquella vez,
Pensando que não venciam
A tão leal portuguez !



MEMORANDUM FOR THE RECORD

On the subject of the proposed
amendment to the
constitution of the
State of New York
the following facts
are presented:

The proposed amendment
relates to the
method of electing
members of the
legislature.

It is suggested that
the amendment be
referred to the
committee on
legislation.

The committee on
legislation is
requested to report
thereon at the
next meeting.

Very respectfully,
Your obedient servant,
[Signature]

BATALHA DO BUSSACO

Subira eu um dia ás cristas do Bussaco e descera pelo pendor do monte ás terras de Mortagoa.

Só, entregue a cogitações diversas, veio-me á lembrança o combate que ali se ferira em 27 de setembro de 1810.

'Naquelle accidentado terreno haviam-se obrado prodigios!

Massena, o feliz executor das ordens de Napoleão, o vencedor de mil combates mostrára ali, no escarpado d'aquella serra, a sua muita coragem e a bravura dos seus. Subiram-na!

Mas, no viso do monte, vedava-lhes a passagem Wellington, obstava-lhes á marcha a heroicidade portugueza. Os vencedores da Europa não poderam dobrar aquella serra!

Exalçadas as quinas portuguezas tremulavam ao vento da patria liberdade! Ferida a soberba aguia das Gallias, retrocedia pela vez primeira entristecida!

A raça de Viriato batia a França como outr'ora derrotára os exercitos de Manlio e Pisão.

É que o padrão da gloria de Viriato, eterno monumento do seu valor, os Herminios, além, defronte do Bus-

saco, como as pyramides á voz de Bonaparte, bradavam sollemnes : Lusitanos ! d'estes pincaros nevados vinte seculos vos contemplam !

No *Guia Historico do Viajante em Coimbra*, do sr. Augusto Mendes Simões de Castro, topará o leitor uma succinta noticia da batalha, e nas *Memorias do Bussaco* de Adrião Pereira Forjaz de Sampaio, poderá lêr uma copia official do combate dada por Lord Vellington ao governo inglez.

Leiam-se as estrophes commemorativas :

BATALHA DO BUSSACO

27 de setembro de 1810

Foi aqui n'estes montes que a victoria
Mostrou ao franco audaz a face mesta,
E a penna d'ouro concedeu á historia
Com que o luso valor honrosa atesta :
É aqui onde as filhas da memoria
Trajando gallas em perpetua festa,
Hão de sempre mostrar aos porvindouros
Heroes c'roados dos mais verdes louros.

Já troava fortemente a artilheria
Ignivoma aos heroes levando a morte :
Espesso fumo já toldava o dia,
Como presagio de contraria sorte ;
Nos fundos valles o clarim se ouvia,
Soprando ao timido o valor do forte,
E o leopardo inglez no erguido monte
Fitava d'agua o volitar defronte.

Ao contrario canhão responde o luso
E os echos repercutem o som triste ;
Ás nossas posições avança o instruso,
Crendo que ao seu valor ninguem resiste ;
Mas dos nossos batido e mui confuso,
Odio raivando, no vencer persiste :

Inutil reluctar de mercenarios
Que não pôde vencer a uns voluntarios !

Voluntarios, sim, que a patria amada
Salvam da escravidão e da pilhagem,
E pela autonomia ultrajada
Obram prodigios da maior coragem !
Voluntarios, sim, com mão armada
Que a patria livram da fatal voragem,
Fazendo eclypsar 'neste combate
Essa estrella feliz de Bonaparte.

E ao longe o Caramulo e os Herminios
Quaes dois padrinhos da anglo-lusa gente
Na pugna que se dava em seus dominios,
Mostravam graves a sisuda frente ;
E, marcando á vasta arena seus terminios,
Como o Bussaco lh'os demarca ao poente,
Nenhum permite por ali passagem
Aos gallos, na batalha sem vantagem.

O exercito feliz que a velha Europa
Privou com ferrea mão da liberdade,
Sómente 'nesta serra um dique topa
Ao vandalismo cruel, á iniquidade :
Aqui sómente na britana tropa
E da lusa tambem na heroicidade,
Levou um golpe, que assombrou o mundo !
Até que além Moscou lhe deu segundo.

Aqui baixou o vôo mal ferido
O abutre das nações, dos reis, dos povos :
No cume do Bussaco foi vencido
Por poucos nacionaes, bisonhos, novos !
Por um corpo porém mui aguerrido,

De esforçados varões dignos renovos,
Pelo afamado regimento oitavo,
Que, certo, em combater foi o mais bravo.

Pelas escarpas dos profundos fossos
Que providente alli ergueu natura,
Rolando vae aos empuxões dos nossos
O misero francez á sepultura ;
E, enquanto salvar tenta seus destroços,
Canta victoria o vencedor na altura,
Pendões floreira, marcios hymnos toca
E em taes demonstrações inda os provoca.

Á honra nacional á valentia
Deveu a salvação no duro embate
Que tornou tão famoso aquelle dia ;
E a sublime intrepidez que no combate
Á França a marcha por ali tolbia,
E a audacia militar tambem lhe abate,
Igualou aos avós 'nesse oriente
Em brios e valor á lusa gente.



BRITES D'ALMEIDA

Quem vive ahi que não conheça este nome? Quem ha que não lesse ainda talvez a melhor pagina da nossa historia, essa que consubstancia o brio e cavalheirismo de Portugal na bellicosa época de D. João I? Quem ha que desde o berço não ouvisse pronunciar o nome da *Padeira d'Aljubarrota*?

Eu, que desde a meninice me acostumei a venerar a tremenda pá, aqui deixo esta lembrança do meu respeito e da minha adhesão á sympathica lenda, á popularissima tradição.

Não me diz a memoria que poeta algum a cantasse além do sr. João de Lemos, no 2.^o volume do seu *Cancioneiro*.

João de Lemos canta-a, porém, de um modo diverso do que para minhas canções escolhi.

Talvez que eu não devesse publicar esta composição, para deixar que a posteridade admirasse a heroica mulher nas vozes da tradição, e nos versos do mimoso cantor legitimista: mas, não ha sido Camões cantado por tantos poetas?

Não disse o mimoso auctor do Hyssope, no começo da sua ode a Vasco da Gama :

«Bem que a teu alto esforço eterna c'roa
 «Tecesso, inclito Gama
 «Clarim sonoro que no Pindo vôa
 «Sobre as azas da fama ;
 «Eu que apesar da inveja, e sous furores,
 «Aos astros levo o nome lusitano,
 «Á minha lyra o pano
 «Pelo mar soltarei dos teus louvores ?»

Este pensamento repito, e com taes ideias me desculpo.

Ahi vae a composição : o assumpto é o mesmo ; diversa, porém, a acção, o entrecho, os episodios e a contextura.

BRITES D'ALMEIDA

OU

A PADEIRA D'ALJUBARROTA

AO INSPIRADO AUCTOR

DO D. JAYME

«Jardim da Europa á beira-mar plantado
Portugal cá no mundo já viveu ;
Foi novo, foi valente e respeitado,
Mas, por muito lidar, envelheceu.

Como cadaver que descarga electrica
Com abalo tremendo alevantou,
Convulsos membros, com a face tetrica,
E ephemero viver ainda gozou :

Assim as tradições, as patrias lendas,
Qual pilha enorme que o valor produz,
Soltam descargas que por novas sendas
O morto arrastam com fanaes de luz.

Embora Portugal, o pobre morto,
Só fugaz existencia possa ter ;
Deve na sua gloria achar confôrto,
Nos feitos dos avós, se quer viver.

Por morte de D. Fernando,
Que sem filhos se finou,
E na historia d'este reino
Singelo nome deixou,

Tentaram suster o sceptro
Com que tal rei governou,
Os dous primeiros Joannes
Que a Peninsula contou.

Um d'elles, Rei de Castella,
Sobre Lisboa marchou ;
Mestre d'Aviz, o segundo,
Esse jus lhe contestou.

Hispana luzida armada
As ondas do mar sulcou,
E um vistoso e grande exército
As nossas raias entrou.

Nelle, D. João de Castella
Dous mil ginetes junctou,
E a mais oito mil bésteiros,
Quinze mil, de pé, ligou.

Com setecentas carretas
Que tambem lhe addicionou,

E mais dezeseis bombardas,
O exército completou.

As forças do Mestre, orçavam,
Se bem informado estou,
Por mil setecentas lanças
Que a cavallo apresentou,

Por oitocentos bésteiros
Apenas, que lhe aggregou,
E com quatro mil peões
Os de Castella arrostou !

Nun'Alvares, o esforçado,
Na jornada o acompanhou,
E o famoso Mem Rodrigues
Na turma que commandou.

Era a Ala dos Namorados
Que grandes feitos obrou,
Pela Patria e pelas damas
A quem o nome empenhou.

Petrechado o nosso exército
Os Castelhanos buscou,
E juncto d'Aljubarrota
A marcha lhes embargou.

Posições bem escolhidas
A nossa gente occupou,
E o poderoso inimigo
'Numa planura acampou.

Luzido e mui animoso
O seu poder ostentou,

No rufar de mil tambores,
Nos pendões que floreu.

Entrementes nossa gente
Mui bem se fortificou ;
Na c' rôa d'uns montes baixos
Os de Castella aguardou.

Descendo o sol do zenith
As tres da tarde marcou,
E a voz d'um trom castelhano
Pelos valles retumbou.

Partira os diques ao impeto
Que alli Castella mostrou,
Aquelle tiro primeiro
Que pelos valles troou.

Qual tempestade d'areia
Que a caravana acossou,
E que na veloz carreira
Fugitiva a sepultou ;

Tal sepultar-nos, Castella
Em seu orgulho pensou ;
Mas, ai ! que — *del dicho al hecho*
Gran trecho sempre se achou !

Deram rijo sobre os nossos
Com rompante que assustou,
E quasi, quasi a victoria
Por elles se declarou !

Mas, 'nisto — S. Jorge e ávante !
Nas nossas filas soou ;

E o Mestre d'Aviz brioso,
 Taes fallas aos seus fallou :

— Que é isto, bravos guerreiros?
 Á vossa frente não sou?
 Não descendeis d'essa gente
 Que no Salado se achou?

— Eia! coragem, valentes!
 Enthusiasmado exclamou;
 E combatendo animoso
 A batalha começou.

Tal como quando nas rochas
 As ondas se vem quebrar,
 E altivas se despedaçam
 'Num inutil porfiar :

E as rochas negras, limosas
 Se mostram erguidas no ar;
 E quaes firmes atalaias
 Que a praia estão a guardar,

Repellem continuamente
 A furia do bravo mar,
 'Nessas loucas tentativas
 Da terra firme alagar :

Assim se quebram e partem
 'Num porfioso luctar,
 Os batalhões de Castella
 Nos fortes em que vêm dar!

Apenas uma differença
No exemplo se póde achar ;
É que a rocha encontra as ondas
Sem se mover, sem andar ;

E os heroicos Portuguezes
Em teimoso batalhar,
Investem aos Castelhanos
Com denodo d'assombrar !

Bem como o soberbo Ganges
Já no fim do seu lidar,
Parece que as salsas ondas
Faz ante si recuar :

Taes as forças de Castella
Se viam retrogradar,
Ante um punhado de bravos,
Em completo debandar !

E no immenso torvelinho,
E das lanças no estalar,
E no rechino das settas,
Das espadas no brilhar ;

E dos trons e das bombardas
Nos roucos sons d'atroar,
E dos ardegos ginetes
No estridente relinchar ;

E nos remoques e pragas
Que alli se ouviam rogar ;
E nos gemidos d'angustia
Dos que estavam a expirar,

Se via a cópia do inferno,
Como o costumam pintar
Esses debuxos phantasticos
Compostos para assustar !..

Tão f'rida foi a batalha;
Que 'nella vimos ficar
A Dom Pedro de Mendoza
E a Dom João d'Aguilar ;

A Diogo Sanches Sarmiento,
A João Fernandes Tovar,
E a muitos que a louca Hespanha
Lá veio sacrificar...

Tambem alguns Portuguezes
Tivemos de lamentar...
Os dous irmãos de Dom Nuno
Que lá vimos acabar,

E João Tello de Menezes,
Que não quizeram cantar
Os epinicios comnosco
Nas febres do triumphar !..

Não quizeram, que nefanda
Traição os fez renegar
Da patria, d'irmãos e amigos,
Para a Castella os passar...

Foi a quatorze d'Agosto
Que a lucta teve logar,
De mil trezentos e oitenta
E seis, a bom computar.

Os raios do sol ardente
Já se viam 'smorecer,
E além, na cima dos montes,
As sombras apparecer.

O chão coberto de mortos,
Rios de sangue a correr,
E uma nuvem de poeira
Que ao longe se via erguer,

Na qual alguns que escaparam
Fugir se podiam ver,
Era tudo o que restava
Do Castelhana poder!

Agora o caso famoso
D'aquella heroica mulher,
Contarei singelamente,
A quem o queira saber :

Chegaram a Aljubarrota,
Começava a escurecer,
Os poucos que na batalha
Se não deixaram morrer.

Mortos de fome e cansaço
Uns pediam de comer,
Alguns uma sêde d'agua
Ao menos para beber!

Mas, clamavam no deserto!..
Ninguem os quer socorrer...

Ninguem mesmo em suas casas
Esses pobres recolher !..

Semelhante odio de castas
'Té me custa a descrever...
E mais isto não é muito
Ao pé do que vou dizer.

A tia Brites d'Almeida,
De varonil parecer,
Era d'estas patriotas
«D'antes quebrar que torcer.

Era Padeira, é verdade,
Mas Padeira com seu qu'rer,
Vontade energica e firme
Que não havia mais ver !

Sabendo que os Castelhanos
Rojando a custo o viver,
Vencidos, tristes, e f'ridos
Sem se poderem mexer,

Andavam na sua Villa
De porta em porta a bater,
Tomando uma pá do forno
Sahiu para os receber.

Os primeiros que lhe viram
Os modos d'accommetter,
Puxando das rôtas armas
Ainda a tentaram conter ;

Mas ella, com furia insana,
E depois da pá erguer,

Com um terrivel mandobre
Logo um d'elles fez jazer.

E apressando crebros golpes
Sem os contrarios temer,
Fez uns sete Castelhanos
Á pasada perecer.

Assim nas historias que li da Padeira
A proeza se encontra narrada em geral ;
E todas affirmam que é mui verdadeira,
Bem como outras muitas que tem Portugal.

E para remate da heroica façanha,
Se diz que a Padeira no forno os metteu ;
Que para escarmento da gente d'Hespanha
Não só os quiz mortos, tambem os cozeu !

E mais accrescentam, que feita uma estrada
Com ossos dos mortos, mais tarde se viu,
A qual relembrando a Padeira afamada
Por mui largos annos depois existiu.

A pá formidavel, em Aljubarrota
É arma que ufanos podemos mostrar ;
É marco que indica a tremenda derrota
Que a altiva Castella cá veio buscar.

Agora que ao fim já chegou o meu conto,
Na vossa memoria completo o guardae ;
E em quanto da penna me não cahe o ponto,
Por alma dos mortos um *pater* rezae.

MARTIM DE FREITAS

Se ha lendas e tradições patrias conhecidas de todos, esta da defeza de Coimbra por Martim de Freitas, é sem duvida uma d'ellas.

Nebulosa costuma ser a infancia dos povos, e não menos rica em feitos mythologicos e lendas inverosimeis.

Grecia e Roma fundamentam sua existencia fóra do alcance da luz historica, no mysterioso nimbo do impalpavel.

Bem como as sagas da Allemanha tem existencia e camaradagem no Niebelungen, todos os povos têm suas velhas chronicas, onde menos apurada critica deu fóros de acontecimento real, ao sonhado.

Acenheiro, e o proprio Duarte Nunes são os Osterdingens de Portugal.

Marcados com o cunho de consummados factos, ha em seus escriptos inverosimilhanças e patranhas.

O olhar sisudo da critica moderna descobriu e separou mentiras da historia, onde se pavoneavam como verdades.

«Martim de Freitas é o symbolo dos homens que na quêda de Sancho souberam respeitar o pundonor de cavalleiro e a religião do juramento», como diz A. Herculano.

No tomo II da *Europa Portugueza*, de Faria e Sousa, pag. 113, se topa narrado o facto que originou a canção.

Tambem no *Naufragio de Sepulveda* canto XIII se lê uma allusão ao caso :

..... Pacheco cavalleiro
 De valeroso peito, & fama honrosa :
 Em resistir a Affonso foi primeiro,
 Passando dura fome trabalhosa ;
 Chegado quasi ao ponto derradeiro,
 Com trabalho e afflicção calamitosa
 Quando de triste fome consumidos
 A el Rey se mostram já quasi rendidos.

Martim de Freitas, entregando a filha á guarnição furiosa do castello de Coimbra para a conter perseverante, é talvez mais impossivel do que a existencia d'elle !

Mas não haverá um agradavel sabor de sympathica abnegação, no maravilhoso da entrega ?

Não será um impossivel brilhante o facto de um pae esquecer a voz da natureza, para ouvir a da honra e a de patria ?

Certo que o é ; mas não tanto que não diga a lenda que a soldadesca ficara envergonhada de seus appetites,

e nem se atrevera a encarar a dama. E quê muito, se as grandes acções cercam de uma luz fulminea aos que as practicam ?

Se alguem nos podesse afirmar que Martim de Freitas calculára o effeito d'esta peripecia, nem elle fôra um mytho, nem a façanha impossivel.

MARTIM DE FREITAS

NO CÊRÇO DE COIMBRA DE 1248

I

O cêrço da antiga Coimbra
Já se aperta mais e mais,
Por forças de Dom Affonso,
Que alli tem seus arraiaes,
Para vencer um punhado
De portuguezes leaes.

Escaceiam mantimentos
Na praça, que se não rende ;
Porque tem Martim de Freitas
Que a governa e que a defende,
Apezar que a soldadesca
Já para isso propende.

Falta de tudo, a constancia
Vacilla nos peitos seus ;
Porém, como se imitaram
Mythologicos Anteus,
Cada vez mais fortes se erguem
Por seu rei e por seu Deus !

E o cêrco mais apertado
Pelo conde bolonhez,
Irmão de Sancho segundo,
Que já foi rei portuguez,
É como anel que se estreita
Mais e mais de cada vez !

É como enchente do Nilo
Que as ilhas que em si contem
Vae alagando á medida
Que mais encorpado vem,
'Té que de todo as submerge
No vasto leito que tem.

Ora um caso memorando
De acrysolado valor,
Cantem meus versos na lucta
Da affeição, do pundonor,
Dos brios de um cavalleiro,
Do dever, e do amor !

Sendo quasi desesperada
A briosa guarnição,
Por ser já mui grande a falta
De munições e de pão,
E por faltarem mulheres
A quem dêsse o coração ;

Martim de Freitas entrando
Na praça d'armas um dia,
Pela mão levando a filha,
Com sembrante de alegria,
Dissera assim, acalmando
A tormenta que bramia :

*Se por falta de mulheres
 Combater nenhum já quer,
 E se não basta o exemplo
 Um sacrificio é mister,
 Eis aqui a minha filha,
 Já tendes uma mulher !*

II

Do caso estupendo refere inda a lenda
 Que logo essa gente submissa ficou ;
 E, por que á má parte ninguem o entenda,
 Nem mesmo na dama seus olhos pregou.

De tal sacrificio deveras pasmada,
 Ás armas briosa de novo correu,
 E só quando a morte lhe foi confirmada
 De Sancho segundo, ao irmão se rendeu.

Incrível parece que um pae entregasse
 Da filha os encantos á tropa brutal,
 E que por tão fraco motivo quebrasse
 Os laços sagrados do amor paternal.

Porém se attentarmos em que um juramento
 De fidelidade prestára a seu rei ;
 E que 'nesse tempo o geral sentimento
 Dos bellicos feitos de muitos foi lei ;

Por certo de Coimbra ao alcaide esforçado
 Ao feito notavel daremos perdão,
 Embora na lyra só seja lembrado
 Das lendas saudosas da nossa nação.

D. JOÃO D'EÇA

Foi nos *Annaes de D. João III*, por Fr. Luiz de Sousa, publicados por Alexandre Herculano, onde colhi assumpto para fallar de *D. João d'Eça*.

'Naquelles tempos de portugueza gloria, succediam-se os combâtes navaes nos mares das Indias, e de longe em longe vinha um dia em que as nossas quinas não tremulassem no tope de um parau ou de uma fusta asiatica, e em que um capitão portuguez não ornasse a fronte de louros e não insculpiſse o nome no livro da immortalidade.

Portugal era então vigoroso! Deixára a adolescencia no reinado de D. Fernando, para dar seu primeiro passo d'homem feito, conquistando Ceuta em tempo de D. João I, para abrir as portas de novos mundos á velha Europa que os não conhecia, para brandir a lança, a espada e o montante, e para por elles se fazer temido em todo o orbe.

Hoje, velho cançado, aquece os frios membros ao sol de sua gloria!..

Tudo tem infancia e morte.

Na pagina 247 dos citados *Annaes* diz Fr. Luiz de

Sousa : «E na verdade foy huma batalha naval das bem pelejadas que ouve na India».

Apropriado me pareceu o consagrar alguns versos ao vencedor do notavel mouro china Cutiale.

'Neste presupposto, escrevi o *D. João d'Eça*.

D. JOÃO D'EÇA

REINADO DE D. JOÃO III

1529

A Lopo Vaz de Sampaio,
 Homem d'acção e valor,
 De mouros açoute e raio,
 Dera o governo das Indias
 Dom João, nosso senhor.

Para de mouros corsarios
 Os nossos mares limpar,
 Tinha os meios ordinarios
 Que 'nesses tempos de brio
 Costumavam empregar :

Paráos, fustas e almadias
 Para as costas escorrer,
 Mosquetes para agomias,
 Para os alfanges espadas,
 E braços p'ra combater.

Era nos mezes de estio
 Em que o mar é de feição,

E o numeroso gentio,
Desde Ormuz até Ceylão,
Costuma dar rija caça
A todo o barco christão.

Do ancoradouro de Goa
Nova armada vae sahir ;
Deus a leve em hora boa,
P'ra que possa resistir
A tantos mouros, que as ondas
De si parecem cuspir !

Já ledos os marinheiros
Andam na faina a lidar,
Contentes e prasenteiros
As proas voltando ao mar,
E á fresca brisa da terra
Procurando as vellas dar.

Era d'esta linda armada
Dom João d'Eça o capitão,
Que com ella auxiliada
Pelos ventos de monção,
Cincoenta velas aos mouros
Tomou 'naquelle verão.

E sulcando o immenso lago,
O bravo de Cananor,
Para fazer mor estrago
Foi pojar em Mangalor,
Que destruiu, semeando
Nos mouros susto e terror.

Abatida aquella gente,
Na volta se fez do mar,

Sem novo p'riço imminente
No horisonte avistar,
Qual eram sessenta velas,
Todas de mui respeitar.

Eram do rei poderoso
De Calecut essas naus,
E um capitão mui famoso
Commandava esses paráos
Com munições, boa gente,
E abundancia de pardáos.

O capitão, mouro china,
Cutial' por nome tem ;
Traz comsigo gente dina,
De feito, e limpa tambem,
Que não teme os elementos,
Os portuguezes, — ninguem !

Assim, correu para os nossos
Como quem julga vencer,
E não se lembra dos ossos
Que seu officio sohe ter,
E nem imagina o modo
Por que o podem receber...

Travou-se rija batalha
Como a India nunca viu !
Uma nuvem de metralha
Do nosso lado saíu,
Contra a chuva d'azagaias
Que sobre os nossos caíu.

Depois chegaram mais perto,
Redobrando o pelejar,

'Te que d'um modo mais certo
Já se podiam mandar
As ballas, lanças e xaras,
Sem o receio d'errar.

E na immensa gritaria,
Nas vozes de maldição,
No verde mar que bramia,
Do fumo na cerração
E no gemer do vellame,
Reinava a destruição !

Cutial', mouro valente,
Confiava em seu poder ;
Na sua briosa gente,
Que, sem pé atrás volver,
Pedacos seria feita
Se não podesse vencer.

Com ser muito mais pequena
A armada de Portugal,
Lá tinha mais d'uma antenna
Para enforcar Cutial',
E bravos para vencerem
Esse combate naval.

Duvidoso estive o feito
'Num teimoso batalhar,
'Té que os nossos pondo peito
A proeza d'illustrar,
Poderam na capitaina
Denodados penetrar.

E na lucta braço a braço
Que sobre a tolda se deu,

Qual rija muralha d' aço
Que prodigios commetteu,
A nossa briosa gente
Toda a mourisma venceu.

E, depois de ser captivo
O valente Cutial',
Dom João d'Eça o mandou vivo
De presente a Portugal,
Ganhando no mar das Indias
Mais um combate naval.



THE
LIBRARY OF THE
MUSEUM OF NATURAL HISTORY
LONDON

PLANTAE
INDIAE
ORIENTALIS
INDICA
INDICA
INDICA

LOPO MARTINS

Escrevera Dom Fernando de Menezes a *Historia de Tanger*, de que fôra governador, e 'nella a pag. 50 nos descreve o feito de que fizemos a composição junta.

Primavera de flores e de fructos era 'nesse tempo o bellicoso viver de Portugal.

As façanhas de marcio brio succediam diariamente acções de patriotismo inquebrantavel e de abnegação nos fastos portuguezes.

Esta tira de terra occidental que rasgou os mares e mostrou á velha Europa attonita novos climas e novos céos, attingira o fastigio de sua maior gloria. — Era Carthago antes de Zama; vinha ainda longe Alcacer-Kibir.

O feito imperecedouro de Mem Moniz na tomada do Castello de Lisboa tinha alli, na proesa de Lopo Martins, um mais perfeito modelo, um mais feliz exemplar.

A harpa das tradições patrioticas canta-nos a morte de um entalado na porta d'Almedina, e o allaude saudoso dos bellicos feitos modula um hymno de gloria ao que defendera ás lançadas a entrada de Tanger, a uma horda de selvaticos agarenos.

Legendarias parecerão á critica severa aquellas acções estremadas ; mas, que importa ao trovador da poesia do passado que ellas o sejam ou não ? A poesia lá está rescedente como o rosmaninho agreste.

E se é certo que os nossos ascendentes obraram feitos de acrysolado valor pelo mundo universo, entrando praças e dominando povos, que muito que nas patrioticas lendas andem factos menos inconcussos ?

Dos arabes herdamos nós a imaginação creadora que nas construcções de Granada, nos decantados palacios da gentil Alhambra se traduz em monumentos d'arte admiraveis. Assim, phantasiámos engrandecendo.

Consagre, pois, alguns sons á heroica façanha a lyra que dedilho.

LOPO MARTINS

1501

I

Cedendo o campo ao valor dos nossos
Tanger captiva de christãos gemia ;
E a maura gente libertar tentava
A joia islamica.

Ondas de fogo vomitando balas,
Que no ar se cruzam conduzindo a morte,
Nos crentes filhos de Ismael produzem
Estrago horrifico.

Cegos amoucos de uma lei mais cega
Crebros assaltos dão á praça os mouros
Tentando castigar dos portuguezes
A enorme audacia.

El-rei de Fez com doze mil cavallos
Tanger sitia, desfazer tentando
Hortas e campos e o padraсто ativo
Da sua gloria.

No entretanto o canhão d'Arzila troa,
 De Tanger aos heroes annuciado
 Dos inimigos da cruz o negro intento
 E a marcha rapida.

O conde de Monsanto cujo nome
 Dom Rodrigo de Castro a historia exalça,
 Da nova sabedor ao campo armado
 Lhes sae precipite.

II

Agora de heroicidade
 Devo lembrar uma acção ;
 Não é nova, na verdade,
 Mas briosa imitação,
 Que dando immortalidade
 Nobilita uma nação.

Lopo Martins o soldado
 Foi que á praça alfim chegou ;
 Mas, tão deperto acossado,
 Que apenas a porta entrou
 P'ra não ser despedaçado
 O rosto aos mouros voltou.

E com tanta galhardia
 Sosinho se deffendeu,
 Que julgando cobardia
 O aviso que recebeu
 De fechar á mouraria
 Presto a porta, respondeu :

*Não permitta Deus que eu seja
D'essa infamia causador :
A Mem Moniz tenho inveja :
Disse o nobre luctador,
Para que ora o mundo veja
Egual acção de valor.*

E que, se por dar entrada
A christãos um pereceu,
Outro expoz a vida honrada
Na porta que defendeu,
E que sómente fechada
Foi quando os mouros venceu :

Quando os nossos animados
Pela façanha immortal,
Accudiram denodados
Da fortaleza ao portal,
Sendo os mouros derrotados
Das armas de Portugal.

III

Se o passado exemplifica
Nas generosas acções,
Tambem por certo edifica
As modernas gerações.

E se tão altas virtudes
Tiveram nossos avós,
Certamente menos rudes
Tenhamos as mesmas nós.

Vivamos, pois, do passado
Que é fanal que nos conduz
Para o Eden desejado
De liberdade e de luz.

PEDRO ESTEVES

O BARBADÃO DE VEIROS

A ideia d'esta composição suggeriu-m'a o livro do sr. Teixeira de Vasconcellos, *Les contemporains*.

O auctor d'este livro resume com muita habilidade o que Dom Antonio Caetano de Sousa tracta dilatadamente na *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*.

Nunca vi cantado em verso o justo resentimento de Pedro Esteves, a sua offensa, a sua dôr.

Em prosa sei eu que o Sr. Antonio Pereira da Cunha romanticára o caso, no seu drama — *A Herança do Barbadão*.

Por isto, e porque a historia de Pedro Esteves nos offerece um excellente modelo de brios portuguezes, escrevi o *Barbadão de Veiros*.

Publicada a composição na *Folha do Sul*, periodico d'Evora, precedeu-a a seguinte introduccão da penna do

meu amigo, o sr. A. F. Simões, intelligente professor no Lyceu d'aquella cidade, e director de sua rica bibliotheca.

É hoje lente de Medicina em Coimbra e um dos seus homens de lettras, mais respeitado por seu saber e hombridade de seu character honesto.

A poesia que hoje damos em folhetim foi-nos obsequiosamente offerecida por seu auctor para a *Folha do Sul*, onde em razão do facto que memora, tem melhor cabimento do que em qualquer jornal d'outra provincia. Agradecemos sinceramente a offerta ao sr. Barata, artista de Coimbra, que muito honra a distincta classe a que pertence, e a quem de ha muito nos ligam laços de sympathia e amizade.

É nas horas que as suas occupações lhe deixam livres que o auctor se tem dedicado com proveito á cultura das lettras, e em particular da poesia. No genero da poesia historica popular, a que pertence — *O Barbadão de Veiros*, publicou já algumas notaveis producções, que lhe gran-gearam merecidos elogios. Em prosa tem tambem alguns trabalhos que denotam natural ingenho e incansavel amor do estudo.

O facto, que dá assumpto ao *Barbadão de Veiros*, acha-se mais ou menos circumstanciadamente relatado por alguns dos nossos historiadores. Dom Antonio Caetano de

Sousa dedicou-lhe algumas paginas da sua *Historia Genealogica*, e 'num livro recente que tamanha sensação causou em toda a Europa — *Le Portugal et la maison de Bragançe* — conta o auctor o caso do *Barbadão de Veiros*, a proposito da origem da casa de Bragança, referindo que por muitas vezes o recordavam os duques d'este titulo, como motivo de lustre e gloria para sua familia.

PEDRO ESTEVES

O BARBADÃO DE VEIROS

I

Vêdes vós aquelle velho
Que tão longas barbas tem?
Que sombrio e cabisbaixo
Por aquella encosta vem?
Que pára, encostado á bésta,
Como esp'rando por alguém?

Vêdes-lhe a fronte enrugada
Na velhice prematura?
E como as barbas compridas
Já mostram precoce alvura?
E como os passos tardios
O levam á sepultura?

Como o roble da montanha
Que o fogo dos céos lãscou,
E que as folhas verde-escuras
Para logo lhe queimou;
Que sêcca a seiva da vida
Antes de tempo murchou:

Tal o espinho da desdita
 Lhe pungiu bem fundo 'nalma...
 Tal o fogo da vergonha
 Lhe roubou socego e calma,
 E ás barbas longas e brancas
 Junctou do martyr a palma.

Lavrador dos mais honrados
 D'esta briosa nação,
 Viu um dia que a deshonra
 Lhe manchára o coração...
 Pedro Esteves é seu nome,
 Por alcunha o *Barbadão*.

Mas que pensa o moço-velho
 No profundo meditar?
 — Á vingança presta ouvidos;
 Quer seu bom nome illibar:
 Que ha nodoas que uncamante
 O sangue póde occultar.

Que as manchas mais indeleveis
 E de maior duração,
 São as que a honra maculam,
 O nome e a reputação;
 E só póde uma outra mancha
 Neutralisar-lhes a acção!..

«Que tristeza, Pedro Esteves,
 «Tuá-alegria tomou!
 «Quando acabará a magoa
 «Que teus dias enluctou?..
 — Só quando por mim for morto—
 Esse que a paz me roubou?

A quem é que Pedro Esteves
 Tão feias palavras diz?
 Porque a bésta de garrucha
 Descarregar-lhe não quiz?
 — Porque atirava ao valente
 Dom João, Mestre d'Aviz.

É que sempre que um só homem
 Uma espera a outro faz,
 Não sendo elle inda no vicio
 Endurecido e tenaz,
 Se lhe falla o inimigo
 Já do crime é incapaz!

É da natureza humana
 Esta triste condição:
 A coragem, muitas vezes,
 Afrouxa a mais forte mão:
 Este exemplo é bem frisante
 Do Mestre e do *Barbadão*.

E bem firme em seu proposito
 Da escura offensa vingar,
Barbadão saíra ao Mestre
 Para contas ajustar,
 E para com sangue d'elle
 A negra mancha lavar!

Mas, qual o labéo infame
 Que d'um moço um velho fez?
 Que assim maculou o nome
 D'um honrado portuguez?
 — Vejâmos as nossas chronicas,
 Que nol-o dirão talvez.

II

Na villa de Veiros vivia um sujeito
 Bemquisto de todos, honrado e leal,
 Com elle uma filha d'angelico aspecto,
 Que em todo o Alemtejo não tinha rival.

Por nome Ignez Pires, gentil e donosa
 Foi mui requestada com grandes paixões ;
 Que nunca se vira mulher mais formosa
 Com tantos vassallos em mais corações.

Nas filas d'amantes que tinha a donzella
 Dom João se alistou, que foi Mestre d'Aviz :
 Mui bem recebido e adorado por ella
 Foi elle o ditoso, só elle o feliz.

Dos ternos amores que mutuos se deram
 O fructo 'num filho ditosos os fez :
 E como lembrando os avós, lhe pozeram
 O nome d'Affonso, de rei portuguez.

O pae d'Ignez Pires, de brios modelo,
 Bemquisto de todos, honrado e leal,
 Ao ver da deshonra em seu nome tal sello
 Maldisse seu fado, cruel e fatal.

As barbas cresceram-lhe a um ponto excessivo,
 E o povo por isso o chamou *Barbadão* ;
 No rosto enrugado, no olhar pensativo,
 A dor transluzia de seu coração.

No entanto os successos lavaram ao throno
 O Mestre d'Aviz, que foi rei portuguez,



E o homem de Veiros votou a abandono
Projectos que tinha de morte talvez.

Os annos volveram, e da dynastia
De Dom João primeiro, já filhos não ha:
Intrusa reinára a cruel tyrannia
Que a *boa* Castella nos trouxe de lá.

Depois, de Bragança dos Duques o oitavo
O mando supremo ditoso assumiu,
E um povo gigante, que já fôra escravo,
De bens nova quadra ditoso fruiu.

El-rei Dom João quarto, d'Aviz descendia;
De Dona Ignez Pires provinha tambem:
Porque de seu tronco mui hem se sabia
O Mestre ser pae, e Ignez Pires a mãe.

O excelso Monarcha que d'elles procede,
O sceptro sustenta da nossa nação;
E possa na prole que o céo nos concede
Por mui largos annos lembrar *Barbadão*.

O pae d'Ignez Pires, de prios nobres
Bemquista de todos honrado e fiel,
Ao ver da deshonra em seu nome tal sello
Maldisse seu fado, cruel e fatal.

As barbas cresceram-lhe a um ponto excessivo
E o povo por isso o chamou Barbadão;
No rosto enrugado, no olhar pensativo,
A dor transuxia de seu coração.

No entanto os successos lavaram ao throno
O Mestre d'Aviz, que foi rei portuguez.



MARTIM FERNANDES

Parece desconhecido de nossos historiadores o facto que motivou esta composição. Mr. Ferdinand Denis em sua *Historia de Portugal*, pag. 297, diz a este respeito : « *Les noms du cordonnier et du potier de Lisbonne n'ont été redits que nous sachions par aucun historien. Leur discours généreux est enfoui aujourd'hui dans un recueil ignoré. Il nous a semblé qu'il était bon de faire voir tout ce qu'il restait de ferveur patriotique à ce peuple généreux qu'on allait charger de chaînes.* »

Em nota manda ver o Ms. da Bibliotheca do Rei em Paris, que tem o numero 10:241, onde se encontra a allocução de Martim Fernandes e de Antonio Pires, artistas de Lisboa, á nobreza reunida em uma sala do mosteiro do Carmo.

Este acto, um dos de maior amor patrio que em nossa historia conheço, inspirou esta poesia :

MARTIM FERNANDES

8 de abril de 1379

I

Nos plainos sedentos d'Alcacer maldita
O ramo valente findára d'Aviz ;
Um tremulo velho nas vascas da vida
Mui fraco reinava no nosso paiz.

Alguem inda pode partir as algemas
Que em Ceuta a mourisma nas mãos lhe lançára ;
E, qual outro Mestre d'Aviz, estes reinos
Das mãos de Castella salvar intentára.

Correram contrarios, porém, os destinos ;
Sorriu-lhe a desdita vilmente cruel ;
E roto, desfeito, morrera na França,
Expulso das terras que amára fiel.

Castellos de nuvens, sinistras, medonhas,
O céu encobriam do bom Portugal ;
E o povo de bravos nos feitos, no brio,
Tirava das nuvens agouro fatal....

Temia que as quinas de suas bandeiras
O campo cedessem a hispanos leões ;
Que os braços valentes que o mundo abarcaram
Os pulsos prestassem a duros grilhões :

Temia que houvessem infames traidores
Capazes da patria a Castella vender...
Por isso em Lisboa tremendo alvoroço
Dest'arte mostrava qual seu parecer :

II

ANTONIO PIRES :

A patria salvemos
Das mãos de Castella,
Prodigios obremos
Morrendo por ella.

CORO DE OLEIROS

De barro faremos
Pelouros mortaes,
E estatuas daremos
Aos bons generaes.

CORO DE FERREIROS

Sem grandes tardanças
Em prol da nação,
Espadas e lanças
Promptas estarão.

CORO DE SAPATEIROS

E nós correames
 Contentes faremos,
 E a treds infames
 A morte daremos.

III

Assim a multidão bradava altiva
 Nas ruas de Lisboa ha muitos annos,
 Mostrando que um paiz não se captiva
 Sem grandes males, sem mui graves damnos :
 Sem que primeiro se lhe perca a historia,
 Com ella os feitos de estremada gloria.

Um povo heroico que domára as vagas
 Novas vias mostrando á velha Europa ;
 Que as santas quinas em remotas plagas
 Respeitadas tornou por sua tropa ;
 Que tão forte em dois mundos se fizera
 Que o fôra n'outro se outro mundo houvera ;

Que á famosa rainha do Adriatico,
 Moderna Tyro dominando o mar,
 Da Europa ás vistas e do mundo extatico
 Banira o culto do neptunio altar ;
 Não póde a estranho jugo dar assenso
 Se não depois de haver luctado immenso !

De maio era o mez ; oito jornadas
 No quadrante do tempo havia feito,
 Antes que as côrtes fossem convocadas,
 Para ao rei Cardeal jurarem preito,

Quando do Carmo no mosteiro antigo
O povo se juntou da patria amigo.

Ante a nobreza, cuja lealdade
Era das turbas a maior confiança,
Garantia tambem da liberdade,
Dos patrios sentimentos arca santa,
Martim Fernandes, sapateiro-honrado,
A voz ergueu assim do peito ousado :

Se tredos a patria conta
Do reino entre a nobreza,
E se vossa gentileza
A pôr-lhe um dique não monta,
E a manter immaculados
Honra e direitos sagrados :

Como em tempos do primeiro
Rei João de Portugal,
Porá cobro a tanto mal
De Lisboa o povo inteiro
Com espingardas, bisarmas,
Com espadas e outras armas.

A ferro e fogo poremos
Habitações de traidores ;
Com espantosos horrores
Seus feitos premiaremos,
E de Castella á bravura
Daremos nós sepultura...

IV

Do trecho de historia que expomos em verso
Um facto resalta d'immenso valor :

O povo oppoz sempre por armas a estranhos
Em todos os tempos da patria o amor.

E, pois que o passado na posteridade
Por certo julgado mui recto será,
Ao menos do Crato ao Prior desditoso
As nobres ideias justiça fará.

SALVADOR RIBEIRO DE SOUSA

A leitura que eu fizera da *Conquista do Reino de Pegú na India Oriental*, inserida no tomo 4.^o das obras de Fernão Mendes Pinto, impressas em Lisboa em 1829, e a do que ao mesmo assumpto patenteia o *Anno Historico*, me demoveram a cantar os feitos grandes de Salvador Ribeiro de Sousa.

Enthusiasmaram-me as acções d'aquelle heroe!

Empenhei, pois, minhas forças em narrar os prodigios de seu valor, ignorando (de tal não córo) que o harmonioso Elpino lhe consagrara a sua ode 12.^a

Sob o titulo *Massinga*, víra eu no 2.^o vol. do *Romanceiro Portuguez*, do Sr. Pizarro um romance cujo heroe era o mesmo, sendo diversa, porém, a fórma, e mais descorada, talvez, a pintura de suas acções.

Lamento que me encontrasse com Elpino e com Pizarro, pois que o meu intento foi sempre cantar aquelles que acinte o não houvessem sido; mas estimo-o, porque bom se me offerece o ensejo de confessar que, não foi louca persuação de melhor memorar suas obras, a mola

que me impelliu a mal dizer o que outros bem fizeram,
e porque posso, terminando estas linhas, dizer ao publico
que me ler : que se

«Tributo de caudaes rios acceita,
«Soberbo não rejeite
«Pobre feudo de incognito regato.»

SALVADOR RIBEIRO DE SOUSA

1578 A 1602

O homem que no mundo herdou um throno
Ou muito ennobrecido ou deshonorado,
É bem pouco a meus olhos
Se o não engrandecer com sãs virtudes,
Provadas por mil vezes nos trabalhos
De uma senda d'abrolhos.

Mas esse que levanta com seus feitos
Um throno d'affeições em que se assenta,
Mais alto do que os seus,
Acatando a virtude e as leis da honra,
Amphora de crystal que o nada encerra,
Vale mais do que um Deus.

Sim, Deus, o Summo Bem, a Essencia Prima,
Unico, sem equal, sem semelhantes,
A quem se ha de elevar?
E o homem entre os seus, que se guerreiam,
E uma esphera procuram em que possam
Mais alto dominar,

Não fará mais que um Deus, já de si Maximo,
Se por suas acções e seu talento

Alto poder subir?

E com laços d'amor e de respeito,
Elementos junctar dispersos, varios,

E um throno construir?

«Talento tens em ti, em ti ha genio,

«Portanto, aspirações que te engrandecam :

«Sobe, sobe até mim :

«Eu sou teu Creador, sou Deus, sou Unico,

«E a Summa perfeição, que nunca teve

«Nem jámais terá fim :

«Principio nunca tive ; no infinito

«O mais alto logar é meu imperio,

«Não posso subir mais :

«Tu, com o pensamento que te eleva,

«E com esse aspirar que em mim fallece,

«És Deus entre os mortaes».

E foi ; e foi um Deus o valoroso

O bravo portuguez a quem meus versos

Vou consagrar agora,

Que lá nas regiões que lava o Mecom,

No reino de Pegú, foi levantado

Como seu rei outr'ora.

I

Eil-o, o valente heroe, rasgando os mares

Na conquista de um nome e d'alta gloria !

Eil-o das ondas arrostando azares

Para uma lauda mais junctar á historia

Que lá em novos climas, novos ares,

Esforçados varões fazem notoria
 Com seus feitos, na terra ou no profundo,
 Assombrando a Asia, a Europa, o mundo !

Vae pela patria combater distante,
 Porque chega d'aqui ao oriente
 A patria amada do varão prestante,
 Que viu a luz do dia no occidente,
 E que me inspira agora e faz que eu cante
 Accções de seu valor humildemente,
 Que lyra d'altos sons nem pulso ou tenho
 Para bem contentar ao meu empenho.

Pela espada sómente protegido
 Demanda Salvador remotas plagas,
 Onde espera tornar bem conhecido
 O nome que seu é : entregue ás vagas
 Accções cogita com que seja lido
 D'um remoto porvir nas patrias sagas :
 E assim dobrando vae o promontorio
 Das *tormentas* chamado tormentorio.

Já passa por Sofala e por Quiloa,
 A extensa costa após de si deixando,
 E Mombaça e Melinde : para Goa
 Ao vento vae o lenho as velas dando
 E ás correntes do mar a aguda proa ;
 E em quanto com mil p'rigos vae luctando
 A penna d'ouro já prepara a historia
 Para eterna fazer d'elle a memoria.

Não pára em Goa o navegante ousado :
 Mais longe o quer levar a amiga sorte,
 Que aquelle emporio com valor ganhado
 Portuguezes lá tem á altivo porte,

Por quem das invasões será guardado,
 Em quanto a vida não ceder á morte,
 Em quanto existir um só dos nossos
 E o inimigo poder não for destroços.

Assim por Anchediva e Batecala
 A rota vae fazendo o nobre Sousa ;
 Por Tanor e Cochim obriga a escala
 E o cabo Comorim dobrar já ousa,
 Até singrar no golfo de Bengala,
 Pojando em Syrião, onde repousa
 Das fadigas do mar sempre inconstante,
 No reino de Pegú lá tão distante.

Com razoavel pretexto logo funda
 Uma casa com ar de fortaleza ;
 De grossos baluartes a circumda,
 Para melhor servir á sua empreza
 De fazer guerra 'num paiz que abunda
 Em ouro e prata e muita mais riqueza,
 E poder accudir mui facilmente
 Ás nossas possessões mais a oriente.

Comtudo, carecia o bom Ribeiro
 Que da India os vice-reis o soccorressem
 Com braços, munições e com dinheiro,
 Para que d'este modo ali podessem
 Alguma permanencia obter primeiro ;
 E dado que os Pegús o accommettessem,
 E sua praça derruir tentassem,
 Já preso ao solo com raiz o achassem.

Estava então o reino dividido
 Em muitos regulos que a ambição perdia,
 Quando o mais poderoso e mais temido,

E que Banhadalá por nome havia,
 Um exército ergueu mui aguerrido,
 Com o qual destruir-nos pretendia :
 Com seis mil homens mais de cem navios
 Vogavam a encontrar os nossos brios.

Mas Salvador Ribeiro que só tinha
 Remadas por christãos umas seis velas,
 Contra essa armada que no rio vinha,
 D'alcanzias de fogo, ou de panellas,
 As manda guarnecer como convinha ;
 D'escopetas, espadas e rodellas,
 De trinta portuguezes destemidos
 Affeitos a vencer, jamais vencidos.

Repontára a maré : a nossa armada
 Sobre o seu collo já se entrega á brisa ;
 Já prestes cada vela é infunada,
 E cada embarcação veloz deslisa :
 Entretanto essa frota procurada
 Inda lá muito longe se devisa ;
 Que é na razão inversa da grandeza
 De tudo o que se move a ligeireza.

Vogava contra o esto a esquadra imiga,
 Portanto, qual reptil, morosamente ;
 Protege a nossa mesma causa, e obriga
 A voar-lhe ao encontro a nossa gente,
 Que, pouca em numero, mas leal e amiga,
 Fará ver á mourisma que o occidente,
 Com ser a região que o sol occulta,
 Aos bravos filhos seus mais luz faculta :

E que, na intrepidez e na bravura,
 Sempre o sol da grandeza os alumia ;

Que nas suas acções não ha negrura,
Porque no seu valor é sempre dia :
Que o genio portuguez só deixa a altura
Quando vae repousar na campa fria,
Quando de todo a luz é apagada,
Quando, pago o tributo, é cinza, é nada !

Já perto se avistavam : na contenda
Se empenha cada qual com gran denodo :
Enorme cuquiada em grita horrenda
Aos mouros dá valor lá a seu modo ;
E sem que no ruido alguém se entenda,
Sacrificam alli seu poder to' o,
Tinindo crizes, despedindo settas,
Mandando ballas sobre nós inquietas.

O forte Salvador 'neste momento
'Num diluvio de fogo os embarça ;
Como nos ares durmitava o ventó
'Numa nuvem de fumo os cega e abraça ;
E auxiliado assim no seu intento
De subjugar a mahometana raça,
Meneando a forte espada, a aguda lança,
Aborda a esquadra e valoroso avança.

A lucta foi tremenda ! a gritaria
Na immensa confusão, amedrontava ;
A maré, que a nós só favorecia,
A esquadra dos Pegús prejudicava,
Que, por ser grande, nem sequer podia
Aos nossos escapar, e abalrcava ;
E, por que diga tudo em breves termos,
Não havia, a final, a quem vencermos !

Como despojos do naval combate

Muitas embarcações presas ficaram,
 A que o bom Salvador não deu resgate,
 Para 'nellas mostrar nossas proezas,
 E poderem servir 'nesse remate
 Das heroicas façanhas portuguezas,
 Pelas quaes, hoje mesmo, 'nessas plagas
 Inda suspiram gemebundas vagas.

Alguns dias depois d'essa peleja
 Em que Banhadalá foi derrotado,
 Seu genro Banhalau, porque não seja
 O poder portuguez mais dilatado,
 E movido tambem de grande inveja,
 Resolve accommetter com braço armado
 E prompto aniquilar completamente
 Do forte Portugal a pouca gente.

O bravo Salvador não se intimida ;
 E, quando certo dia a fortaleza
 Era toda por mouros já cingida ;
 E lá por alta noute a natureza
 O somno dorme tão preciso á vida,
 Investe-os mais os seus, com tal braveza,
 Que dando a Banhalau primeiro a morte,
 Derrota e vence cada vez mais forte !

De victoria em victoria, dilatando
 O seu imperio foi o bom Ribeiro ;
 Até que um dia, não relembro quando,
 Certo rei comarcão por verdadeiro
 Successor do Pegú se foi mostrando ;
 E, como prompto e diligente obreiro,
 Com dez mil homens a conquista intenta,
 E com embarcações cento e cincoenta.

Massinga era o seu nome; e estando perto
 Da fortaleza que o incommoda tanto,
 Porque já o seu fim tem como certo,
 Não a quer atacar sem entretanto,
 Comò medida de gran tino e acêrto,
 Os idolos beijar 'num templo sancto:
 E com seus generaes a esquadra deixa,
 Para do falso deus não haver queixa.

No entanto á voga surda já navega
 Na volta d'elles Salvador brioso,
 Que emquanto a devoções el-rei se entrega
 A armada lhe accommette impetuoso;
 E na breve, confusa e audaz refrega
 O exército lhe vence numeroso,
 Não lhe valendo preces, sacrificios,
 Em tal destruição, em taes convicios.

Fugiram todos; só Massinga, o bravo,
 Que prompto alli voltára, o combatia,
 Pois do nome e valor em desaggravo
 A mesma propria vida até daria
 Para d'um portuguez não ser escravo,
 E nobreza mostrar e valentia:
 Que o sorriso do labio vencedor
 É 'num exilio o mais cruel horror!

Massinga fôra o cedro que arrostava
 A furia ao vendaval que o sacudia;
 Salvador, o tufão que aniquilava
 Tudo, tudo o que mais lhe resistia!
 Assim, ao pobre rei a morte dava,
 Que o throno e as ambições ali perdia,
 Deixando o portuguez victorioso,
 Socegado, feliz e poderoso.

A fama da morte do triste Massinga
 Em breve no reino se fez conhecer,
 E das injustiças dos mouros se vinga
 A Sousa offertando um extenso poder.

Ministros dos deuses, os nobres e o povo
 Suppondo que Sousa não era mortal,
 Resolvem concordes fazer um rei novo,
 Um rei que não tenha no mundo rival.

E, pois que a fortuna andou sempre a seu lado,
 Com festas immensas seus preitos lhe dão,
 E pondo-lhe o nome do rei desthronado
 Massinga lhe chamam por toda a nação:

E mais lhe accrescentam — *Quia* — deus da terra,
 E assim o respeita já todo o Pegú,
 E até alliança com elle, e não guerra,
 Os reis sollicitam d'Ová e Tangut.

Por falsos avisos, no entanto, movido
 Lhe expede umas ordens o seu vice-rei,
 Nas quaes d'esse cargo em que fora investido
 Mui prompto o exautora por mando da lei.

Submette-se ás ordens o heroico soldado!
 Que assim costumava cumprir seu dever;
 Porque preferia morrer ignorado
 A patria dos bravos jámais esquecer.

Agora d'esse homem que tão grande exemplo
 De immensa fortuna na historia deixou,
 Sómente Alemquer inda guarda 'num templo
 A campa funerea em que alfim descançou.

O CONDE DOS ARCOS

A *Épocha*, periodico litterario que se publicou em Lisboa, insere a *Ultima corrida de touros em Salvaterra*, de L. A. Rebello da Silva.

Assumpto achei 'nella para o *Conde dos Arcos*.

Se por um lado a soberba descripção me indignou contras as touradas; se 'num tempo em que a vontade de um homem extraordinario fazia mil reformas liberaes, antecipando e antevendo o reinado de uma nova ordem de ideias, sem curar da extincção de semelhante espectaculo, opprobrio de um povo civilisado, por outro maravilhou-me o rejuvenescimento de um velho que pede á morte forças, para vingar 'num irracional furioso a perda de um filho amado.

Sublime me pareceu o quadro, e digno do pincel e da tela poetica.

Por isso escrevi o *Conde dos Arcos*, que sendo publicado no *Commercio de Coimbra*, foi precedido d'esta dedicatória:

AOS MEUS COMPADRES

ANTONIO BERNARDINO CERQUEIRA LOBO

E

RODRIGO AUGUSTO VELLOSO

Uma das cousas mais bem escriptas e descriptas que tenho visto em lingua portugueza, é, sem contradicção, *A ultima corrida de touros em Salvaterra*, do nosso accurado escriptor Rebello da Silva. Escusado é, pois, encarecel-a aqui com elogios sem força. Mereceu as honras de ser vertida em francez por Mr. Fournier, e isto não é pouco.

No meu empenho de cantar em pobre metro as lendas e tradições da patria, os feitos e as acções homericamente heroicas de nossos maiores, acordou-me a vontade de poetar o magnifico escripto a que vou alludindo. Mas que? Achei-me de repente mettido 'numa camisa de onze varas, como vulgarmente se diz, 'numa como ensanguentada tunica de Nessus, que me apertava a vontade sem poder esmagar o meu intento. Era forçoso, por tanto, cantar *A ultima corrida de touros em Salvaterra*.

Dizer-vos o que soffri na incubação (relevae o termo) do *Conde dos Arcos*, fôra, além do inutil, desnecessario,

porque bem conheceis as innumerables bellezas com que o primoroso escriptor adornou o soberbo quadro, e bem sabeis tambem a que finos traços, a que delicados adornos se presta a prosa, quando mão habil lhe ordena que descreva, e pinte.

São vantagens da prosa sobre a poesia, que só desconhecerá quem nunca fez um verso.

Sobreleva vantagens, é certo, a poesia; mas 'num estylo apanhado, vigoroso, conciso; 'num estylo axiomático.

A poesia campeia ativa na região do pensamento; como locomotiva a grande velocidade vò de uma ideia a outra; as suas estações intermedias são as nugas que despreza.

A prosa não é assim; tudo descreve, contempla, esmiuça; como escalpello em mão de intelligente operador, descobre o musculo mais recondito, a veia mais delgada.

Não póde a poesia, com o onus da rima, com o numero de versos para cada estrophe, especializar como a prosa; e d'aqui me veio o grande receio que tive de não fazer cousa que se lesse.

Se me não illudo, creio que podia ser menos feliz; por isso vos offereço esta composição, que, se não fôr digna de vós, não será, comtudo, indigna de um artista.

Não é perfeita, porque o não póde ser: tem defeitos, talvez erros; mas, aquelles, acceitae-os como pecha inherente ás obras do homem, e estes, consideraes-os como cifra commercial, ou marca da casa.

O CONDE DOS ARCOS

REINADO DE D. JOSÉ

I

El-Rei Dom José primeiro
 Governava em Portugal ;
 Apesar de que as beatas
 E a fidalguia, em geral,
 A meia voz murmuravam
 Que era o Marquez de Pombal.

E a razão que apresentavam
 Para do Rei murmurar,
 Era que o nobre Ministro
 No *throno* estava a reinar,
 Porque o Monarcha indolente
 Estava ao *torno* a torneiar.

Isto diziam os imigos
 D'El-Rei Dom José primeiro,
 Porque sabiam do gosto
 Que o Rei tinha em ser torneiro ;
 E... não sei ; até as honras
 Lhe davam de um hom toureiro.

Mas, deixando os maldizentes
 Em seu eterno ralhar,
 Corrámos a Salvaterra,
 Que ha lá festa d'assombrar;
 'Té o Rei, com toda a côrte,
 Á funcção não quiz faltar.

Uma corrida de touros,
 Raça andaluza de lei,
 Attrahe grande concorrência,
 De terras que nem eu sei!
 Convida toda a nobreza,
 Chama a côrte e chama o Rei.

O pequeno amphitheatro
 Ninguem mais póde conter;
 Os trages, na côr diversos,
 É cousa linda de ver;
 ¿Pois as bellas portuguezas?
 Mal se podem descrever.

Os Forcados e os Capinhas
 Que bem vestidos estão!
 Seus fatos á castelhana
 Airoso garbo lhes dão:
 Cabellos bem penteados
 Capa vermelha na mão.

Cavallos e cavalleiros
 Nunca se viu cousa assim!
 Os brasões de seus maiores
 Na gualdrapa do sellim,
 A espada em forro de prata
 Pende de rico telim:

Velludos, rendas e cassas,
 Seda e ouro em profusão ;
 Penachos de finas plumas
 Tremem pendidos ao chão ;
 Muita alegria nos rostos,
 Muita fé no coração :

Muita firmeza nas sellas,
 Em muitos peitos valor ;
 Nos homens muita loucura,
 E nas bellas muito amor,
 Tal essa gente aguardava
 Um drama de pranto e dôr !

II

Já resoam charamelas,
 Á tribuna El-Rei chegou,
 E 'num viva immenso, unisono,
 A multidão o saudou.

Em seguida, um cavairo
 Galopando, a arena entrou ;
 Circundou-a com mestria,
 E, em certo ponto, quedou.

A um rosto que um véu cobria
 Os negros olhos mandou ;
 Sorriu-se, e da mão da bella
 Uma rosa ao chão tombou.

Deu de esporas ao ginete
 Que, como a setta, voou ;
 E ao passar juncto da rosa
 Na lança destro a tomou.

Depois, em meio d'arena,
Sustendo a brida, estacou ;
E, voltendo á dama os olhos,
Como de pedra restou.

Quem seria o cavalleiro
Que a donzella cortejou ?
E quem seria a formosa
Que velada se mostrou ?

Se o sabia o cavalleiro
A ninguem o divulgou :
Como a pomba esconde o ninho
O seu amor occultou.

Elle, era o Conde dos Arcos,
Que amor á bella jurou :
Progenie dos Marialvas
De quem o valor herdou.

Vestido á Luiz quatorze,
De lucto se apresentou.
Seria agouro sinistro ?
Jesus ! alguém pensou !

Abriu-se a porta do curro
Um touro na praça entrou
Na mais rapida carreira...
Mas, de repente, parou.

No cavallo e cavalleiro
Os igneos olhos fitou ;
Depois, retrahindo um pouco,
Fero mugido soltou ;

E, precipite correndo,
Ao cavalleiro voou ;
Que, premendo bem a farpa,
Sobre o arção mais se firmou.

Momentanea anciedade
De todos se apoderou,
Até que o Conde dos Arcos
No touro a farpa cravou,

E lesto sobre o ginete
Do touro se desviou,
Ao som de um brado tremendo
Que pela praça troou !

Imponente na agonia,
O boi a terra escarvou ;
E, mugindo ferozmente,
Como em lethargo ficou.

D'essa inacção dolorida
Presto o Conde o acordou ;
Na corrida, a farpa aguda
Pela frente lhe roçou.

Sobre o Conde desgraçado
O boi se precipitou...
E, 'num és não és, cavallo
E cavalleiro prostou !

Depois, nas pontas agudas
O pobre moço tomou,
E, sacudindo-o com força,
Aos ares o arremeçou ...

O corpo desceu á terra,
Mas não mais se levantou...
E o touro da côr da noute
Vencedor então urrou.

III

Quem será aquelle vulto
Que ao cadaver insepulto
Tanto aperta e beijos dá?
É o velho Marialva,
Conheço-o na fronte calva
E nas barbas brancas já.

É o pae do desditoso
Que seu ultimo repouso
Na tourada veio achar,
É seu pae, que allivio sancto
Encontra no ardente pranto,
Antes que o possa vingar.

Guerreiro de Dom João quinto!
Mostra valor não extincto,
Não succumbas, velho, não!
Que o sangue de um filho amado
Fuméga por ser vingado
Do pae pela propria mão!

— Vede o velho, ao chão pendido,
Como se apruma, aquecido
Na febre de interna dôr!
E se um filho á terra desce,
Como um pae rejuvenesce
Pelo paternal amor!

Eil-o vae ! já não parece
 Pessoa a quem não aquece
 O sangue que as veias tem ;
 Erguida a cabeça altiva,
 Semelha uma estatua viva
 Que automatica alli vem !

Parece que a natureza
 Lhe deu graça e deu belleza,
 Coragem, garbo, vigor ;
 Tem as barbas côr de neve,
 — Mas andar airoso e leve,
 — Mas do mancebo o valor !

Na direita a aguda espada,
 Na esquerda a capa incarnada,
 Ao touro corre o Marquez :
 À furia lhe furta o alvo,
 E adiante, são e salvo,
 Lhe surge por muita vez ?

Arqueja e espuma raivoso
 Cada vez mais furioso
 O corpulento animal :
 ¡ E o alvo sempre a escapar-lhe!
 ¡ E o Marquez sempre a acenar-lhe,
 Na pugna tão pouco equal !

De repente, Marialva,
 Descobre a fronte já calva,
 Bate as palmas, corre ao boi :
 O touro, de um pulo, avança...
 Co'a espada o Marquez o alcança
 Porque ao encontro lhe foi ;

Sustendo-lhe a furia brava
Detraz da nuca lh'a crava
Prostrando o touro no chão :
E em quanto seu filho abraça,
Rebenta por toda a praça
Estrondosa aclamação !

E o Marquez de Marialva
Limpendo a fronte já cálva,
Vencedor era a final :
Da arena desvia os passos :
Mas, 'nisto, cingem-no uns braços...
— Era o Marquez de Pombal.

I V

Consta, por fim, que o Ministro
D'El-Rei Dom José primeiro,
Fallando de tal sinistro,
Dissera assim ao Toureiro :
(Na phrase da fidalguia
Que ao Monarcha aborrecia).

— Senhor ! declaram-nos guerra!
— Poupe os vassallos leaes :
— Lançar homens a animaes
— Não é de bem avisado.
« Marquez ! estou emendado ;
« Nunca mais em Salvaterra
« Haverá touradas reaes. »

The first part of the book is devoted to a general
 introduction to the subject of the history of
 the world, and to a description of the
 various parts of the world, and of the
 different nations and peoples which
 inhabit it.

The second part of the book is devoted to a
 description of the different nations and
 peoples which inhabit the world, and
 of their customs, manners, and
 laws.

The third part of the book is devoted to a
 description of the different nations and
 peoples which inhabit the world, and
 of their customs, manners, and
 laws.

The fourth part of the book is devoted to a
 description of the different nations and
 peoples which inhabit the world, and
 of their customs, manners, and
 laws.

O PRESTE JOÃO

Occupava as atenções da velha Europa, desde o século 11, a descoberta do famoso *Preste João*, rei e pontífice da Abyssinia. Lidavam todos por se vangloriarem com a prioridade d'essa descoberta, quando el-rei Dom João II metteu hombros á empreza, e se empenhóu muito em a levar a cabo.

Ou fosse porque «a tradição fabulosa, ou antes mytho nestoriano do Preste João, que desde o xi até ao xv seculo lentamente caminhando de leste d'Asia para o *plato* de Habeseh, contribuisse prodigiosamente para as descobertas na idade media ⁴» ou porque a ideia de conquista com feliz exito coroada nas tentativas navaes de Zarco, Tristão Vaz e Bartholomeu Perestrelo nos demovesse ao proseguimento, a nós, portuguezes audaciosos, a nós coube a gloria de precisar nos mappas geographicos as terras do Preste João das Indias, e de fazer d'ellas meúda descripção

⁴ Humbold. t. 1.^o, pag. 11 e 12.

a penna de Francisco Alvares, confessor de el-rei Dom Manoel.

Em todos os livros de nossa historia que tratem da descoberta da India e que o leitor consulte, achará da empreza minuciosas informações.

Pela concisão, leia Rezende — *Chronica de Dom João II*, cap. 41.

Meus versos concernem á descoberta famosa, á lucta titanica, aos esforços grandes de nossos avós na derrota da India, em cujos palmares viçosos cortaram os sempre verdes louros que de gloria imperecedoura lhes cingiram as frentes :

O PRESTE JOÃO

REINADO DE D. JOÃO II

1487

I

Um monarcha poderoso
Mais que todos quantos ha,
Em toda a Europa famoso,
Nas riquezas fabuloso,
Onde habita? quem será?

De um monarcha jámais visto
Entre os crentes do alcorão,
Que professa a lei de Christo
E o qual é por tudo isto
Chamado *Preste João*;

Que tem no rico palacio
Joias de tanto valor
Quaes não teve Grecia ou Lacio,
Nem mesmo o gazofilacio
Foi de tantas possuidor;

Que nas partes do oriente
 É padre e tambem é rei ;
 A descoberta excellente
 Feita pela nossa gente
 Ora em meus versos direi.

II

Já quasi da gloria tocando o fastigio,
 Das praias occiduas ao reino da aurora,
 Os lusos famosos por mais de um prodigio¹
 Proesas obraram que assombram agora.

Por mar antes virgem de quilhas e sondas
 O Cabo famoso já tinham dobrado,
 E sempre arrostando bramisonas ondas
 No rio do Infante tambem ancorado.

Mas sem que das Indias tivessem noticias
 Nem mesmo das terras do Preste João ;
 Ao reino voltaram trazendo primicias
 Do nosso dominio em tal região. ¹

¹ Primicias traziam elles sempre para Portugal, á medida que se adiantavam pela costa. As especiarias, o marfim, os metaes diversos, etc, começaram de apparecer em Portugal.

Antes, pelos annos de 1442 vieram a Portugal dez negros, os primeiros escravos que tivemos d'aquella côr vindos da costa occidental d'África.

Nuno Tristão, em 1443 de volta a Portugal, trouxe mais *quarenta negros captivos, que cá se estimaram muito por sua estranha figura.*

Indice Chronol. das naveg. e viag. descobr. e conq. dos Port. por, S. Luiz. Lisboa, 1841 pag. 25 e 26.



Porém o monarcha que a empreza ordenára
Presiste mui firme no intento que tem,
E em quanto uma frota de novo equipara
Por terra lhe manda dois homens tambem.

Em mil quatrocentos oitenta e mais sette ¹
Do reino sahiram os dois viajantes ;
E agora seus nomes dizer-me compete
Que é certo não deixam de ser importantes.

Affonso de Paiva por nome um havia ;
O seu companheiro se diz Covilhã :
Nenhum d'elles tinha mui gran fidalguia
Porém boas partes, e estirpe christã.

Affonso na empreza, realmente arriscada,
Em prol de seus reinos a vida findou :
— Feliz o segundo que á fim desejava
A's terras do Preste ditoso aportou.

A morte entretanto de braços abertos
Recebe o monarcha na villa d'Alvor,
Expira inda novo sem ver descobertos
Os reinos do Preste de immenso valor.

Foi só no reinado seguinte que a historia
Da gran descoberta a noticia archivou,
E Vasco da Gama nos fastos da gloria
Seu nome e o dos nossos eterno deixou.

¹ Segundo Barros, Rezende diz 1486.

III

O historico excerpto confirma, em verdade,
Um feito brilhante da nossa nação,
Qual foi descobrir na remota Abyssinia
O mytho de muitos, o *Preste João*.

D. PEDRO AFFONSO

Ainda do *Anno Historico* tirei o espirito d'esta composição.

Dom Pedro Affonso fôra um homem dos mais notaveis no reinado do nosso primeiro Rei.

Educado por Egas Moniz, conjunctamente com seu irmão Affonso, temperára e aferira os sentimentos de sua alma pelos do mestre, sahindo não menos delicado e brioso cavalleiro pela educação, do que esforçado pelo nascimento.

E, em verdade, que melhor eschola não podia ter para consumado guerreiro !

Ao lado de um homem corajoso para quem o condado de Portugal era limitadissimo campo a suas ambições, uma serie de victorias lhe patenteava a senda do renome, da fama, da immortalidade.

Destemido em Trancoso, valente em Santarem, experimentado, vigilante e generoso no cêrco e tomada de Lisboa, Dom Pedro Affonso elevou-se a uma altura para que se não olha sem respeito.

Não foram seus cuidados sómente dilatar o ninho

da aguia que a olhos vistos crescia e implumava, para mais tarde desferir audacioso vôo em busca de terras desconhecidas, mas implantar no solo portuguez a cruz de Christo, como arvore a cuja sombra medrassem todas as instituições proveitosas á humanidade.

Assim, essa grande fabrica de Alcobça, ainda hoje arruinada representante das necessidades de uma época, por seus esforços se fundava, crescia, prosperava.

Complete Mariz estas considerações ; «...depois de muitas cavallarias, que em ajuda d'El-Rey seu irmão fez, entrou em a Religião de S. Bernardo, no Mosteiro de Alcobça, onde morreu, e está sepultado.»

D. PEDRO AFFONSO

25 D'OUTUBRO DE 1148

I

Reinava o primeiro Affonso
No breve reino que herdára,
E 'naquelle que á mourisma
Com seu valor conquistára.

Lisboa, a nobre cidade,
Pelos mouros inda estava,
Apesar do estreito cêrco
Que de perto a ameaçava.

Era pedra preciosa
Que muita gente invejava,
E que d'Affonso primeiro
Inda na c'rôa faltava.

Assim, do Tejo a princeza
Por mar e terra cercada,
Aos nossos por cinco mezes
Resistiu sem ser entrada.

Mas ao cabo d'esse espaço
Sulca o Tejo estranha armada,
E Lisboa, a forte, a grande,
É prestes a ser tomada.

Antes, pois, que nossas quinas
Alli sejam exalçadas,
Cousas diremos do cêrco
Que devem ser memoradas.

II

Pedro Affonso, afamado guerreiro,
Foi d'Affonso um irmão natural,
D'esse bravo que foi o primeiro
Rei, que teve este bom Portugal.

Nas batalhas d'Ourique e Trancozo,
E depois no tomar Santarem,
Por seu Deus fez seu nome famoso,
Por seu rei combatendo tambem.

De Lisboa no cêrco lembrado
Commandava gran troço d'heroes,
Como o sol 'neste espaço azulado
Leis prescreve a cardumes de soes.

Como seu braço valente impedia
Que alguém fosse a mourisma ajudar ;
Pois que a gente do Algarve podia
Soccorrel-a por terra ou por mar.

Noute escura, sem lua, sem 'strellas,
Quem os campos iria correr?
Quem dispensa o brilhar e luz d'ellas,
Quem deseja cumprir seu dever:

Quem na sella, ou na espada encostado,
Breves somnos costuma dormir;
Quem é d'elles tambem despertado
Se ouve d'armas um leve tinir:

Quem nasceu para ser um guerreiro,
Quem foi typo de brio e valor,
Quem irmão foi d'Affonso primeiro,
Quem nasceu para ser vencedor.

III

Ferrea ponte levadiça
Foi além ao chão lançada;
Tropel confuso de vozes
Quebra da noute a calada.

São trinta mouros que sahem
De Lisboa em arrancada,
E livram donosa moura
De ser breve captivada.

Não galopam, correm, voam,
Por sobre hervosa esplanada,
Acicates nos ginetes
Respiração abafada.

Ondeia ao vento da noute
A madeixa desatada ;
Enfunam-se as vestes largas,
Pelo vento vae levada.

Ai quem fôra leve brisa
Que nas azas te levára !
Ai quem fôra subtil zephyro
Que nas roupas te brincára !

Ou quem fugitivo o gamo
Perseguido na caçada,
Que te colhêra, donzella,
Linda moura enamorada !

IV

As aves gorgeliam nas balsas sombrias,
Os crepes da noute já rompe a manhã ;
E ao som d'esse côro de mil harmonias,
A moura já entra na tenda christã.

Captiva dos nossos, com joias, com ouro,
A esposa formosa do infiel Cide Achim,
Soltando gemidos, vertendo gran chôro,
Queixosa dizia lamentos assim :

«Não quiz o destino que eu fosse ditosa,
«Que os ferros do exilio podesse evitar,
«Não quiz que á matança, talvez horrorosa,
«A filha do mouro devesse escapar.

«Guerreiro de Christo, salvae a donzella,
«Da negra deshonra, da morte talvez...
«Deixae que eu procure um abrigo em Castella,
«E o nome bemdiga do heroe portuguez.

«A cruz por instantes derriba o crescente ;
«Lisboa mal póde seus muros guardar ;
«E a filha d'Ulysses, antiga e potente,
«Submette-se ás forças da terra e do mar.

V

E das bandas de Lisboa,
Inda mal se distinguia,
Um certo ponto avultava
Quanto mais perto se via.

Correo, chegou ; e já perto
O vulto se conhecia :
Era um mouro dos Algarves
Que Lisboa defendia.

Abastado nobre moço,
Cide Achim por nome havia ;
Namorado louco amante
Após da moura corria.

— Como d'alva a branca estrella
Nos premostra a luz do dia,
Más novas um peito amante
Quasi sempre as annuncia...

Mas nas graças da ventura
 Que o coração presagia,
 Erra, mente ; e quantas vezes
 Muda em prantos a alegria !

— Quem penetra taes segredos ?
 Quem entende esta harmonia ?
 Esta esp'rança e desenganos
 Que nos são fanal e guia ?

Este sempre anhelar íntimo
 Que a mente nos alumia ?
 Este antever mysterioso
 Que nos segue á campá fria ?...

.....

Á tenda de Pedro Affonso
 Cide Achim seus passos guia,
 E, curvando-se a seu modo,
 Taes palavras lhe dizia :

«Pelas luas do propheta
 «Não ha muito combatia ;
 «De Lisboa os vastos muros
 «Com meu ouro abastecia.

• «Mas no ceu da minha vida
 «Um astro resplandecia !
 «Mas no calor do combate
 «Esta mulher me sorria !

«Dae-lhe vós a liberdade
 «Para seguir sua via,

«Que minha adaga e alfange,
«Contra vós jámais se afia.

«Que essa gente assoldadada
«Que cega me obedecia,
«Em lhê faltando o meu ouro
«Logo perde a valentia.

Acceitou Dom Pedro Affonso
Tudo o que o mouro pedia,
E Lisboa, a forte, a grande,
Pouco depois se rendia.

Não, comtudo, sem combate
Que nos deu a mouraria,
Concedendo um nome eterno
Aos christãos 'naquelle dia.

Depois do que dicto já fica em meus versos,
Agora mui pouco se póde contar ;
Porém, alguns factos que ainda andam dispersos,
As cordas da lyra farão relembrar.

Tomada Lisboa como é, pois, sabido,
A França Dom Pedro brioso passou ;
Alli fez na guerra seu nome temido,
E o ser Par de França tambem alcançou.

Depois, já de volta, foi mui festejado
Por todos os homens do nosso paiz ;

E até como prova de ser respeitado,
Foi mestre primeiro da Ordem d'Aviz.

Mais tarde Alcobaça, mosteiro grandioso,
No gremio tal homem gostosa contou ;
E em mil cento e tantos, por ser muito edoso,
Alfim sanctamente seus dias finou.

E visto que a historia dá luz á verdade,
Convém que bem todos a devam saber ;
Que o pae de familia na mais tenra idade,
A filhos e a netos a faça aprender.

FERNANDO AFFONSO

Brilhante alvorada de brios portuguezes fôra o reinado do Mestre de Aviz, na serie de nossos reis João I.

Á fraqueza, á effeminação com que nos braços da incontinente Leonor expirára a guerreira dynastia de Affonso; á enervação da coragem do filho de Pedro I; ao occaso do astro luminoso das batalhas, devia de succeder em breve a manhã da gloria litteraria, o dia formoso das conquistas longinquoas, a época esplendorosa do poderio portuguez no mundo inteiro. Como :

Depois de procellosa tempestade
Nocturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade
Esperança de porto e salvamento;

assim o reinado de Dom João I foi a bonança animadora após a tempestade, que enfraquecêra e aniquilára.

O brio, coragem, valentia, pundonor e honra, inscrevêra-as o Mestre por divisa em seus brazões.

Prototypo de virtudes civicas, a côrte portugueza offercia modelos ás da Europa, ás do mundo.

Comprazo-me com a narração d'esses feitos estremados nas Chronicas de então; mas contrista-se-me o peito quando vejo uma nodoa indelevel na fama de tal monarcha.

A descripção que Seabra da Silva, em suas Memorias nos offerece do tragico e lamentoso fim de Fernando Affonso, originára o formoso romance historico de A. Herculano, o *Monge de Cistér*, e motivou esta composição, na qual, transviado do principal assumpto, talvez resvalei na profissão de fé de crenças mais intimas. Releve-a o leitor, que assás sisudo o considero, e pense e creia o contrario, se lhe aprouver, que por isso o não desestimo eu.

Se como o vidro é fragil a reputação da mulher, nem por isso o é menos a do homem: convém resguardal-a de empuxões. É, porém, máo o excesso de zelo.

Não teria Dom João I um meio de manter immaculada reputação de sua côrte, sem mandar subir ao cadafalso um amigo seu? O nimio desvelo prejudica!

Lavar manchas da honra com sangue é ennodoar-se mais.

A canção reza assim :

FERNANDO AFFONSO

REINADO DE D. JOÃO I

A SEU AMIGO O SR. DR. AUGUSTO FILIPPE SIMÕES

I

Reinava em Portugal o valoroso
Mestre d'Aviz, que já tres annos antes
Ao castelhano leão com mão herculea,
Qual se fôra ao Nemeu sustêra a sanha.

Na côrte sua cavalheiros brios,
Virtude, honra e valor um culto achavam.

Filippa de Lencastre, a virtuosa
Esposa de tal rei, tinha por aia
Ou por dama de honor Beatriz de Castro,
Donzella a mais louçã e a mais formosa
De quantos por então no Paço havia.

Com maneiras gentis, Fernando Affonso,
Guarda-roupa d'el-Rei e seu amigo,

Conseguiu captivar o amante agrado
 Da linda Beatriz ; e, qual photographo,
 N'alma d'ella gravar a imagem sua,
 Como se fôra em preparada lamina
 Onde agentes e luz amor só fossem.

E os dois amantes mutuo amor se deram.

Beatriz, a linda Castro, a flor mimosa,
 (Porque nem só no prado ha lindas flores
 E é tambem flor mimosa a mulher linda)
 Qual outra Castro sem ventura, a bella,
 Do moço Affonso foi, como ella fôra
 Namorada infeliz de el-Rei Dom Pedro.

Soube el-Rei d'esse amor; e, cuidadoso
 Observador das leis cavalheirosas,
 Norte seu e dos seus, ao cego amante
 Severo admoestou por varias vezes:
 Mas, póde alguém impôr leis aos affectos?
 Quem diz ao rio que suspenda o curso?
 Quem tolhe ao fumo que não suba aos ares?
 Quem ao vulcão que não rebente em lava?

Quem diz ao sol que não aqueça a terra?
 Quem diz ao mar que não rebrame eterno?
 Quem diz ao vento que suspenda as iras?
 Quem diz á flor que não exhale aromas?
 Quem diz á mãe que não adore o filho?
 Quem diz ao cego amor que amor não seja?

Mais forte foi o amor; e esse monarcha,
 Que foi Mestre d'Aviz, brioso sempre,
 E de Ignez Pires estremado amante;

Que o sereno viver de Pedro Esteves
Criminoso turvou com seus amores,
Onde crime não viu, não viu deshonra,
Esse monarcha viu deshonra e crime
'Nessa pura affeição dos dois amantes!
E, réo da mesma culpa, determina
Morte affrontosa ao que perdão devia!..

Misera condição da humanidade!
É que essa perfeição, em gráo subido,
Que dizem attingir um dia o homem
Utopia só é inexequivel.

Homem, se culto és, porque não domas
Os instinctos carnaes, a vil materia?
Espirito sublime, que potencia,
Que vigor esse teu, que não subjugas
O lodo immundo? Pois de um ser divino
Não és emanação? não tens a essencia?

Acaso póde mais que um Deus a argilla?
Não, não póde ser: Deus sapientissimo,
Unindo n'um só corpo, intimamente,
Espirito e materia, com mão provida
Ali manifestou sabia harmonia
Como em toda a criação se nota e admira.

Lá tem um elemento o seu opposto,
Bem como o dia na tristonha noite,
Bem como n'agua tem contrario o fogo,
Bem como tudo que no mundo existe.

Se, pois, tudo assim é, se um elemento
Tem seu compensador, leis proprias ambos,

Como é que concebeis mais incremento
N'um dos principios, separado d'outro?

Por mim, confesso, do primor descreio,
Da summa perfeição que hão procurado
Pythagoras, Platão, Descartes, tantos!

II

Vae alta a digressão, meu estro debil
Mal pôde em taes alturas adejar;
Antes mais baixo, luctuoso e flebil
Do amante deva o triste fim contar.

Fugiu do Paço perseguido um dia
Do proprio Dom João, 'num templo entrou;
Ali seguro abrigo o triste via,
Ali co'a Virgem santa se abraçou.

A furia, a raiva do monarcha offenso
Ao templo sem respeito o foi prender:
Depois no meio de um concurso immenso
Na praça do Rocio o fez morrer...

.....

Soltou a minha lyra o som mais triste,
Já terno amante Beatriz não tem...
Mas, do caso a moral por fim consiste
Em similbante amor não ter ninguem.

Amor, fonte de vida e liberdade,
Nunca pôde jámais um crime ser;
Mas deve respeitar a sociedade,
Deve ser casto se tal fim não quer.

O CONSORCIO MYSTERIOSO

Um dos pontos controvertidos de nossa historia é o casamento de Dom Pedro I com Dona Ignez de Castro, na Sé de Bragança, e annos depois, feito publico em Cantanhede.

No *Anno Historico*, repositorio animador de brios nacionaes, embatem-se opiniões que o affirmam e que o negam, e no tomo 1 das obras de Fr. Francisco de S. Luiz, pag. 209, diz o notavel critico: «Reflectiremos tam sómente que o casamento d'aquelle Principe com Dona Ignez é ainda hoje um factio problematico, e a sua nullidade (se o houve) quasi decidida. Até parece, que o mesmo Rei Dom Pedro reconheceu esta nullidade, pois supplicou ao Papa Innocencio VI a dispensação dos impedimentos, e a legitimação dos filhos que lhe foi denegada. E esta foi a nosso juizo, a verdadeira causa porque elle demorou tres annos a declaração publica do mesmo casamento, fazendo-o sómente quando perdeu a esperanza da graça Pontificia, sem ter perdido o amor a Dona Ignez, nem o capricho de a fazer Rainha, valesse o que podesse valer.»

Depois de palavras tão auctorisadas, falso parece o

casamento em vida, da linda e desditosa Ignez : mas, verdadeiro ou falso, historia ou lenda, assumpto é d'amorosa poesia, e de crenças populares, que bom será não deixar morrer.

As crenças de um povo são o dique de suas febrís paixões, como podem ser poderoso estimulo a grandissimos feitos.

O CONSORCIO MYSTERIOSO

1885

I

Portas da Sé de Bragança
Abertas de par em par
A horas mortas da noute !
Que quer isto denotar ?
Brandões accesos lá dentro
Antes do dia raiar !

Será que os mortos pretendam
Suas funcções lá fazer ?
Ou algum de seus peccados
Da campa os fizesse erguer ?
Ou serão almas penadas
Que perdão não podem ter ?

Mas os mortos não se movem ;
Os mortos falla não têm ;
E dous d'elles em conversa

Dizem que esperam alguém:
Um traja como fidalgo
Um outro de bispo vem.

Um terceiro accende as velas
Que dão luz ao altar mor,
E nem mais um'alma viva!
Sombras sómente em redor,
E algum echo murmurante
'Num ou 'noutro corredor...

Quem, pois, explica o motivo
De tão grande madrugada?
E para que é tanto lume
Que se accende em cada altar?
E as portas do velho templo
Se abriram de par em par?

II

Na Sé de Bragança
Dous vultos entravam,
Os braços se davam
'Num laço d'amor,
E sem mor tardança
O par mysterioso
Sorrindo ditoso
Orava ao Senhor.

Velludos custosos
O homem trajava,
No rosto inculcava
Mui nobre altivez;
Cabellos formosos,

Olhar penetrante,
Perfil insinuante
De rei portuguez.

Prenuncia do dia,
Qual lucida estrella,
A linda donzella
Encanta, seduz ;
Da igreja sombria
Vão trevas fugindo,
Que o seu olhar lindo
É dia, dá luz !

Ao bispo da Guarda
Por nome Dom Gil,
O par tão gentil
Após caminhou :
O bispo os aguarda
Já paramentado,
E em laço sagrado
As mãos lhe junctou.

Depois de casados,
Reciproca sorte
Na vida e na morte
Juraram os dois,
E mui descuidados
Da vida futura,
Sorrindo ventura
Sairam depois.

O bom do prelado
E Estevam Lobato,
Sem mais apparato
Seguiram também :

O dia era nado ;
Fechára-se o templo,
E do amante exemplo
Não soube ninguém.

III

O fim desgraçado da amante formosa
Não devo em meus versos ao mundo narrar,
Camões o cantára na lyra famosa,
Na lyra que o genio sohia afinar.

Condor atrevido, 'num vôo sublime
De Ignez á desdita conquista o porvir ;
Em verso magoado que dor só exprime,
Quem póde com elle seus vôos medir ?

IV

Uns seis annos depois, em Cantanhede,
Se achava então o rei de Portugal ;
De Sancta Cruz de Coimbra mui adrede
Alli mandára ter o seu Geral.

Os prelados que havia em redondeza
Sem grande dilação mandou chamar,
Um convite tambem fez á nobreza,
A quem segredos seus quer divulgar.

E Dom Pedro, o *Cruel*, o *Justiceiro*,
Seu consorcio alli notorio fez ;
Pois que, sem inda ser Pedro primeiro,
Desposára em Bragança a bella Ignez.

Em seguida, prestando juramento,
Nos evangelhos poz a regia mão,
E mandou que 'num publico instrumento
O devesse saber toda a nação ;

Que o Dom Prior dos Cruzios o fizesse
Na igreja do Mosteiro publicar,
Nos Estudos e Sé tambem se lesse,
Para a toda a nação poder constar.

V

A lenda ainda diz, que se alguém duvidasse
Da sua palavra de rei portuguez,
Com seu azorrague e com elle contasse,
Que a mais duvidar não tornava talvez.

On the 1st of the month of
the year 1800 I was
to attend the Court at
the usual hour of ten
o'clock in the forenoon
and to be present at the
trial of the case of
the King against the
Duke of York and Albany
in the Court of King's Bench
at the Guildhall in London
on the 1st of the month of
the year 1800 I was
to attend the Court at
the usual hour of ten
o'clock in the forenoon
and to be present at the
trial of the case of
the King against the
Duke of York and Albany
in the Court of King's Bench
at the Guildhall in London

I was to attend the Court
at the usual hour of ten
o'clock in the forenoon
and to be present at the
trial of the case of
the King against the
Duke of York and Albany
in the Court of King's Bench
at the Guildhall in London
on the 1st of the month of
the year 1800 I was
to attend the Court at
the usual hour of ten
o'clock in the forenoon
and to be present at the
trial of the case of
the King against the
Duke of York and Albany
in the Court of King's Bench
at the Guildhall in London

I was to attend the Court
at the usual hour of ten
o'clock in the forenoon
and to be present at the
trial of the case of
the King against the
Duke of York and Albany
in the Court of King's Bench
at the Guildhall in London
on the 1st of the month of
the year 1800 I was
to attend the Court at
the usual hour of ten
o'clock in the forenoon
and to be present at the
trial of the case of
the King against the
Duke of York and Albany
in the Court of King's Bench
at the Guildhall in London

I was to attend the Court
at the usual hour of ten
o'clock in the forenoon
and to be present at the
trial of the case of
the King against the
Duke of York and Albany
in the Court of King's Bench
at the Guildhall in London
on the 1st of the month of
the year 1800 I was
to attend the Court at
the usual hour of ten
o'clock in the forenoon
and to be present at the
trial of the case of
the King against the
Duke of York and Albany
in the Court of King's Bench
at the Guildhall in London

LUIZ DE BRITO

A serie gloriosa de combates e victorias, sem intermissão continuada desde 1137, em que as armas portuguezas derrotaram as de Castella em Cerneja, até 1665, anno ainda funesto para ellas pela desfeita de Montes Claros, elevou Portugal a um fastigio de gloria militar, a um apogeo de tão esplendente renome, que não sabemos o grangeasse igual povo algum, ás invejas d'elle.

O astro que sobe ao zenith, desce, comtudo, ao perigeo, embora para mais tarde se elevar de novo á mesma altura, em que luminoso se librava.

Os campos arenosos d'Africa foram esse perigeo dos portuguezes feitos.

Como a luz do raio por noute escura, a intervallos brilha assustadora, e rapida desaparece, assim a de nossa fama brilhará muitas vezes e se apagará nos plainos de Al-cacer-Kibir, comêço da noute de sessenta annos em que os nossos viveram.

Mas, que lampejos de heroicidade, que sublimes vacas de patriotismo, no apagar d'essa luz!

No *Portugal* de Ferdinand Denis, pag. 273, vem

memoria da heroica acção de Luiz de Brito, quando salvou o estandarte de Portugal das mãos dos mouros 'naquella lamentosa pugna; na historia Universal de Anquetil, T. 7.º, cit. na bem elaborada *Nobiliarchia Conimbricense*, pag. 8, tambem se menciona o facto, e na Chronica de Dom Sebastião, por Fr. Bernardo da Cruz, a pag. 277, se lê: «Luiz de Brito, que andava buscando El-Rei, passando este por alli acaso, quando viu o estandarte abatido e o seu alferes em perigo de o perder com a vida, rompendo com espada na mão por mêo dos inimigos, em o quarto cavallo (que, depois dos outros mortos havia cobrado) com desejo de o salvar, bem descuidado de pôr cobro na propria vida, remetteu ao estandarte e lançando-se fóra da sella, o alevantou, e posto logo com muita ligeireza a cavallo, o arvorou...»

O denodo, o valor e a coragem d'este portuguez, inspiraram á minha musa as trovas seguintes :

LUIZ DE BRITO

1578

I

Quem ha que não lesse nos livros de historia
O triste desastre d'Alcacer-kibir?
Quem ha que não tenha entregado á memoria
O caso funesto de amargo sentir?

Futuros de gloria são ledos enganos
Que a sorte por vezes cambia, desfaz...
Em campa d'areia por mãos d'africanos
A esp'rança transmuta 'num breve *aqui jáz...*

Valor, mocidade, briosa experiencia
De um reino potente lá foi expirar...
Comtudo, a mortalha de nossa existencia
Nos quiz a desdita de gloria talhar.

Mortalha de gloria qual nunca a tiveram
Nem Sparta, nem Grecia, nem Roma tambem,
Que os feitos famosos que os nossos fizeram
Não póde excedel-os no mundo ninguém.

Mas, de que nos serve lembrar o passado
Que um véo funerario lançou á nação?
— De erguermos a filhos e a netos um brado
Que evitem a sorte de Dom Sebastião :

Que para viverem no tempo futuro
Sómente ao passado reparem na voz,
E que como meio tambem mui seguro
Imitem os feitos dos bravos avós.

II

Quem vos dera voz erguida
Campos d'Alcacer-kibir!
Que a jornada tão sentida
Nos quizesseis referir,
E tanta acção não sabida
Nem de nós nem do porvir !

Mas um areal mui comprido
Não tem voz ou som nenhum,
A não ser um leve ruido
Como não ha outro algum,
Quando em nuvens revolvido
O levanta o simoum.

Cantarão, pois, os meus versos
Os feitos de honra e valor,
Por nossa historia dispersos
Sem terem tido cantor,
Apesar de tão diversos
Nas provas do patrio amor.

E se bem que já na prosa
Mencionados alguns são,
Em memoria gloriosa
D'esta esforçada nação,
Não é menos espinhosa
Do trovador a missão.

III

Derrotada a nossa gente
É, por sobre a areia ardente,
Presa, f'rida, ou morta já...
Sómente el-Rei, corajoso,
Ao gentio numeroso
Cuidados ainda dá.

De alguns valentes cercados,
O destemido soldado,
Combate por sua grei
Contra essas raças malditas,
Contra a turba de islamitas,
Contra um mouro tambem rei.

Dom Duarte de Menezes,
Um dos bravos portuguezes
Que ao rei sempre acompanhou,
Era o seu porta-bandeira,
Que só quando mão certa
Do cavallo o derribou,

Deu aso á gente inimiga
De encetar ingente briga
Pelo estandarte real,
E ver como portuguezes

Salvam nos grandes revezes:
As quinas de Portugal!

Mais de um bravo 'nessa lucta,
'Nessa tremenda disputa,
Maravilhas commetteu:
Mais de um bravo, 'nesse intento,
Cançado perdeu o alento
E a vida por ellas deu.

O moço rei destemido,
Cujo animo insoffrido
Por tantas vezes mostrou,
Ir salv-o não podia;
Porque ao pedido cedia
Da nobreza que o cercou...

.....
E uma voz ainda se erguia
'Nessa espantosa agonia
Da morte d'esta nação,
Como nota derradeira
Que terminava a carreira
D'el-Rei Dom Sabastião:

«E que não haja um valente
«Que salve da imiga gente
«A bandeira nacional?
Um guerreiro 'neste instante
Sobre um cavallo possante
Sae do combate fatal.

Ao rei corre que, apressado,
Em seu cavallo montado,

Prestes o vae encontrar,
E conhece Luiz de Brito,
Que do renhido conflicto
Fôra a bandeira salvar!

— «Salvou-se a nossa bandeira?

Salva está — d'esta maneira

(Poude Brito responder)

'Neste meu braço enrolada

Que póde brandir a espada

Para sempre a defender!

— «Foi vencida na batalha...

Mas será nossa mortalha,

Quero-a tambem abraçar...

Tal do moço desgraçado

Foi alfim o extremo brado

Que a historia lhe ouviu soltar.



THE
LIFE OF
SAMUEL JOHNSON
BY
JAMES BOSWELL
IN TWO VOLUMES
THE SECOND VOLUME
LONDON
PRINTED BY A. MILLAR, IN THE Strand
1791

SOROR ROSIMUNDA

No *Portugal* de Ferdinand Denis, paginas 10, e no *Agiologio* de Cardoso a folhas 46 do tomo 1.º, colhi eu o thema para ensaiar um genero de poesia antiga : o Soláo.

Rosimunda é, pois, uma estreia, e 'nesta qualidade, imperfeita.

Este Soláo, já impresso 'num opusculo meu, é de novo dado á estampa por acompanhar estas composições, cuja natureza tem.

Soror Rosimunda, a virtuosa Abbadessa d'Arouca, obsecrando ao céo o triumpho das armas do Conde Dom Henrique, contra as do Rei mouro de Lamego, é, na verdade, assumpto digno da poesia.

E se já na infancia, Portugal vivia das crenças que tinha, que muito que hoje em dia, invalido, recorde obras d'então e viva d'ellas.

SOLÃO

ROSIMUNDA

OU A ABBADESSA D'AROUCA

I

Quem bate, quem bate ás portas
D'esta casa do Senhor ?
— É o Conde Dom Henrique,
Vinde-as abrir por favor ;
É de todas as Hespanhas
O mais nobre campeador.

Assim respondia
Um gentil donzel,
E que parecia
Filho d'Ismael.

— Nós só temos orações
Para poder offertar ;
Pobres freiras, mal podêmos
Um tal senhor gasalhar :
Pobres freiras, peccadoras,
Que lhe havemos nós de dar ?

Assim respondia
 Lá dentro uma voz,
 E a porta se abria
 Brandamente após.

II

— Abbadessa Rosimunda,
 Serva amada de Jesus ;
 Por ver vossa sanctidade
 A caminho aqui me puz ;
 Por levar a vossa benção
 'Neste estandarte da cruz.

Ámanhã rija batalha
 Á mourisma se ha de dar ;
 Ámanhã em lide honrosa
 Ha de esta cruz triumphar :
 Ámanhã, mas hoje quero
 A vossa benção levar.

No templo entraram,
 No templo entrou
 O Conde Henrique,
 Prostrado, orou,
 E Rosimunda
 O abençoou.

III

Adeus convento d'Arouca,
 Adeus belleza tambem ;
 Adeus minha Rosimunda,

Adeus qu'rida, adeus meu bem :
Adeus minha Rosimunda
«Minha, sim, de mais ninguem.

D'est'arte fallava.
Um mouro gentil,
Que apenas entrava,
Da vida no abril.

Vou prêso por teus encantos,
Minha vara de condão ;
Cegou-me a luz de teus olhos,
Minha primeira afeição :
Cegou-me o brilho da graça
Que tens no teu coração.

D'est'arte fallava
Um mouro gentil,
Que apenas entrava
Da vida no abril.

Toda moura é minha estirpe,
A tua é toda christã ;
Mas vem tu da minha vida
Ser a aurora da manhã,
Mas vem tu ser minha esposa,
Abbadessa tão louçã !

D'est'arte fallava
Um mouro gentil,
Que apenas entrava
Da vida no abril.

IV

Dom Henrique, o nobre Conde,
Quando viu tamanha dôr,
Disse ao mouro que a Abbadessa
Já lá tinha o seu amor ;
Disse ao mouro que a Abbadessa
Era esposa do Senhor.

Ai pobre de ti, coitado !
Que não podes ser amado.

E a Abbadessa Rosimunda,
Ao saber de nova tal,
Tambem disse ao que nos braços
Acalentou Portugal,
Tambem disse ao nobre Conde :
— Rosimunda pensa em al.

Não desanimes, coitado !
Talvez possas ser amado.

V

E á porta do seu convento,
Que rescendia a alecrim,
Com suas irmãs a freira
Ao mouro fallava assim :
«Mouro, quereis na verdade,
Perder vossa liberdade ?
Buscando uma esposa em mim ?

— São esses os meus desejos,
Esses são, amado bem ;

Por esposa a vós sómente,
 Por esposa a mais ninguem.

VI

Deu-lhe a mão, e para a egreja
 A Abbadessa o conduziu,
 E depois com taes palavras,
 Ao mouro se dirigiu :
 «Para esposa me escolheste,
 «Mas, pois que mouro nasceste,
 «A sorte nos desuniu :

Faz-te, mouro, renegado,
 Talvez possas ser amado.,
 «Abraçae os bons preceitos
 «De Jesus, meu Redemptor,
 «E eu serei a vossa esposa,
 «Dar-vos-hei divino amor,
 «E assim, junctos viveremos
 «Na sancta fé do Senhor !

E o mouro, p'ra ser amado,
 Teve de ser renegado.

ESPINHOS E LOUROS

Quando em 1861 Coimbra acordava as commemora-
tivas festas do 1.º de Dezembro de 1640, e no Theatro de
Dom Luiz I se ensaiava o drama do sr. Mendes Leal —
O dia da Redempção, a ideia me occorreu de escrever uma
poesia em que, resumidamente, se tocassem todos os pon-
tos capitaes da calamitosa quadra de vida, que Portugal
viveu desde a fatalissima jornada d’Africa, em 1578, até
á completa expulsão dos Castelhanos em 1640.

Com o titulo *Espinhos e Louros* a escrevi, e tenção
havia de a ir declamar no mesmo Theatro : mas, o homem
põe e Deus dispõe — As festas da independencia portugue-
za não se fizeram, e o Theatro não se abriu em tal dia...

O halito da morte bafejára o mais querido dos Reis
Portuguezes, e Dom Pedro V, entrava no abril da existen-
cia, cadaver frio, no jazigo de seus avós, em S. Vicente
de Fóra...

A poesia não se recitou. Um anno depois, em 8 de
Maio de 1862, o rei do lyrismo portuguez, o sr. Antonio
Feliciano de Castilho, convidava os mancebos academicos
da Universidade, esses que alimentavam em seu peito o sa-

grado fogo da poesia, para um *Saráo poetico* a que presidia no Theatro Academico.

Por convite de Sua Excellencia, assignado pelos Secretarios do Theatro, os Srs. Rodrigo Velloso e Jeronymo Pimentel, accorri ao chamamento, do obsequioso convite; e lá, entre doze ou mais estudantes, recitei a poesia — *Espinhos e Louros*.

Era um caso novo desde que se fundára aquelle Theatro, porque pela letra de seus Estatutos só 'nelle podiam declamar os que fossem academicos, os empregados maiores da Universidade, ou os actores de fama europeia, e eu estava fóra do espirito da lei; era um artista.

O modo porque alli me houve, disseram-no os periodicos d'esse tempo, sendo do *Commercio de Coimbra* estas palavras: «... se não fóra uma dama e um artista, que acompanharam o nosso poeta,... o *fiasco* seria ainda maior...»

Relevem-me o que ahi deixo dicto de mim, que não é vaidade ou immodestia, mas o desejo de animar meus collegas a eguaes trabalhos, á conquista de uma posição melhor na esteira social em que a sorte os lançou.

ESPINHOS E LOUROS

1.º DE DEZEMBRO DE 1640

I

Valente o moço Rei, co'a mocidade
Do nobre Portugal, correrá ás armas,
E d'Alcacer-Kibir aos quentes plainos
Rápido vóa.

Investem feras mahometanas filas ;
No curvo alfange tine a espada rija ;
E um sceptro, c'roa e Rei alfim sepulta
Torrída areia !..

Não vimos a victoria. A louca fama
Pelo mundo correu, disseminando
A nova da jornada, com sentidas
Funebres vozes.

E as sanctas quinas, em que o mundo absorto
Mil vezes Portugal saudado havia,
Rôtas, batidas, o africano solo
Subito varrem...

Do sangue portuguez lá derramado,
 Da areia ardente que o bebeu sequiosa,
 Para os vencidos os grilhões fundiram
 Barbaros mouros...

Converte o bac'lo em sceptro D. Henrique,
 Da mitra c'roa faz, ao throno sobe;
 E da nau do governo toma o leme
 Tremulo braço.

Ai! pobre Portugal armipotente!
 Já foste grande e forte, e já temido,
 E em cambio d'isso só terás em breve
 Lagrimas tristes...

II

Expirára D. Henrique
 E com elle Portugal;
 A maga estrella d'Ourique,
 De tantos brios fanal,
 Escondia o rosto lindo...
 Era um agouro fatal!

Do velho Rei que expirára
 Nenhum filho nos ficou;
 Que a morte, com mão avara,
 Orphandade decretou
 A um povo que fôra grande,
 Que a dous mundos abarcou.

As cruas leis de um mau fado
 Era forçoso cumprir;

Foi venturoso o passado,
Como seria o porvir?
Talvez noute tenebrosa
Sem nenhum astro a luzir!

E assim foi! Em sessent'annos
De captiveiro cruel,
Com mão larga esses tyrannos
Nos deram a beber fel...
E enganando nossa esp'rança,
Castella foi infiel.

Promettêra a autonomia
D'esta nação respeitar,
Os foros e a regalia
Já d'aquem, já d'além mar,
E de nos dar mão d'amiga
Bem alto o disse em Thomar.

Mas promessas de Castella
Todas foram desleaes;
Portugal falle por ella
E mostre d'isso os signaes,
Nas laudas da sua historia
Para a Hespanha tão fataes.

Mostre claro, ao mundo inteiro,
Seu arbitrario poder,
Quando, fero e justiceiro,
Cruel em seu proceder,
Esse Leão de Castella
Nós veio a morte trazer.

Acceitámos coagidos
Essa fatal união,

Para sermos opprimidos
 Na mais atra escravidão...
 E captivos sessent' annos,
 Em poder d'essa nação !

O peso de mil tributos
 Não podémos rebater,
 Que os ministros dissolutos
 Decretavam, sem tremer,
 A morte dos nossos reinos,
 O fim do nosso viver.

E expirámos. Só vivíamos,
 Como Lazaro viveu,
 Na esp'rança de que podíamos
 Dar á Hespanha o que era seu,
 E ouvirmós dizer — *surrexit!*
 A esse povo que morreu.

III

Oh ! bemdita seja a esp'rança !
 Que da casa de Bragança
 Feliz astro de bonança
 Faz surgir em Portugal !
 Converte nossos proavós
 Em centenaes de bravos,
 Parte os ferros aos escravos,
 Humilha o genio do mal.

Bemditos sejam, mil vezes,
 Esses nobres portuguezes,
 Que firmissimos pavezes
 Fizeram dos peitos seus,

Que á sujeição de Castella.
Que barbarismo revela,
Oppozeram por tutela
Honra, patria, amor e Deus !

Relembre um sec'lo de gloria,
Abram-se os livros da historia,
Dê-se respeito á memoria
De quem tanto por nós fez ;
E um tributo verdadeiro,
Consagraremos primeiro...
A João Pinto Ribeiro,
Tão leal, tão portuguez !

Ó manes de Antão d'Almada !
Nunca temaes que olvidada
Seja a acção tão afamada
Que nos veio redemir !
Coutinhos, Mellos temidos,
E vós, Almeidas subidos,
Jámais sereis esquecidos,
Eternos heis de existir.

Que a memoria d'esses feitos,
Guardâmos em nossos peitos,
Como sagrados direitos
Que tendes ao nosso amor ;
Como o nauta ama a bonança,
Como o pobre adora a esp'rança,
Como idolátra a lembrança
De quem foi seu redemptor.

Triumphámos — foi nossa a victoria
 Que as algemas nos veio quebrar ;
 Triumphámos — foi nossa a victoria
 Que da Hespanha nos veio livrar.

Eram poucos, mas bravos, os nossos ;
 Eram muitos e fortes os seus ;
 Mas que importam altivos colossos
 Se a justiça têm contra, e têm Deus !?

Não ha noute que zombe do dia ;
 Não ha vida que zombe da morte ;
 Da tristeza não zomba a alegria,
 Nem ha forças que zombem da sorte.

Triumphámos. Perdão, ninguém vence
 Se contrarios no campo não tem ;
 Assim como a razão não convence
 Se actuar não poder sobre alguém.

Não vencemos — sómente expulsámos
 D'este solo hespanhoes deshumanos ;
 D'homens livres os hymnos cantámos,
 Sem saber se são bravos tyrannos.

Mas nas trevas lá tinha o futuro
 Annos cinco, mais vinte, e mais tres,
 P'ra o Leão de Castella, seguro,
 Encontrar o valor portuguez.

Para vir no Alemtejo, sanhudo,
 Talar campos, mostrando bravura,
 Para vir entre nós perder tudo,
 Para achar entre nós sepultura!

Que o digam rudes muralhas
 Que ainda velhas por 'hi estão;
 Que o digam tantas batalhas
 Se a Hespanha perdeu ou não;
 Que diga o livro da historia
 Qual de nós colheu mais gloria
 A' sombra de seu pendão.

Que o diga a tremenda lucta
 Que tantos annos durou,
 Qual foi que 'nessa disputa
 Maior gloria conquistou?
 Qual das nações foi mais forte,
 Qual mostrou mais alto porte,
 Qual mais coragem mostrou?!

Montijo, primeiro falle,
 (Se o consentir sua dôr),
 Se ha fôrça que a fôrça eguale
 Do nosso brio e valor,
 Quando, depois de abatidos,
 Convertemos, destemidos,
 Em vencido o vencedor?!

Depois, *Elvas*, a invencivel,
 Que diga por sua vez,

Se viu cousa mais terrivel
 Do que o braço portuguez,
 'Nessa batalha famosa ?
 Que diga a Hespanha orgulhosa
 Se mais do que nós lá fez ?!

Se as suas *Linhas* tão fortes,
 Vencidas alli não viu ?
 Se ás suas valentes cohortes
 A robustez lhes serviu ?
 Se, na completa derrota,
 Qual fôra a d'Aljubarrota,
 A fortuna lhes sorriu ?

— É que a causa quando é sancta
 Ao mais fraco dá valor ;
 E se um povo se levanta
 De si proprio defensor,
 Combate com mais firmeza,
 Da victoria tem certeza,
 Da guerra não teme o horror !

Que o diga a batalha ingente
 Chamada do *Ameixial*,
 Onde o inimigo potente
 Nos fez um povo immortal,
 Perdendo dez mil soldados,
 Vendo de louros c'roados
 Os filhos de Portugal !

Falle por fim *Montes-Claros*
 Das nossas grandes acções ;
 De nossos heroes preclaros
 Mostre os distinctos brazões :
 Que o diga a Hespanha abatida,

Tão nobremente vencida
Pelos nossos esquadrões,

Fallem todos d'essa lucta,
Que tantos annos durou,
Qual foi que 'nessa disputa
Maior gloria conquistou?
Qual das nações foi mais forte,
Qual mostrou mais alto porte,
Qual mais coragem mostrou ?!

VI

Co'a fronte coroada de verde oliveira,
Que foi mensageira da paz nacional,
Ao cabo da lucta de guerra tamanha,
As forças d'Hespanha venceu Portugal !

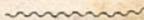
E ha homens que dizem que os filhos d'agora,
Como esses d'outr'ora valor já não têm ;
Eu não — que taes dictos são graves offensas
Ás mais puras crenças que o peito contém.

Ás crenças de um povo — por Deus só vencido !
E que hoje abatido sem forças se vê ;
Mas, que como a phenis das cinzas renasce,
De gloria se pasce, na gloria só crê ;

E póde das cinzas surgir poderoso,
Crescer vigoroso, ás armas correr ;
E em pugna espantosa engeitar a tutela
Que a nobre Castella lhe possa off'recer !..

.....

Irmãos ! folgae todos — com maga alegria
 Festejæe o dia que livres nos fez :
 — Com magicos gozos o porvir aguarde
 Quem não for cobarde, quem for Portuguez !



Fo' a fronte corada de verde oliveira,
 Que foi mensageira da paz nacional,
 Ao cabo da lucta de guerra tamanha
 As torças d' Hespanha vencer Portugal !

 E ha homens que dizem que os fillos d' agora,
 Como esses d' out' ora, valor ja não têm ;
 E não — que isso d'icido são graves offensas
 As mais puras creanças que o peito contém.

 As torças de um povo — por Deus se vencido !
 E não se abalido sem torças se vê ;
 E não como a quenia das cinzas fessasse,
 E gloria se nasce, na gloria se vê ;

 E não das cinzas surgir poderoso,
 E crescer vigoroso, e armas cortar ;
 E em fuzas españolas guisar a lucta,
 Que a nobre castella lhe possa offecer !

OURO E PESTE

Ainda a base d'este conto é uma popularissima tradição, uma lenda patriotica.

Onde um solitario cunhal de fortaleza, desmoronado represente o nosso Portugal bellicoso, onde exista um aruinado castello romano, arabe ou portuguez, onde vestigios houver apenas de passadas, extinctas habitações, ahi tambem assumpto para eguaes escriptos.

A raça mussulmana que dominou a peninsula desde 714 até aos primeiros seculos do independente viver do nosso reino, passava além de imaginosa, por ser senhora de grandes riquezas.

A nossos avós transmittiu ella essa faculdade inventriz, essa imaginação ardentissima: as riquezas, se as tinha, penso que não.

D'ahi vem esse excessivo numero de historias de mouras encantadas e de preciosos haveres escondidos.

Portugal, e nomeadamente a provincia da Beira, sabe muitos d'estes contos, que nas longas noutes de inverno ensina aos filhos e aos netos, no familiar e doce trato da lareira.

Este do *ouro* e da *peste* é conhecidissimo.

Não sei se existe já algum conto, ou romance, cujo assumpto seja o mesmo; não o lembro, pelo menos.

Sei que por vezes o ouvi em creança, com tantas variantes na fórma prosaica, quantas as pessoas que m'ò contavam.

Sendo uma de minhas primeiras composições, impressa foi já 'num opusculo meu; mas, porque devia por sua essencia estar juncta com estas, e porque incorrecta se publicára, para aqui de novo a trago, mais limada e revista na fórma, mas não livre de todo dos aleijões com que nascôra.

Fechando estes dizeres, pedirei perdão do anachronismo historico que no conto se vê. Nuno Martim da Silveira não é fructo imaginativo: existiu, e foi escrivão da puridade d'El-Rei Dom Affonso V.

Os mouros foram totalmente expulsos de Portugal em 1250, reinando Dom Affonso III, e a acção do conto devia ter logar antes.

OURO E PESTE

(CONTO)

Queres ouvir uma historia
Meu neto? senta-te aqui;
É toda mui verdadeira,
Já em pequena a ouvi;
Contava-m'a um sancto velho,
Como eu t'a conto a ti.

— Conte, conte de caminho,
Muito gosto de as ouvir;
E até prometto, avósinha,
De não tugar nem mugir.

I

'Nesses tempos que passaram,
No Castello da Ladeira,
Vivia o Conde Dom Nuno,
Nuno Martim da Silveira.

O conde tinha uma filha,
Que Auzenda por nome havia;

Era todo o seu encanto
Porque a mãe já não vivia.

Dona Auzenda da Silveira,
Dezeseis annos só tinha ;
Mas castellã mais perfeita
Nunca se fez tão asinha.

O Conde estimava-a muito,
Amava-a do coração ;
Mas de que ella o merecia
Resam chronicas d'então.

Os fidalgos, 'nesses tempos,
Iam ver Jerusalem :
'Nessa cruzada tão sancta
Dom Nuno lá foi tambem.

Aos cuidados d'umas aias
A linda filha deixou ;
E em prol do sancto sepulchro
A' Palestina voou.

Depois, passaram seis mezes,
No Castello da Ladeira
Não ha noticias do Conde
Nuno Martim da Silveira.

Um dia em que Dona Auzenda
No seu jardim passeava,
Quando colhia uma rosa,
Busina ao longe soava.

Era então no mez das flores ;
Rescendia o jasmineiro :

Por entre moutas de trevo
Do nardo saía o cheiro.

Á sombra de fresca rama,
Dona Auzenda se assentou ;
E olhando a flor com ternura,
Depois no peito a guardou.

O sol já ia descendo
E a virgem alli sentada,
Co'os olhos fitos na terra
Dos jardins lembrando a fada.

Detrás d'espessa folhagem,
Dona Auzenda ouviu ladrar ;
E 'nisto, d'alli mui agil
Um lebreo viu retouçar.

Treme a donzella assustada,
Do jardim quer já fugir,
Quando gentil cavalleiro
A seus passos vem sair.

As largas vestes que o cobrem,
O fazem d'alta semel ;
A curva espada que cinge
Mostra um filho d'Ismael.

— Perdoae, nobre condessa,
O susto que vos causei ;
A tal hora, e 'neste sitio,
Que não me esp'raveis bem sei.

Nem eu contava tão pouco,
Achar-vos senhora aqui ;

E em vez do gamo ligeiro
 Topar tão celeste huri.

Contou-lhe que andando á caça,
 Alli viera perdido,
 E que os demais caçadores
 D'elle se haviam sumido.

O que mais lhe disse o mouro,
 Meu neto, não sei ref'rir ;
 Só que a flor que ella colhêra
 Acabou por lhe pedir.

Em troca deixou-lhe um cofre,
 D'ouro todo e de marfim,
 E lhe disse soluçando :
 — Lembrae-vos sempre de mim.

— Esta joia preciosa,
 Deu-a a meu pae minha mãe ;
 Meu pae á hora da morte,
 Confiou-m'a a mim tambem.

— Tenho d'abrir esse cofre,
 Quando vinte annos contar ;
 Só depois da meia noute,
 E antes do gallo cantar.

Depois Ibrahim, o mouro,
 Da castellã se ausentou ;
 Mas pela Kaaba sagrada,
 De voltar breve jurou.

II

Dobram os sinos na torre
Do Castello da Ladeira :
Fallecêra o velho Conde,
Nuno Martim da Silveira.

'Num recontro co'a mourisma,
Seus largos dias findou...
Foi um velho paladino
Quem tão má nova contou.

E ahi fica Dona Auzenda,
Orphã de pae e de mãe ;
Rica dos bens da fortuna,
Rica d'encantos tambem.

Muitos gentis cavalleiros
Lhe vem requestar a mão ;
Mas a todos a donzella,
Responde sempre que não.

Alguns diziam que Auzenda
Do mundo não qu'ria ser ;
Que pois que seu pae perdêra,
Só lhe restava morrer.

Outros deitavam peçonha
No viver da castellã,
Crendo que falsos amores,
Tinha um p'erro co'a christã.

Razão, até certo ponto,
Tinha quem pensava assim,

Que certas juras prendiam
Auzenda com Ibrahim.

Mas que juras essas foram,
Isso não soube ninguém ;
Porque o mouro 'nessas cousas
Nem sequer fallou tambem.

Andou talvez por seis mezes
Que vagarosos passaram,
E nunca do mouro ausente,
Noticias a cá chegaram.

Trajando do lucto as vestes,
Sae Auzenda ao seu jardim ;
Cuidosa leva comsigo
O cofre d'ouro e marfim.

Já não sendo a vez primeira,
Em tósca pedra se assenta ;
Fita os olhos no horisonte,
Verte pranto e se lamenta.

— Justos céos ! poupae-lhe a vida,
Começa a triste a dizer :
— Pae e mãe já m'os lá tendes,
Quem hora me ha de valer ?

E 'nisto, fervente prece,
Joelhada aos céos envia :
Na terra fallava Auzenda,
Mas no ceo Deus a ouvia.

— De que me serve, diz ella,
Conservar este penhor ?

E no cofre precioso
 Attentava com amor.

— Que tens tu, ó cofre amigo,
 Ai ! que tão callado estás ?
 As mãos que te possuiram,
 Jámais a ver tornarás.

— Já não ha rosas nos prados,
 Nem alecrim p'ra florir ;
 'Neste peito amargurado
 Só ha penas p'ra curtir.

III

Que festas vão tão luzidas
 No castello da Ladeira ?
 São as bôdas da Condessa
 Dona Auzenda da Silveira.

O mouro por quem se esp'rava
 Voltára a pedir-lhe a mão ;
 E voltára renegado,
 De mouro feito christão.

P'ra celebrar o consorcio
 Dos dous amantes fieis,
 Concorrem de toda a parte
 Os bardos e os menestreis.

Tudo é já prazer e festa,
 Tudo é rir, tudo é folgar :
 E as más linguas já não fallam,
 Pois não têm de que fallar.

Ao cabo de bons tres dias,
Acabou toda a funcção ;
É casada Dona Auzenda
Co'o mouro feito christão.

— Este conto é verdadeiro,
Já em pequena o ouvi ;
Contava-m'o um sancto velho,
Como eu t'o conto a ti.

— Pois d'elle não gosto nada,
Que tão mal acaba assim ;
Os contos que a avó me conta,
Costumam ter outro fim.

— É verdade, mas a historia
Ainda aqui não acabou ;
Socega tu, meu netinho,
E ouve mais o que passou :

Muitos dias decorreram
Depois que Auzenda casára ;
E tempo tão venturoso
Nenhum desgosto manchára.

No Castello da Ladeira,
Nova festa se vae dar,
Porque apenas quatro lustros,
Vae o mouro completar.

Ia a noute adiantada,
Quando a funcção se acabou ;

Quando Auzenda e o renegado
Para os seus quartos entrou.

Perto da bella assentado,
Ibrahim fallava assim :

— Dous annos se fazem hoje,
Que eu te vi no teu jardim ;

— Preso por esses teus olhos,
Foi p'ra sempre que fiquei ;
Captivo por teus encantos,
Da minha fé reneguei.

— Dous annos tinha de vida,
Quando perdi minha mãe ;
Quando tres lustros contava,
A meu pae perdi tambem.

— Uma rosa que me déste,
Foi a minha perdição ;
Ouve, ó qu'rida da minh'alma,
Ouve a minha confissão.

— Às portas do paraizo,
Meu pae me fallou assim :

— «Guarda, meu filho, este cofre,
«Lembra-te sempre de mim.

«Quando fizeres vinte annos,
«Has de o segredo quebrar ;
«Só depois da meia noute,
«E antes do gallo cantar.

— «Se fiel ás tuas crenças,
«Longa vida has de viver ;

«Se amares christã donzella,
«Has de mui breve morrer...

— A meu pae perdi p'ra sempre,
Para sempre me perdi ;
Da sua final vontade,
Tredo filho me esqueci.

— O relogio, amada Auzenda,
Duas horas fez soar :
Vamos abrir esse cofre,
Antes do gallo cantar.

Em seguida abriu o cofre,
O cofre que o pae lhe deu ;
E achou dentro um pergaminho,
Que por esta fórma leu :

«Sobe filho, á Torre Negra
«Do teu Castello d'Ourem ;
«Vae mui prestes sem detença,
«Quem t'o pede é tua mãe.

«Enxergarás na parede
«Alfange d'ouro pintado ;
«Has de tocar-lhe no punho,
«Pós do gallo ter cantado.

«Ha de se abrir uma porta,
«Por onde deves entrar ;
«Riquezas, riquezas grandes,
«Has de, filho, dentro achar.

— Eu vou, pois, Auzenda minha,
Por mando de minha mãe,

Ver o thesouro escondido,
No meu Castello d'Ourem.

— Ibrahim, ó meu amado,
Eu contigo quero ir ;
Quero ver tuas riquezas,
Quero-as contigo fruir.

E eil-os vão por ahi fóra,
Para o Castello d'Ourem,
Cavalgando cada um d'elles
Um formoso palafrem.

Chegaram breve ao Castello,
À Torre Negra subiram ;
E pelo alfange pintado,
Logo a porta descobriram.

Enxergaram para a esquerda
Dous caixões de pedra escura ;
'Num d'elles, em letra moura,
Dizia assim a escriptura :

*Um, muita riqueza encerra ;
Tem outro peste encerrada :
Se abres um, domina a terra,
Porém se outro... serás nada !*

— Fujâmos d'estes logares,
Diz Dona Auzenda a tremer ;
Deixa, deixa essas riquezas,
Anda commigo viver.

— Isso não, Auzenda amada,
Minha sina hei de cumprir ;

Parte e deixa o renegado,
Que um dos caixões vae abrir.

— Ninguem mais já tem no mundo,
Quem seu pae e mãe perdeu :
Ó vida d'esta de minh'alma,
Deixar-te não deixo eu.

— Foi por mim que renegaste,
Que traiste a tua lei...
Se ahi findarem teus dias,
Eu contigo morrerrei.

E um dos caixões foi aberto,
Pelas mãos do renegado,
Que prestes cahiu sem vida,
Co' a sua Auzenda abraçado.

Pós do mouro, ainda se conta,
Sem vida no chão cahir,
No cimo da Torre Negra
Esta voz se fez ouvir :

Tua morte prematura,
É castigo do Senhor :
— Quer a Deus, quer á familia
Ninguem deve ser traidor.

—
É bem bonito, avósinha,
Agora digo que sim ;
Os contos que avó me conta
Costumam ter este fim.

D. ALVARO VAZ D'ALMADA

Em todos os livros de Historia Portugueza que descrevam o combate d'Alfarrobeira, póde o curioso leitor encontrar o sujeito d'esta composição:

A amizade, sentimento sublime, elo naturalissimo, affeição pura que póde unir dous seres, sem a mácula do baixo interesse das conveniencias; astro sem nuvens, ouro sem fezes, brilhante sem jaça, topa-se alli, no proceder de Alvaro Vaz d'Almada para com o Duque de Coimbra, D. Pedro.

A innocencia repudiada, a honra descrida, o saber desprezado, e os laços do sangue partidos, tambem ressaltam execraveis d'essa ominosa contenda, na victima de miseraveis insidias, no homem que só queria em paga de sua boa regencia uma estatua de affeições nas provindouras epochas, no chorado Duque de Coimbra.

A ingratição, a estulticia, a irreverencia, os verdes annos e a cracissima obcecação de um Rei maldoso, ainda avultam no painel d'esse combate, na pessoa de Dom Afonso V.

Em tudo isso ha sobeja inspiraço a pintores e a poetas.

Sem embargo de J. Pizarro de Moraes Sarmiento, no seu *Romanceiro*, julgar tão boa causa nos tribunaes das musas, eu, ignorado cantor, como a ave silvestre que na deveza repete os trilos das semelhantes, solto a voz e exalço a amizade, lamento a innocencia e vitupero a tyrannia.

Homens que vos dizeis amigos d'outros, farieis vós por elles o sacrificio da vida?

Meditae a resposta, e lede a canção :

D. ALVARO VAZ D'ALMADA

ou

A BATALHA D'ALFARROBEIRA

1449

I

Dom Pedro, Duque de Coimbra,
Governava, por seu mal!
Com saber e experiencia
O Reino de Portugal,
Porque apenas uns seis annos
Tinha o principe real.

Não havia nas Hespanhas
Um homem de mais saber
Do que era o Duque; prudente,
Sem grandes ambições ter,
Character probo, integerrimo,
Virtuoso a mais não ser.

Tinha, porém, inimigos,
Como toda a gente os tem:

Um, no Duque de Bragança,
No filho, Conde d'Ourem,
No Arcebispo de Lisboa,
E em muitos nobres tambem.

Inventavam mil calumnias
Para o deitar a perder ;
Affirmando que Dom Pedro
Para subir ao poder,
A Dom Duarte e á Rainha
Déra veneno a beber !

D'este sudario de intrigas
Não quero o véo levantar ;
É patente nossa historia
Ao que a quizer consultar ;
Por isso ao meu fim caminho
Sem outro preliminar.

Se o nobre Duque de Coimbra
Tinha inimigos mortaes,
Tambem tinha cavalleiros
Que lhe seriam leaes,
Defendendo seus direitos
Contra mil, dez mil, ou mais.

Chegára, vindo de Ceuta,
Ás praias de Portugal,
Um homem que n'esses tempos
Não tinha na Europa igual,
E que na honra e no esforço
Nunca manchára o brial.

Era um d'esses cavalleiros
Que Dom João primeiro armou ;

Que na França e na Inglaterra
 Com distincção militou,
 E que mesmo n'Allemanha
 Grandes serviços prestou.

Dom Alvaro Vaz d'Almada,
 Eis aqui o nome seu ;
 Conde d'Avranches, na França,
 Que esse condado lhe deu,
 Por notaveis feitos d'armas
 Quando 'nella combateu.

Em hora boa Dom Alvaro
 Á capital aportou :
 Hora boa não foi ella...
 Que o triste fim lhe marcou
 Quando o povo de Lisboa
 Por Alferes o acclamou.

Como o passado, o futuro
 Bem mal se póde entender !
 — Quem diria ao nobre Conde
 Que o termo do seu viver
 Sellava a sua amizade ?
 Só Deus sabe o que ha de ser !

II

Já reinava Affonso quinto,
 O que *Africano* sería,
 E o sabio Duque de Coimbra
 Em seu ducado vivia.

Seus inimigos, no entanto,
 Lá o faziam lembrar,

E teciam mil intrigas
Para á morte o arrastar.

Certo, o Duque de Bragança,
Do patrocínio d'El-Rei,
E, por tanto, que podia
Torcer o rigor á lei ;

Lembrou vir com mão armada
E por Coimbra passar,
Sem pedir licença ao Duque,
Sem nem sequer o avisar.

Era offensa manifesta
Que não podia esconder ;
Mas a que o Duque de Coimbra
Podia bem responder.

E, como tal lhe cumpria,
Em se lhe oppôr resolveu :
Comtudo, préviamente,
Uma carta lhe escreveu,

Na qual, pouco mais ou menos,
Dom Pedro dizia assim :
«Duque, desista da empreza
«Que o deshonra a si e a mim :

«Porque importa ao meu bom nome
«Muita quebra em seu valor,
«E os bríos d'um cavalleiro
«Não a soffrem sem se oppôr.

Baldado foi este meio
De que o Duque mão lançou,

Porque a gente de Bragança
Sobre Coimbra marchou.

Dom Pedro com seus soldados
Ao encontro lhe saiu ;
Mas o Duque de Bragança
Desanimou... e fugiu !

Era maior do que a offensa
A vergonha que soffreu !
Por isso o Duque medroso
Vinganças mil prometeu,

E contra o Duque Dom Pedro
Tantas mentiras creou,
Que El-Rei Dom Affonso quinto
Rebelle o pronunciou.

III

Já vinham sobre Coimbra,
Para Dom Pedro cercar,
As forças de Dom Affonso ;
E para a morte lhe dar
Tinham ordens terminantes
Se o podessem captivar.

Em tão tristes circumstancias
Que tinha o Duque a fazer ?
Dom Alvaro Vaz d'Almada
É que o podia dizer,
E mostrar se cavalleiros
Rebeldes costumam ser.

Deu conselho, pois, ao Duque
 — De brioso presistir,
 E ao encontro do exército
 Do sobrinho, prestes ir ;
 Não como rebelde armado,
 Mas p'ra justiça pedir.

— E que se El-Rei não quizesse
 Suas razões aceitar,
 Ao menos seus inimigos
 Deixasse desafiar,
 Para por armas no campo
 Essa pendencia acabar.

— E se quando a tal pedido
 Não quizesse ainda attender,
 Que tregoa a razões desse
 Sem mais pedidos fazer,
 E que em lucta em campo aberto
 Combatesse até morrer.

— Que os brios de um cavalleiro
 Se um dia manchados são,
 Só lavam em sangue as nodoas,
 Embora seja de irmão !
 Devendo sahir da lucta
 Vencedor, vencido — não !

Assim, o Duque de Coimbra
 A sua gente aprestou :
 E a um dos filhos, Dom Jaime,
 A mais d'ella confiou ;
 E que se fosse marchando
 Na vanguarda, lhe ordenou.

Com seis mil homens selectos
Dom Pedro o filho seguiu :
A seu lado vae Dom Alvaro,
Que a amizade não trahiou,
E que ao Duque, em juramento,
Até á morte se uniu...

Dadas ao vento as bandeiras,
E ao sol armas a luzir ;
Entregues os rostos lédos
A esperançoso sorrir,
Taes as hostes de Dom Pedro
De Coimbra vão sahir.

Pede — *justiça* — *vingança*
O mote que o Duque tem
Escrepto n'essas bandeiras :
E — *Lealdade* — tambem
Vão mostrando do outro lado,
Por essas terras além.

Chegado juncto d'Alverca,
Dom Pedro, o plano mudou ;
E, em vez de ir sobre Lisboa,
Como até 'li tencionou,
Na margem do Alfarrobeira
Seu arraial assentou.

IV

As margens do Alfarrobeira,
Apenas simples ribeira,
Grata sombra ás aguas dão ;

Às aguas que entre salgueiros
E por entre os amieiros
Murmurando ao Tejo vão.

Escondidos na folhagem
De uma densa e verde margem
São os bésteiros d'El-Rei ;
E na outra, pouco distante,
Tem seu arraial o Infante
Com sua pequena grei.

Lá d'um erguido cabeçaço
Á pugna já dão comêço
'Spingardeiros a atirar :
Já os inquietos bésteiros
Manobram tiros certos
Que nos contrarios vão dar.

As settas já formam bardas !
Já lhê respondem bombardas
Do contrario arraial,
E uma bala caprichosa
Zunindo vae pressurosa
Bater na tenda real.

Qual destruidora faisca
Que não necessita de isca
Se na polvora vae dar,
E que um volcão accendendo,
Com um abalo tremendo
Tudo em cinzas faz voar,

Tal da bala foi o effeito !
Pois que sem ordem, sem geito,
Os soldados fez partir,

E, como tigres raivados,
Os fez ir por muitos lados
Sobre os do Infante cahir.

Travou-se 'num instante a briga,
Que aos dous partidos obriga
A valentia mostrar ;
A derribarem trincheiras,
A defenderem bandeiras,
Ou mortos no chão ficar.

Já vae brava a gritaria !
Já troa a fuzilaria,
Por um modo aterrador !
Já se confundem partidos,
Já se escutam mil gemidos
Nos que se curvam á dor...

O nobre duque Dom Pedro
Tombou logo como o cedro
Que um raio dos céos lascou ;
Porque era um bravo soldado,
E por isso mal armado
Pelos contrarios entrou.

Dom Alvaro Vaz d'Almada,
Quando a nova lhe foi dada,
Luctava como um leão !
De cada bote que dava
Um inimigo prostrava
De mortos cobrindo o chão !

Mas, que fazer entretanto ?
Serenosusteve o pranto
E á tenda se encaminhou :

Comeu, para haver alento,
Armou-se bem 'num momento,
E á briga lesto voltou.

Vencida a batalha estava,
E já ninguem se lembrava
Senão dos hymnos cantar :
E em tão triste conjuntura,
Faltava uma sepultura
Para um bravo se enterrar !

Faltava, porque essa gente,
Não sabia que um valente
De mortos jazigo faz,
Antes que ao sópro da vida
Faça o corpo despedida
Para a morada da paz !

Qual valoroso 'spartano,
O valente lusitano
Vae a pé pelo arraial ;
Co'as armas todas armado,
Com semblante carregado
Parece o genio do mal :

Parece uma estatua enorme
D'essa gente que ali dorme
Fundida 'num homem só,
Que, para vingar amigos,
Prostrará tantos imigos
Quantos descansam no pó !

Recomeçou o combate
Para julgar esse empate
De muitos mil contra um !

Renasceram mil gemidos,
Que dos golpes despedidos
Não se perdia nenhum !

Com mui provada coragem
Almada abria passagem
Como o raio a póde abrir !
Não soltava uma palavra,
E, como o incendio que lavra,
Ávante sempre a investir.

'Num pedestal de vencidos,
Já com os braços pendidos,
Estatua da destruição ;
Co'as armas tintas de sangue,
Almada, caçado, exangue,
Vacillou, caiu no chão !...

E conversando comsigo,
Aquelle exemplar amigo,
Taes vozes poude soltar :
« Já não posso erguer os braços...
« Alma, desfaz os teus laços...
« Fartar, rapazes, fartar ! »



The first of these is the
 fact that the
 system is not
 self-sufficient.

This is because the
 system is not
 self-sufficient.

The second of these is the
 fact that the
 system is not
 self-sufficient.

The third of these is the
 fact that the
 system is not
 self-sufficient.

VASCO DA GAMA



Esta composição foi publicada em 1872 por ocasião de tomar capêllo em Medicina na Universidade de Coimbra, o Ex.^{mo} Sr. Dr. Augusto Philippe Simões, e acompanhada d'estas palavras :

Abrira um concurso publico de poesias laudatorias de Vasco da Gama a nossa Academia Real das Sciencias.

Depois do muito e do excellente que se tem escripto sobre o assumpto, desde Camões até Mendes Leal, sempre julguei dispensavel este concurso.

Quem ha ahi hoje em dia, que possa exceder, ou, quando menos, competir com aquelles ?

Excluidos do certamen os mestres, aberta e franca se offerecia a todos a entrada. Entrei tambem.

Sem embargo de haver tirocinado já 'neste genero de poesia historica, não me sentia com forças para tão sublime objecto.

Uma causa íntima, porém, que não mirava o *premio vil*, me deliberou, de vez, a encetar tão delicado trabalho.

Como íntima a conheço eu, e a poderá comprehender o cavalheiro a quem offereço esta composição.

Por elle me brotou espontanea d'alma; hoje lh'a dedico jubiloso: pertence-lhe.

Singelos cantos são os meus haveres; não posso dar outra cousa ao amigo e mestre.

VASCO DA GAMA

Á minha lyra o panno
Pelo mar soltarei dos teus louvores.

DINIZ.

Ó Sparta do occidente, ó patria amada,
Vestal que o fogo do valor inflammas ;
Regia princeza pelo mar banhada
'Num throno excelso de floridas ramas ;
Tu, que dos filhos teus ora lembrada
Ao mundo vaes mostrar que os não desamas,
Deixa que um canto solte altisonante
Do mar da India ao inclyto Almirante.

E tu, grande Camões, Macedo, Elpino,
Benignos relevae a audacia minha ;
Pois sei que o canto meu não será dino
Do preclaro varão, como convinha ;
Nem posso igual a vós soltar um hymno,
Qual na vontade grandioso tinha,
Que um brado fosse dar pelo universo,
Seu nome proclamado em nobre verso.

E vós, ó Tyro altiva, ó grande emporio,
Ó rainha do mar em tempo antigo ;
Alta Carthago, cujo sceptro equoreo

Domina as ondas, avassalla o imigo :
 E tu, com teu poder sempre notorio,
 Bella Veneza do commercio abrigo,
 Um termo põe no Estreito á aguda prôa,
 Que a todo o oceano vae sulcar Lisboa.

E vós, punico Hannon, e vós Pythêas,
 Alexandre e outros mais depois de Rauda,
 Cujos feitos no mar são epopêas,
 Que a historia insculpiu em bronzea lauda !
 Em parte desculpae minhas idêas
 E o breve canto meu, se vos defrauda
 Esse applauso immortal, a eterna fama,
 Cantando o portuguez Vasco da Gama.

I

Nascêra forte e guerreiro
 Nas batalhas Portugal ;
 Fôra armado cavalleiro,
 Ganhára o manto real
 Em Val-de-Vez, em Ourique,
 Á voz do filho de Henrique
 Depois de lucta immortal.

Crescida, forte e valente,
 A dynastia affonsina,
 Com mão robusta e potente
 Ao mouro decreta a ruina,
 E, dilatando as fronteiras,
 Das quinas ergue as bandeiras
 Em cem praças que domina.

Impera a cruz no occidente ;
 Desaba o throno do Islam ;

Jaz abatido o crescente
Aos pés da gente christã :
Abundam na patria historia
Famosos feitos, de gloria
'Nessa heroica ante-manhã.

Quadra de bellico esforço
Consolida a liberdade ;
Não abate á vaga o dorso
Com valente heroicidade,
Mas tem pundonor e brio,
Tem do reino o senhorio,
Tem severa austeridade.

Prepara a idade brilhante
De nossa altiva grandeza,
Quando, em terra e mar ovante
Esta nação portugueza,
Abre a porta a novos mundos,
E a mil povos vagabundos
Amança a feroz braveza.

E, depois, em Dom Fernando
Vem terminar a final,
Na patria historia deixando
Uma pagina immortal,
Apesar d'essa fraqueza
Com que de um rei a molleza
Enervára Portugal!...

Notavel é a atonia,
Depois de tanto esplendor,
Com que a forte dynastia
Assim findou sem valor !
E, mais notavel ainda,

É que a de Aviz também finda
Nos crepes de lucto e dor !..

Como a de Affonso e a do Mestre
Nasce forte a de Bragança ;
Ostenta poder terrestre,
E, com altiva pujança,
'Num feito de armas famoso
Sacode um jugo odioso,
Liberdade em fim alcança.

Se acaso, ó Deus dos imperios,
Por lei cruel e fatal,
Em teus profundos mysterios
Lhe destinas sorte equal,
Outra vez 'nessa agonia
Salva a nossa autonomia,
Salva o nome a Portugal !

II

Incompleta restava a grande emprêsa
Do heroe de Sagres, do preclaro Henrique,
Sonhando mundos, antevendo imperios,
Libycas terras.

Do Estreito até ao cabo Tormentorio
As ilhas surgem nunca d'antes vistas,
Extensas regiões, ricas cidades,
Barbaros povos.

As quinas portuguezas exalçadas
'N Africa ardente, o portuguez dominio
Ao vento livre d'esse ignoto clima
Tremulas dizem :

Dá fructo a ideia, que na frente ao sabio
A c'róa põe de myrtho e verde louro ;
Mas falta um homem que não tema bravos,
Índicos mares ;

Mas, falta um homem audacioso, intrepido,
Que possa eternizar duas memorias,
Que possa realizar do sabio a ideia,
Válido e forte,

No mar profundo procurar passagem
Para as terras que banha o Indo, o Ganges,
Domando os ventos, evitando escolhos,
Tumidas vagas,

À patria, a toda a Europa, ao universo
De par em par abrindo do Oriente
Cerradas portas, indicando em Cartas
Madidas vias ;

Madrepora do mar á patria presa,
Que os braços seus desinvolver costuma,
Levar na cruz de Christo ao mundo idólatra
Balsamo santo ;

Às terras d'além mar, a virgens povos
O idioma levar, a fé e as crenças,
Da família, do amor, da caridade
Vinculos santos.

É esse grande heroe Vasco da Gama !
Eis o forte varão, que em nossa historia
A mais grandiosa, a mais brilhante
Pagina deixa.

Musa, que ao vate predilecto inspiras,
 Genio dos fortes que seu estro inflammas,
 Mudae meu rude metro em doces versos,
 Melicas vozes.

Dae que o pobre cantor, da patria amigo,
 Ao grande vulto renda vassallagem,
 Como povos sem conto outr'ora as pareas
 Tímidos deram.

III

Parte a frota do Gama. Á foz do Tejo
 Curioso um povo immenso arde em desejo
 De se despedir d'ella ;
 Prospero vento já enfuna a véla
 Da nau *S. Gabriel*, em mar banzeiro,
 E na faina do mar o marinheiro
 Saudoso diz adeus á patria bella.

Na curva flor das aguas a flotilha,
 Qual oasis no mar, qual movel ilha,
 N'agua volta e revolta,
 Até que á brisa todo a véla solta,
 E se afasta e se esconde. Boa viagem !
 Assim te dê o mar franca passagem
 No dorso altivo, quer na ida ou volta !

De dezembro era o mez : do promontorio
 Que primeiro chamaram Tormentorio,
 Além assoma o vulto,
 Ingente, ameaçador, feroz, inculto :
 Rugem-lhe em volta entumecidas vagas,
 Como guarda infernal que 'nessas plagas
 Repellem, vingam bem qualquer insulto.

Que audacia no moderno ou tempo antigo
 Jámais pôde arrostar com tal imigo,
 Syrtes, escarcéos e ondas ?

Que apenas furacões — não me respondas,
 Musa do patrio amor inspiradora,
 Mas que o luso valor sómente fôra,
 Ventos, vélas e naus, rumos e sondas !

Retrahe-te Adamastor, que passa ovante
 Vasco da Gama, o intrepido almirante,
 O nauta denodado,

De Paulo, seu irmão, acompanhado
 E de Nicolau Coelho : na derrota
 Um cento de homens lhe tripula a frota,
 Cujá empreza dará grandioso brado.

A terra do Natal vae costeando,
 Com trabalhos crueis sempre luctando

 Aporta a Moçambique :
 Alli negra traição não lhe põe dique,
 Nem fim á empreza que na mente leva,
 Antes na lucta mais e mais se eleva
 Até que o nome seu eterno fique.

Poja em Melinde o argonauta ousado,
 Onde Malemo Cana exp'rimentado

 A seu serviço toma ;
 No mar se engolfa que subjuga e doma,
 Quer subindo na vaga á mór altura,
 Quer baixando á liquida sepultura,
 Da qual vezes cento á flor assoma.

Não morre o homem que despreza a morte,
 Que assim zombando vae da imiga sorte
 Em prol da patria amada,

Nos frageis lenhos de tão breve armada !
 Eterna lhe farão lá 'nessas plagas
 A fama sua bramidoras vagas,
 Embora o corpo se lhe volva ao nada.

Quebra o silencio no golfão profundo
 De espaço a espaço o grito gemebundo

Que das aves se escuta,

Ou do mar o bramir na eterna lucta,
 Quando o piloto amigo a voz desata,
 Dando á brisa do mar esta volata,
 Emquanto ao leme em seu mister labuta :

Salvè, heroe lusitano,
 Que assombras o Oriente,
 Com teu braço armipotente,
 Com teu valor sobrehumano !

Com indomavel vontade
 Dois abysmos senhoreias :
 Ao vento a furia encadeias,
 Ás ondas a liberdade !

A véla doma o aereo ;
 O leme vence o segundo ;
 Por baixo o pego profundo,
 Por cima o abysmo ethereo !

No céo o throno de Deus
 Brillhante, immenso, luzido,
 No mar o céo reflectido !
 Navegas entre dois céos !

Não póde a maior grandeza
 Aspirar nenhum mortal !

Salvè, pois, ó Portugal!
Salvè, Gama, a tua empreza!

Aporta a Calecut o grande vulto,
E a India inteira, estupefacta, um culto
Ao heroe tributava,
Que a todo o mundo com valor mostrava
Extensas regiões, diversos povos,
Em não sulcado mar caminhos novos,
Cujá existencia mal sequer sonhava!

Abertas são as portas do Oriente,
Da região de Ophir aurifulgente,
Das sedas, do marfim;
Desmaia em seu commercio o vil chatim;
Do Mar Vermelho vão ermar os portos,
Jazendo cá mais perto, semi-mortos,
Veneza, Alexandria, o Cairo, emfim.

Vem-nos d'Aden, d'Ormuz e de Bengala,
De Sumatra e Ceylão a linda opala,
Perolas, rubis e ouro:
Derrama sobre nós o grão thesouro
Arabia, a fertil Persia, a India e China,
E ao ávido europeu cega e fascina
Mais a riqueza do que o marcio louro.

Prospéra Portugal: o seu commercio
De Lisboa se estende ao Golfo persio
Pela costa africana;
E a nascente de bens que d'elle mana
Procede d'esse audaz commettimento,
Findado com valor, com ardimento,
«Mais do que promettia a força humana».

Cruzam no mar do sul as naus da Europa ;
Nos asiaticos portos já se topa

O atrevido hollandez :

No sino arabico vae morrer Suez,
E as immensas riquezas do Oriente
Ao velho mundo vem directamente

Depois que lá chegára um portuguez !

Jaz, ó Tercenebal, do teu Infante
Cercado o nome de esplendor brilhante

Da gloria no fastigio :

Já chimera não é o grão prodigio
Do sabio pensador. A véla solta
O nauta valoroso ; a Lysia volta,
Após deixando perennal vestigio.

Não luctes com o mar, soberbo Tejo,
Que á patria amada submettido o vejo

Tornar Vasco da Gama ;

Sê Indo e Ganges, o teu dorso acama,
Que já perto se vê, qual sentinella
Da nau *S. Gabriel*, a branca véla
Que ao reino vem trazer perpetua fama.

Salvè, tres vezes, semi-deus dos mares !

Preclaro vencedor de mil azares

Que pelos teus anceias !

Vaes a final pisar patrias areias,
Vaes tornar-te immortal entre os primevos,
Emquanto o bronze resistir aos evos,
Emquanto o prélo transmittir ideias !

NOTAS

À pagina segunda. — A dedicatoria ao fallecido Visconde de Castilho deixa presuppor ainda a existencia do chorado mestre. Vivia, porém, ao tempo em que aquella composição fôra escripta. Antonio Feliciano de Castilho falleceu em 18 de Junho de 1875, em Lisboa: tinha nascido em 26 de Janeiro de 1800.

O dedicar eu a composição *Filippe d'Affonseca* ao Visconde de Castilho significa sómente gratidão ao mestre e amigo. Desde 1854 até á sua morte me honrara o grande litterato com sua amizade. 'Naquelle anno ensinára elle o seu *Methodo repentino* aos professores de Coimbra e seu districto, e a quem, como eu, o quiz aprender. Alli começou elle a distinguir-me com sua afeição, mandando-me passar carta de approvação sem consentir em que eu fôsse examinado, apenas no acto ouvira a minha primeira resposta, satisfeito, talvez, com as provas que eu dera durante o mez de apprendizado.

Pouco depois da publicação d'este livro em 1866, (era por Abril ou Maio, epocha da annual visita do poeta á *Lapa dos Esteios*, onde elle celebrára a festa de Maio) ainda devi ao bondoso mestre a graça especial de uma visita dizendo-me que, por mais de perto me conhecer. Na casa em que eu vivia estavam então tres ou quatro aca-

demicos de annos adiantados na Universidade. Escusado é dizer que todos faltaram ás aulas para ouvirem a minha conversação com o mestre. Dilatada foi ella, versando sobre assumptos varios, sendo um d'elles a celebre questão litteraria *Bom senso e bom gosto*, erguida no magnifico pamphleto do sr. Anthero do Quental, e em que muito se escreveu tanto em favor do sr. Quental como de Castilho. Alli me promettera o mestre o opusculo de seu irmão José Feliciano de Castilho *A aguia no ovo e nos astros*, unico de todos que eu não tinha lido, por impresso no Brasil e por não se achar á venda.

Recolhera a Lisboa o poeta e esquecera-se da promessa, que lhe lembrei d'este modo:

É meu fim relembrar a offerta amiga
 Ao sabio mestre, ao melifluo bardo;
 E, pois que o verso mais que a prosa obriga,
 Em verso a lembro e anhelante a aguardo.

Na volta do correio entrava em Coimbra o humoristico folheto.

Ao pôr ponto em meus trabalhos litterarios, quero deixar aqui esta lembrança da estima que me consagrou o sabio mestre, não tanto por vangloria minha como por mostrar a quem me ler no futuro, e a meu filho, especialmente, que não tendo eu tido estudos alguns, e tendo sido mestre e discipulo a um tempo, consegui a attenção de meus contemporaneos, a estima de muitos e amizade purissima de alguns, dos quaes, infelizmente, vivo afastado.

Mem Rodrigues de Vasconcellos, pag. 57.

Julgando haver eu encontrado a campa do homem que teve aquelle poetico e sympathico nome na magnifica igreja de S. Francisco de Evora, remetto o leitor que lhe quizer ler o epitaphio para a minha — *Miscellanea historico-romantica*, pag. 123.

As razões que me levaram a tomar a campa de S. Francisco como do commandante da *Ala dos Namorados* foram: o gothico quadrado de seu epitaphio, o montante subposto ao escudo de suas armas e a dilatada inscripção, que já se não lê, ao longo das quatro orlas da campa, a qual ampliaria o singelo dizer da inscripção.

O gothico quadrado usou-se até 1530 aproximadamente, termo que abrange o anno da batalha de Aljubarrota em 1386.

«... uma allusão ao caso ... pag. 66.

Por uma troca de papeis, o trecho do *Naufragio de Sepulveda*, transcripto 'nesta pagina, devera ter ido na pagina 41, aonde se trata de Fernão Rodrigues Pacheco, e 'naquelle logar este, do mesmo canto :

«Companheiros e amigos, eu vos via
 No principio mais firmes, & constantes,
 Vosso sprito ardentissimo vencia
 Em dureza os mais rigidos Diamantes:
 Vejo agora que já se vos esfria
 Aquelle honrado ardor, que tinheis antes;
 Se o desejar molher vos faz fraqueza
 O extremo vos darei da mor belleza.

Tomou (isto dizendo) com segura
 Confiança & tristissimo sembrante,
 Huma filha, que par em formosura
 Não tinha, & pella mão lha pos diante:
 Tomay (diz o pay) se por ventura
 A todos tal razão vos é bastante,
 E não queirais senhores que quebremos
 A fé, que a elRey Dom Sancho prometemos.»

D. Pedro Affonso, pag. 129.

Confundem alguns escriptores este Pedro Affonso com outro que foi sepultado em S. João de Alporão em 1207, tendo sido o XI Grão Mestre da Ordem do Hospital, e cuja existencia é indubitavel nas cartas de Foral que deu aos povoadores de Figueiró dos Vinhos na era de 1244, em que se lê: *Ego domnus Petrus Adefonsi illustrissimi Adefonsi portugulensium Regis filius* (1).

Não póde haver duvida sobre suas entidades distintas, pois que o memorado nos meus versos falleceu no anno de 1175 e este filho natural do nosso primeiro rei morreu em 1207.

De um e de outro existem os epitaphios, que, por tirar duvidas, aqui se põem.

O primitivo epitaphio do filho do conde D. Henrique já não existe em Alcobaça, mas sim um segundo, ao pé do altar mor do lado do Evangelho, com estes dizeres :

*Domnus Petrus Alphonsus Alcobatiae
Monachus Alphonsi Regis Frater obiit
anno christi 1175. die 9. Maii quem
B. Dominicus hujus Monasterii Abbas
et claustro veteri ad hunc locem transtulit
anno 1293 sed ob novi sacrarii
ac retabuli opus positus est hic lapis
anno 1678* (2).

Em S. João de Alporão de Santarem, appareceu no anno passado o epitaphio do Grão Mestre do Hospital, que só se conhecia por copia de Ignacio da Piedade e Vasconcellos e de Jorge Cardoso, no *Agiologio*, ao tirarem ao templo umas encrustações seculares, e diz assim

(1) José Anastacio de Figueiredo, *Hist. da Ordem do Hospital*.

(2) *Historia Genealogica*, tomo I, pag. 49.

em gothico-monachal, conforme a communição do meu amigo, o sr. João Ferreira Alves:

*In era de MCCXXXV... kalendis martii
 obiit F. Alphonsus . magister hospitalis hierusalem .
 Quisquis ades . qui morte eadis . perlege plora .
 Sun quod eris . fveram quod es . pro me præcor . ora . (1)*

Brito, Cardoso, Vasconcellos e outros assignalam o primeiro de Março de 1207 como o dia do passamento de D. Affonso. Ha, porém, na pedra um gregotim, que vaé indicado com pontos, o qual, se não for um simples enfeite, designará talvez o dia *ante kalendas*, podendo, por isso, ter tido lugar a morte nos fins de Fevereiro.

Fernando Affonso, pag. 139.

É possível que aos olhos de alguns pareçam ideias menos accéitaveis as que se expõem na composição poetica *Fernando Affonso*, com respeito a corpo, materia e espirito. Annos depois de escripta, leu o auctor um livro de José Agostinho de Macedo, e 'nelle folgou de se encontrar com o notavel escriptor. Escreveu elle:

«Segue-se que taes substancias (espirito e materia) ainda que tão differentes entre si, estão unidas de maneira que se não pôde separar huma da outra sem a total destruição do inteiro composto, nem huma pôde obrar (em quanto unida) sem o soccorro da outra.

«Mas tu me poderás oppor, que pôde ser o corpo como hum envoltorio do espirito, como suspeitou Platão,

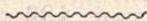
(1) Jorge Cardoso separa erradamente os dois versos da inscripção, quando devem estar juntos. O sr. Mendes Leal, nos *Monumentos Nacionaes* pag. 139, traduz os dois versos assim:

Ó tu que vens aqui, mortal, contempla e chora:
 Já fui qual és, qual sou serás: ajoelha e ora.

e não huma das partes que compõem o homem; e eisaqui o homem puramente espirito. Póde ser o espirito material e eisaqui o homem todo corpo. Podem ambas estas substancias ser modificações varias da mesma substancia do mundo, como disse primeiro Seneca e depois Spinosa, e eisaqui o homem divino.

« Respondo, que taes opposições são falsas; porque estas duas substancias estão tão fortemente ligadas entre si, que não se desperta huma vontade no espirito, que se não communique ao corpo, nem este sente impressão alguma a qual ao mesmo tempo não excite 'nalma huma sensação uniforme. Logo, ambas as substancias conspirão a formar hum mesmo todo.»

O Homem ou os lemites da razão,
pagg. 16, 17 e 18.



Conde de Avranches na França
Que esse condado lhe deu ... pag. 197.

Esta doutrina da doação do condado de Avranches a D. Alvaro Vaz de Almada tem sido a geralmente seguida de nossos historiadores. O sr. Pinheiro Chagas segue, porém, contrario parecer, dando como contemporaneos o titulo de conde de Avranches e grau de cavalleiro da Jarreteira, mercês puramente inglezas. Diz assim:

«... Documentos citados e transcriptos pelo senhor F. F. de la Figanière provam que o condado e a cavallaria da Jarreteira lhe foram outhorgados juntamente no anno de 1445 por Henrique VI d'Inglaterra. Oicâmos o nosso erudito compatriota:

«A tradição tem-nos transmittido, singularmente alterada, uma circumstancia importante, relativa a um dos vultos mais conspicuos nos fastos portuguezes. Referim-nos ao nobre e esforçado cavalleiro, Alvaro Vaz de Almada, tão afamado no seu tempo por toda a Europa; e especialmente á sua nomeação como conde de Avranches.

«Tem-se generalisado entre nós a erronea idéa de que este illustre portuguez fôra feito conde de Avranches pelo rei de França, e cavalleiro da ordem da Jarreteira pelo d'Inglaterra, quando é certo que Henrique VI, rei d'Inglaterra, foi quem fez ambas as mercês no anno de 1445.

«Na actual subdivisão da França, Avranches está situada no departamento da Mancha, que se acha incluída na antiga provincia ou ducado da Normandia. Esta porção do territorio francez achava-se, como é bem sabido, incorporada nos dominios da coroa d'Inglaterra, desde a conquista d'este reino pelo duque Guilherme, chamado o conquistador, e assim permaneceu até que veio a ser reduzida pelas armas do rei de França, Carlos VII. Mas Henrique VI era ainda duque da Normandia em 1445, e foi como tal que deu e podia dar o titulo de conde de Avranches a D. Alvaro.

.....

«A pensão vitalicia que lhe dá o rei d'Inglaterra de 100 marcos annuaes, ou pouco mais ou menos 100 libras sterlinas, que não era somma mesquinha, se attendermos á escacez do numerario, especialmente em Inglaterra, e seu grande valor representativo 'naquelles tempos; o presente de uma taça de ouro, do valor de 100 marcos, contendo outros 100 marcos em dinheiro que lhe faz o mesmo rei; mas sobretudo o facto de ser eleito por unanimidade membro da insigne ordem da Jarreteira em cujo gremio a admissão é tão difficil, e mesmo nulla para estrangeiros, exceptuando-se as testas coroadas, são tudo provas inquestionaveis dos grandes e valiosos serviços prestados pelo celebre Portuguez a Henrique VI.....

«O que parece ter occasionado o erro de se imaginar que o condado de Avranches fôra outhorgado a Alvaro Vaz de Almada pelo rei de França é que Luiz XI, filho de Carlos VII, confirma essa doação a D. Fernando d'Almada neto do heroe, e concede-lhe tambem uma mercê pecuniaria. Mas então já o ducado da Normandia pertencia incontestavelmente á França, e o rei de França, herdeiro pela conquista dos duques de Normandia, podia ou annul-

lar ou confirmar a doação anterior. Confirmou-a, attendendo aos meritos ou aos serviços de D. Fernando.»

O sr. Pinheiro Chagas enriquece os seus dizeres com estes excerptos de leis, ou documentos inglezes, relativos a D. Alvaro Vaz de Almada :

— *Adeo sua pro virili bellorum descrimini insudavit forti animo, et pacis tranquillitati consilio quod suo jure præmia debentur suo labori.*

— *Socium et fratrem de Garteria ... comitem Davarans in ducato nostro Normanniae.*

— *Ex mero motu nostro concessimus et concedimus per præsentés eidem Alvaro centum marcas.*

— *We charge you that ye deliver unto him a cupp of golde of XL marc and C marc therecine, etc.*

Como nos aconselha o mesmo historiador podem ler-se os documentos na integra e traduzidos no *Quadro elementar*, tomo XIV, no *Catalogo dos Mss. portuguezes no Museu Britanico*, e, sobretudo, na collecção ingleza de Rymer.

Sr. Pinheiro Chagas, *Hist.*, t. II, pag. 323 e segg.

FIM DAS NOTAS.



INDICE

	Pag.
Prologo d'esta edição.....	vii
» da primeira	xi
Parecer do sr. Thomaz Ribeiro	xv
Juizo critico do sr. Vidal.....	xxviii
Filippe d'Affonseca	1
O Abbade João	13
Pero Gallego	27
Francisco Manoel do Nascimento	35
Fernão Rodrigues Pacheco.....	41
Batalha do Bussaco.....	47
Brites de Almeida	53
Martim de Freitas	65
D. João d'Eça.....	71
Lopo Martins	79
Pedro Esteves	85
Martim Fernandes.....	93
Salvador Ribeiro de Sousa.....	99
O conde dos Arcos	111
O Preste João.....	123
D. Pedro Affonso	129
Fernando Affonso	139
O consorcio mysterioso.....	145
Luiz de Brito	153
Soror Rosimunda.....	161
Espinhos e louros.....	167
Ouro e peste	179
D. Alvaro Vaz d'Almada	193
Vasco da Gama.....	207
Notas	219

Received of the Treasurer of the State of New York
the sum of \$1000.00

for the purchase of land for the State

in the County of Albany
to wit: the land of the
State of New York
in the County of Albany
to wit: the land of the
State of New York

in the County of Albany
to wit: the land of the
State of New York
in the County of Albany
to wit: the land of the
State of New York

in the County of Albany
to wit: the land of the
State of New York
in the County of Albany
to wit: the land of the
State of New York

in the County of Albany
to wit: the land of the
State of New York

ERRATA

As principaes correccões a fazer 'neste livro são as seguintes, sendo facil ao leitor instruido o corrigir outros lapsos menos importantes :

Pagina	6 — a honra	— <i>leia</i> —	e honra
»	7 — e a fé	»	e á fé
»	7 — lucta contar	»	lucta cantar
»	20 — morreu para	»	morreu por
»	51 — Á honra	»	A honra
»	74 — vellas	»	velas
»	91 — os fe	»	os fez
»	91 — lavaram	»	levaram
»	106 — to o	»	todo
»	116 — um cavairo	»	um cavalleiro.



ERRATA

The following corrections should be made to the
 original text in order to bring it into conformity
 with the original.

Page	Line	Original	Correction
1	1	1	1
2	1	2	2
3	1	3	3
4	1	4	4
5	1	5	5
6	1	6	6
7	1	7	7
8	1	8	8
9	1	9	9
10	1	10	10
11	1	11	11
12	1	12	12
13	1	13	13
14	1	14	14
15	1	15	15
16	1	16	16
17	1	17	17
18	1	18	18
19	1	19	19
20	1	20	20
21	1	21	21
22	1	22	22
23	1	23	23
24	1	24	24
25	1	25	25
26	1	26	26
27	1	27	27
28	1	28	28
29	1	29	29
30	1	30	30
31	1	31	31
32	1	32	32
33	1	33	33
34	1	34	34
35	1	35	35
36	1	36	36
37	1	37	37
38	1	38	38
39	1	39	39
40	1	40	40
41	1	41	41
42	1	42	42
43	1	43	43
44	1	44	44
45	1	45	45
46	1	46	46
47	1	47	47
48	1	48	48
49	1	49	49
50	1	50	50





